

Silva Marpes

Handwritten signature or text in the top right corner, possibly reading "L. J. ...".

Granja

$\frac{2}{68998}$

Ways

CARTA, E RESPOSTA

SOBRE O ODIO DOS INIMIGOS FRANCE-
ZES, E SOBRE O ORNATO DAS MU-
LHERES,

Occasionadas por hum Sermão, que se prégou na Igreja de S. Paulo da Cidade de Lisboa no primeiro de Janeiro de 1811, e publicadas por hum íntimo amigo do Prégador, Fr. José de S. Cyrillo Carneiro, Religioso da Ordem da Senhora do Carmo Calçado da Provincia de Portugal, Doutor pela Universidade de Coimbra, Censor Regio do Santo Officio, e Examinador das Tres Ordens Militares.



LISBOA,
NA IMPRESSÃO REGIA.

1811.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

COMPRA

230010

8
68998

INSTITUTO VENEZOLANO DE INVESTIGACIONES CIENTÍFICAS
INSTITUTO VENEZOLANO DE INVESTIGACIONES CIENTÍFICAS

INSTITUTO VENEZOLANO DE INVESTIGACIONES CIENTÍFICAS
INSTITUTO VENEZOLANO DE INVESTIGACIONES CIENTÍFICAS
INSTITUTO VENEZOLANO DE INVESTIGACIONES CIENTÍFICAS
INSTITUTO VENEZOLANO DE INVESTIGACIONES CIENTÍFICAS
INSTITUTO VENEZOLANO DE INVESTIGACIONES CIENTÍFICAS

INSTITUTO VENEZOLANO DE INVESTIGACIONES CIENTÍFICAS
INSTITUTO VENEZOLANO DE INVESTIGACIONES CIENTÍFICAS
INSTITUTO VENEZOLANO DE INVESTIGACIONES CIENTÍFICAS

INSTITUTO VENEZOLANO DE INVESTIGACIONES CIENTÍFICAS

ADVERTENCIA.

§. 1.

MOstra-se nesta Obra , 1. Que sem embargo de ser não só licito , mas devido fazer-se com legitima authoridade aos Francezes todo o mal necessario , e conducente para a defeza inculpavel da Patria , do Throno , e da Religião , e deverem sempre aborrecer-se as suas iniquidades , com tudo he erro de Fé , que seja licito a alguem ter-lhes odio ; que o Preceito Divino do amor dos inimigos se não entenda igualmente a respeito de todos elles , e ainda mesmo de quem os manda , que a respeito de quaesquer outros ; que a salvação de hum tal já seja impossivel em razão de seus delictos ; e que possa alguem salvar-se sem os amar , como a si mesmo , e sem lhes perdoar as offensas : 2. Que se pecca mortalmente em rogar-lhes pragas , assim como a quaesquer outros homens : 3. Que he peccado mortal não só andarem as mulheres nuas , como andão , já nas espadoas , já no peito , já nos braços ; fazerem-se mais formosas , caçando-se ; e irem á Igreja com a cabeça

descuberta, mas tambem consentir-lho quem nellas tem authoridade : 4. Qual seja o theor do Breve, em que o Papa Pio VII. excommungou os Francezes.

§. 2.

Vindo-me á mão a Carta, e Resposta atraz mencionadas, e examinando eu, quanto pude, a substancia d'ambas, pareceo-me interessante fazer que sem demora se imprimão, a fim de que possa mais facilmente chegar á noticia de muitos a solida, e recommendavel doutrina, que na dita Resposta se contém. Ainda que tenho amizade grande ao Prégador, que a occasi^{ou} com o seu Sermão, não he por isso que me proponho, e emprehendo a sua impressão; he somente pelo desejo, que tenho, de que aproveite huma doutrina tão solida, e tão sã, e de que sei ha huma grandissima precisão. Conheço perfeitamente que huma tal Obra vai inquietar infinitas consciencias, e por isso á primeira vista será para o commum das gentes hum escandalo semelhante áquelle, que era para os Judeos a prégação da vinda, e divindade do Messias. Mas por isso mesmo ainda mais desejo que ella se publique sem demora; conheço pois igualmente que he

de absoluta necessidade inquietarem-se quantas póde esperar-se, que sem dúvida se inquietem. Por quanto he falso, e mal fundado o socego, que estão gozando, e sómente, succedendo a este aquelle, que a Obra he capaz de ir occasionar, he que poderá salvar-se quem segue, ou pratica o contrario do que nella se recommenda. A' proporção logo que os Leitores benevolos a forem lendo, se irão persuadindo mais, e mais de que, o que digo, he verdade. Oxalá que della tirem todos o fructo, que lhes convem, e que ella he capaz de produzir nos que a lêrem com a precisa reflexão. Como porém esta Obra ha de ser lida por Individuos de mui diversa intelligencia, e alguns, que não attenderem devidamente ás circumstancias, em que o Author da Resposta se explica assim, divisarão nella dureza grande, persuadão-se todos comigo, e convenção-se de que elle, cujos sentimentos me são evidentes, só intenta (relativamente aos Francezes) impugnar o excesso dos que, talvez por se não explicarem, como devem, dão ança a se transgredir o que Deos manda.

§. 3.

E deverá reputar-se apocrifo todo o

volume da mesma Obra , em que se não
vir pelo seu proprio punho o nome do
Editor.

CARTA,

EM QUE HUM PAI DE FAMILIA PERGUNTA AO
SEU CURA O QUE DEVE OBRAR SOBRE O
ODIO DOS INIMIGOS FRANCEZES, E
SOBRE O ORNATO DAS MULHERES.

M.^{to} R.^{do} S.^r P.^c Cura:

§. I.

EU me sinto indizivelmente consternado, e afflicto, e se v. m. me não socega com promptidão, perco o juizo, e não viverei muito. Por quanto, depois de ter ouvido nesta Capital, e em Coimbra muitos, e optimos Prégadores fallarem dos inimigos Francezes de tal modo, que sahia o povo das Igrejas capaz de lhes beber o sangue, e trincar-lhes o coração, se lho permittissem as circumstancias, por infelicidade minha, entrei hontem na Igreja de S. Paulo, e ouvi prégar cousas taes sobre

o mesmo ponto , que me ficou summamente inquieta a consciencia , e como que sinto dar-me volta o entendimento.

§. 2.

A ser assim o que ouvi , tem sido nullas , e sacrilegas todas as Confissões , e Communhões , que fiz , vai já em tres annos ; porque eu á imitação dos mais aborrecia-os de todo o meu coração ; rogava-lhes infinitas pragas , e maldições ; alegrava-me com o seu mal ; entristecia-me com o seu bem ; sentia não poder vingar-me logo do mal , que elles me fazião , e me vingava , quando mo permittião as circumstancias. Só reconhecia nelles a figura d'homens , e por isso nunca os amava , antes além da satisfação , que tive em os Paizanos matarem muitos na primeira invasão até , que entrá-rão em Lisboa , e depois mesmo da Capitulação , tive largo tempo , e manifestei ham desejo grande de que se fizesse naufragar os navios , em que pela Restauração embarcá-rão , já em castigo de terem cá vindo , já a fim de cá não tornarem.

§ 3.

Como Leigos , Ecclesiasticos , n'huma

palavra , pessoas de todo o genero , ainda mesmo recommendaveis por suas letras , e virtudes , clamavão continuamente contra os mesmos Prizioneiros , e dispersos desarmados , dizendo : He bem feito que se matem ; leve-os o diabo ; não são homens , são demonios baptizados , e outras cousas semelhantes ; frequentei os Sacramentos nos nove mezes e meio , que da primeira vez cá estiverão , sem me remorder a consciencia , nem advertir que por isso andasse indisposto , para os ir frequentando . E porque além desta geral disposição dos animos , no Setembro de 1808 , em que fomos restaurados , principiárão os Ministros do Senhor a fallar nas Acções de graças de tal modo , que , se fosse possível , até as mesmas pedras conceberião contra elles , e contra quanto lhes perrencia , a maior indignação , e o maior odio , ainda menos razão fiquei tendo de me doer a consciencia .

§ 4.

Não se fazendo logo caso algum de ter odio aos Francezes , quando cá vierão a primeira vez ; vendo-se que tornarão segunda , e terceira , e que se está soffrendo actualmente , quanto mostra a experiencia ; achando-se a Capital ameaçada por elles , ain-

da que sem perigo de a invadirem ; ouvindo-se de continuo a Mestres da primeira ordem , que já não pôde salvar-se o Napoleão pelas suas muitas iniquidades , e injustiças ; lendo-se de vez em quando em papeis públicos expressões mais , que sufficientes , para se ficar pensando que taes inimigos não estão na classe daquelles , a quem Jesus Christo manda que todos amem , e beneficiem ; vendo-se continuamente no Psalmo 118. vers. 113. , que o Santo Rei David aborrecia os maos , *iniquos odio habui* ; e sobretudo prégando-se no Advento de 1810 no Pulpito d'huma das Igrejas mais frequentadas desta Capital , que se não entende a respeito dos Francezes o preceito *diligite inimicos vestros* , amai a vossos inimigos , por elles atacarem ; e offenderem não a pessoas particulares , mas a toda a Nação , o que se provou com o exemplo de Christo , e de S. Paulo ; pensava eu em taes circumstancias , que a seu respeito não era peccaminoso ; ao menos gravemente , nem o odio , nem a vingança.

§. 5.

O tal Prégador pôde gloriar-se de que inquietou assim muita gente ; mas elle o pagará bem caro ; porque , apenas fallou

em semelhante ponto , se converteo em summa displicencia a grande satisfação , com que todos o estavam ouvindo ; e por isso logo alguns , que se propunhão encomendar-lhe Sermões , em despique delle reprehender o odio , e persuadir o amor de taes inimigos , o não quizerão. Não obstante pois saberem todos que o odio dos Francezes he quasi universal , nem os mais observantes fazem disso caso algum , já no Confessionario , já no Pulpito , contentando-se , quando muito , com a recommendação do amor do proximo em geral , *como* *podéra* , e devêra fazer o Pregador , lembrando-se effectivamente de que persuadir o amor de taes inimigos a quem estava indignado até não mais contra elles , era deitar oleo no incendio , e obrar com impolitica , e com imprudencia , principalmente não o pedindo , nem o permittindo a materia do Sermão.

§. 6.

Como pude conseguir que o tal Sermão se fiasse de mim por algum tempo , transcrevi o assumpto , e a parte , de que todos absolutamente se escandalisarão , para eu consultar a quem houvesse de socegar-me a consciencia. Rogo-lhe que exami-

ne bem, se com effeito he impossivel salvar-se quem não deixar de ter odio áquelles inimigos, advertindo que muitas pessoas instruidas, e virtuosas não os distinguem dos demonios; e, se além disso ha rigorosa obrigação de cada hum os amar, como a si mesmo, quanto for compativel com a defeza innocente da nossa causa; segundo lá dizia o mesmo Prégador; e me queira avisar do seu parecer, quanto antes; dizendo-me tambem, se he licito alegrarmos-nos com elles serem derrotados, ainda mesmo sendo ilicito o ter-lhes odio.

§. 7.

Depois do Prégador pelo motivo já dito me ter inquietado muito a consciencia, inquietou-ma tambem algum tanto, dizendo que he peccado grave o trajo actual, que innumeraveis mulheres em razão da moda praticão ha muitos annos, já andado meias nuas, já entrando com a cabeça descuberta nos Sagrados Templos, já fazendo-se mais formosas artificialmente, isto he; caiendo-se.

§. 8.

Aquelle Prégador bem mostra que ain-

da não está desabusado , como á mais da gente. Que póde pois seguir-se das mulheres trazerem os braços nús , e o pescoço , ou peito sem lenço ; não se seguindo cousa alguma dellas assim trazerem a cara em todo o lugar , e em todo o tempo ? Velhas , e novas , Senhoras , e criadas , virtuosas , e mundanas , quasi todas assim andão. Que importa entrarem nas Igrejas com a cabeça descuberta , como entrão os homens , ou inculcarem formosura , que na realidade não tem ? E he porventura crível que , se isso fosse peccado , nem a seus Parocos , nem a seus Confessores fizesse remorder a consciencia deixallas andar assim ? Com tudo , como tenho mulher , e filhas , e nem quero incommodallas superfluamente , nem encarregar a consciencia , rogo-lhe que me diga tambem , se he peccado mortal assim andarem ; porque , sendo-o , terei então d'obstar a que ellas assim andem.

O Assumpto , e a Parte do Sermão , de que tenho fallado , he do theor seguinte :

A S S U M P T O .

Vós vereis que da Santa Virgem de-

pende muito a nossa felicidade, e que, além de a invocarmos de continuo, devemos invocalla devidamente, fazendo para isso quanto seu Filho manda.

PARTE DO SERMÃO;
DA QUAL TODOS SE ESCANDALISARÃO.

§. 1. .

COnfiar na Santa Virgem, sem fazer della o devido caso, he loucura a maior do mundo: E como faz della o devido caso quem, sim lhe queima copioso incenso, reza-lhe de vez em quando, recorre a ella nas suas necessidades, e recommenda muito a sua devoção, mas entretanto não cumpre o que o Evangelho manda, como condição, sem a qual se não pôde salvar alguém? A fe sem obras he morta, e semelhante a hum corpo sem alma. Que importa logo confiar muito na Santa Virgem quem a mortifica á proporção das offensas feitas a seu Filho, o qual se offende infinitamente com todo o peccado mortal, que

se commette de vez em quando ? Fazer della o devido caso , sem a amar sinceramente , he impossivel até não mais. Amalla sinceramente , sem amar do mesmo modo a seu Filho , a quem ella amou , e ama sempre , como nem os mesmos Anjos , repugna absolutamente. Sendo logo impossivel amar a ella , sem amar a elle ; e não podendo cada hum amar sufficientemente a elle , sem amar , como a si mesmo , ainda os maiores inimigos , que tem , quem não vê que são hypocritas , e fanaticos , e que andão enganados todos , os que reconhecendo-se fóra da graça do Filho , e não cuidando efficazmente em se reconciliarem com elle , antes olhando com indifferença o miseravel estado , em que andão , ainda assim se inculcão , ou se fingem mui devotos da Mãi ? Devendo-se pensar incessantemente que ella se interessa muito na conversão dos ímpios , e que lhe resulta muita satisfação delles se converterem , ninguém pense que , durante a sua impiedade , lhe merecem attenção alguma os obsequios , e os sacrificios , que huns taes lhe fazem. Maria sem dúvida se gloria muito de que todos a procurem , e della se utilizem ; porém muito mais se gloria de ver a seu Filho isento , e livre de offensas. Não se nega aos peccadores , antes he refugio del-

les, segundo a frásé da Santa Igreja; porém só os attende á proporção que lhes vê abominar o peccado, em que andão. E por isso nenhum caso faz dos que não amão sinceramente, e do coração, ainda os mesmos Francezes. Por quanto, não obstante elles terem roubado indizivelmente, violado a muitas virgens, abusado de innumeraveis mulheres, morto infinita gente, profanado os Sagrados Templos, insultado a Jesu^s Christo nos Sacrarios, e aos Santos nas suas Imagens, e feito ruinas taes; que muitas, e muitas Potencias tarde, ou nunca poderão tornar ao seu antigo, e florénte estado, tudo isto não obstante, não só he certo, mas evidente que se não salva, quem aborrecer nelles mais, doque as suas iniquidades. E se póde salvar-se quem não deixar de lhes ter odio, então nos engana Jesus Christo, em quanto (Matth. 5. 46.) diz: *Se vós não amais, senão aquelles, que vos amão, que recompensa haveis de ter? Não fazem os Gentios tambem o mesmo? Amai pois (ib. 44.) a vossos inimigos; fazei bem aos que vos tem odio; e orai pelos que vos perseguem, e calumnião; refutando assim o erro daquelles, que se reconheciam obrigados a amar o proximo, porém só reputavão proximo os seus amigos, como ainda hoje fazem muitos dos que por*

desgraça são sal da terra, e luz do mundo. Então nos engana Jesus Christo, em quanto (Matth. 6. 14.) diz: *Se vós perdoardes aos homens as offensas, que elles vos fazem, também vosso Pai celestial vos ha de perdoar as que vós lhe fazeis. E se vós as não perdoardes aos homens, também vosso Pai celestial vo-las não ha de perdoar.* Então finalmente nos engana Jesus Christo, em quanto (Matth. 6. 12.) nos manda pedir ao Eterno Pai, dizendo: *Perdoa-nos as nossas dividas, assim como nós as perdoamos aos nossos devedores.* Mas quem tal dirá, sem que seja mais, que impio?

§. 2.

Eu não ignoro, meus ouvintes, antes sei com evidencia, que até na Cadeira da verdade se tem atizado muito o odio dos Francezes, e ensinado que se não entende a respeito delles o amor, que Jesus Christo a todos manda ter a seus inimigos, em quanto diz: *Diligite inimicos vestros*, mandando-o elle, sem fazer excepção alguma, e mostrando claramente que o seu precetto nenhuma excepção tem; e por tanto sem temeridade assento que, ou a ignorancia de quem tal ensina, em pontos de Religião he muita, ou a sua Religião he semelhante á

que tem os peiores Francezes. Para em tempo nenhuma se acreditar a quem prégasse assim foi, que S. Paulo na pessoa dos Galatas (1. 8.) disse a todos os mais homens: *Se ainda nós mesmos, ou hum Anjo do Ceo vos annunciar hum Evangelho contrario ao que nós vos annunciamos, seja excommungado. Já vo-lo disse, continuava o mesmo Apostolo, e agora vo-lo torno a dizer: Se alguém vos annunciar hum Evangelho contrario ao que vós recebestes, seja extommungado.* E quem não vê que a maldita doutrina de que o preceito de amar os inimigos se não entende tambem a respeito dos Francezes, he contraria á que recebemos do mesmo S. Paulo? Diz pois na sua Carta aos Romanos: (13. 9. 12. 14.) *Estes Mandamentos de Deos: Não commetterás adulterio: Não matarás: Não jurarás: Não dirás falso testemunho: Não cubicarás: E se ha algum outro semelhante, todos elles vem a resumir-se nesta palavra: Amarás a teu proximo, como a ti mesmo: Abençoai os que vos perseguem, abençoai-os, e não os amaldiçoais.* Diz pois na sua primeira Carta aos Thessalonicences: (5. 15.) *Vede que ninguem torne a outro mal por mal; mas fazei sempre bem, assim a vossos irmãos, como a todos.* Diz pois na sua Carta aos Hebreos (10. 30.) *Nós sabemos*

quem he o que disse : *A mihi he que está reservada a vingança , e eu sou o que a farei , diz o Senhor.* Diz pois finalmente poutras muitas partes o mesmo , que Jesus Christo diz , sobre o amor dos inimigos , e sobre o perdão das offensas , declarando (Galat. 6. 10.) que até aos Infiéis se deve fazer bem. *Diui tempus habemus , operemur bonum ad omnes , maxime autem ad domesticos fidei.*

§. 3.

Guerra mais injusta , do que he , a que nos tem feito , e nós fazem os Francezes , talvez se não visse ainda ; além pois d'atacarem cruelmente a Patria , e o Throno , até atacão a Religião , e por isso não se vio inda , nem se verá jámais em todo o mundo repulsa , ou defeza mais conforme a todo o Direito , do que he , fazendo-se que , nem pelos que estão cá , nem por outros alguns haja de tornar a insultar-se a mesma Patria , o mesmo Throno , e a mesma Religião. Mas ainda que até os mesmos Paizanos se achem authorizados , para lhes fazerem , quanto possa preservar-nos da sua tyrannia , e da sua barbaridade , quem não vê que só pelo Direito do Inferno se lhes pôde fazer mal , que nem seja necessario ,

nem seja conducente, para ficarmos triu-
fantes? Em tal caso pois nada ha, que o
possa cohonestar, e nunca he licito repel-
lir huma violencia com outra violencia sem
a moderação da defeza inculpavel. Ora
pergunto: Que utilidade pôde resultar á
nossa causa de termos odio aos Francezes?
Ou elles sabem que lho temos, ou o não
sabem: se o não sabem, procedem certa-
mente, como que lho não tenhamos; e se
o sabem, que cousa mais natural, do que
he fazerem-nos peor ainda? Logo de na-
da serve hum tal odio, senão de se cruci-
ficar assim a Jesus Christo mais cruelmen-
te, do que os Judeos o crucificarão, segun-
do a doutrina de S. Dyonisio Martyr; de
se encarregarem infinitas consciencias; e de
se perderem infinitas almas.

§. 4.

Não penseis, meus ouvintes, que fallo
assim em beneficio dos Francezes; pois só
o faço por Deos, para cuja gloria S. Pau-
lo (1. Cor. 10. 31.) manda que façamos
tudo; e por vós mesmos, para cuja salva-
ção he tão necessario que deixeis de lhes
ter odio, quanto he necessario que guar-
deis os Mandamentos. *Si vis ad vitam in-
gredi, serva mandata*; (Matth. 19. 17.)

e está mostrado com evidencia que toda a Lei se encerra em cada hum amar o proximo; *qui diligit proximum, legem implevit.* (Rom. 13. 8.) Confesso que he licito matarem-se, huma vez que só assim possa defender-se a nossa causa, e nunca falte a moderação da defeza innocente; *vim vi repellere licet cum moderamine inculpatae tutelae*; nego porém que seja licito matarem-se, huma vez que disso não haja, nem possa haver esperança. E que esperança pôde ter de defender a nossa causa, isto he, de salvar a Patria, o Throno, e a Religião, quem os mata, não porque lhes tire a vida, nem lhes faça a minima violencia; mas porque no fôro interno, e diante de Deos, o odio he hum genero de morte, que, não prejudicando nem levemente áquelles, contra quem ella se faz, prejudica a quem a faz até o ponto de privallo da bemaventurança? Diz pois o Evangelista, (1.^a 3. 15.) que *todo o que tem odio a seu irmão, he hum homicida*, isto he, hum matador d'homem; *que nenhum homicida tem a vida eterna permanente em si mesmo; e que aquelle, que não ama, permanece na morte*, isto he, está em peccado mortal.

§. 5.

Malevolos, e vingativos, como não ad-

vertis no vosso engano? Em vez do odio, que manifestais, e tendes aos Francezes, dar testemunho de que desejais sinceramente o bom exito da nossa causa, bem pensado, elle só dá testemunho de que sois inimigos da Patria, do Throno, e da Religião; desafiáis pois com elle a ira do Senhor, e o moveis a que não suspenda o castigo, que assim nos está dando. Em signal de não ser falso o zêlo, que inculcais, ide, ide pegar em armas, para que elles se venção mais facil, e brevemente; e então vos será licito fazer-lhes todo o mal necessario, e conducente para esse fim; com tanto porém, tomái sentido, com tanto porém que sempre lho façais com hum animo tão semelhante áquelle, com que o Cirurgião faz quaesquer operações, com que o Algoz executa qualquer sentença, e com que os soldados arcabuzêão a alguem, quanto o permittitem as circumstancias; e sobre tudo reformai sufficientemente os costumes, dando assim verdadeiras provas de que desejais o bem da Patria, o bem do Throno, e o bem da Religião.

§ 6.

Aborreçamos logo, meus ouvintes, quanto ha' máo nos Francezes; mas a elles, as

suas pessoas , isso não. São nossos próximos , são nossos irmãos ; e cada hum delles custou a Jesus Christo o Sangue , e a vida. Em vez de nós queixarmos delles , queixemos-nos antes de nós mesmos ; são pois hum instrumento , de que o Senhor se tem servido , e se vai servindo , para castigar as offensas , que nós lhè fazemos ; e compadeçamos-nos de que os habilitassem para isso as suas muitas iniquidades. Depois de vermos que tantas mulheres pela sua nudeza , e descompostura são hums symbolos , e hum incentivo da sensualidade , e da luxuria , que muito virem cá os Francezes ? Depois de vermos que tantos Christãos olhão com indifferença , o que Deos , e a Igreja manda , e até fazem gala de darem escandalo , que muito virem cá os Francezes ? Depois de vermos a indignidade , com que tantos Ministros do Sanctuario vivem , e administração os Sacramentos , que muito virem cá os Francezes ? Depois em fim de vermos que se reputa fanatismo ter-se por peccado mortal o comer carne em dias de abstinencia , sem legitima causa ; que se reputa fanatismo ter-se por peccado mortal o comer ovos , e lacticinios nos dias de jejum , o ouvir Missa nos Oratorios particulares em satisfação do preceito da Igreja , quem não he da familia ;

e absolver, ou ser absolvido dos casos reservados quem para isso não está authorisado, já pelo Bispo Diocesano, já pelo Papa, sem haver Bulla da Cruzada, e de legitima taixa; n'humas palavras, que se reputa fanatismo ter-se por peccado mortal o não viver Christamente, que muito virem cá os Francezes?

§. 7.

Nada, meus ouvintes, nada disto haveria, se não se confiasse tão erradamente na piedade da Santa Virgem. Convem muito confiar nella, e invocalla de continuo; mas de nada serve isso, quando se não faz o que seu Filho manda; e vós ha pouco ouvistes quão expressamente elle manda que amemos a todos os nossos inimigos, e que perdoemos a todos os homens as offensas, que elles nos fazem, como condição, sem a qual o Eterno Pai não ha de perdoar-nos as que nós lhe fazemos. Confiemos logo sempre em tão compassiva, e pia Mãe, porém de modo, que ella nos attenda, e nós seremos felizes eternamente.

§. 8.

Eis-aqui, meu Reverendo Padre Cura,

todo o motivo da minha afflicção. Como v. m. além de instruido, e edificante, he desinteressado, e me conhece ha muitos annos, com muita razão assento que me ha de socegar completamente; o que fico esperando com a maior ancia. E em agradecimento de tanto bem, mostrarei sempre que sou

O seu mais benevolo subdito

Sua casa 2 de Janeiro de 1811.

N. P. G.

RESPOSTA

DE

HUM CURA

À CARTA DO PAI DE FAMILIA,

QUE O CONSULTA SOBRE O ODIO DOS INIMIGOS
FRANCEZES, E SOBRE O ORNATO DAS MU-
LHERES,

DIVIDIDA EM TRES PONTOS.

PONTO I.

Do odio dos inimigos Francezes.

§. I.

MEu Amigo, e Senhor, vejo o que na sua me diz, e lendo-a com muita reflexão, com muita mais ainda, li a parte do Sermão, de que v. m. tão forte, como injustamente se está queixando. Nada sinto, antes bem estimo esta sua afflicção, por ver assim que ainda lhe remorde a consciên-

cia, e que v. m. a attende, quando nada disso acontece já ao commum da gente sobre o amor do proximo inimigo: se bem que eu estimaria mais incomparavelmente que em vez de o escandalisar, o edificasse, ver prégar assim, principalmente n'hum tempo, em que os innumeraveis libertinos de algum modo negão que os Francezes sejam nossos proximos, nossos irmãos, e verdadeiros homens, e até que pertenção á classe dos inimigos, a quem o Evangelho manda que todos amem sob pena de se condemnarem eternamente. Quem teme perder o juizo por motivo tal, sem dúvida teme perder aquillo, que não tem; e muito sentirei que v. m. não viva ainda, quanto baste, para se convencer do escandaloso engano, em que anda, a fim de que se não prive da bemaventurança por suas proprias mãos.

§. 2.

Supposto o que na sua me diz, necessito de convencello primeiramente de que, ainda sendo os Francezes mil vezes peiores, do que são, e merecendo que todos, e de todas as Nações se empenhassem na sua total destruição, nem por isso deixariam de ser descendentes do mesmo Adão,

e por consequencia feitos por Deos á sua imagem, nossos proximos, nossos irmãos, e remidos por Jesus Christo á custa do seu sangue, e da sua vida. Em v. m. se convencendo disto completamente, logo ha de achar doce, o que tanto lhe amarga; e espero que sem demora se convença.

§. 3.

He certo que nas cousas corporeas nada vemos, nem sentimos, senão a sua exterioridade, e figura, e só por este meio se conhece com evidencia a que classe ellas pertencem de maneira, que até se fica distinguindo sempre, e com certeza metaphisica o homem de qualquer outro ente corporeo, e qualquer outro ente corporeo do homem. E porque se vio sempre em ánnumeraveis Portuguezes, réos das maiores iniquidades; em innumeraveis filhos de Israel, réos de não acreditarem a divindade, e a vinda do Messias; de lhe fazerem mil insolencias, e de o crucificarem; em Pedro, réo de negar com juramento a seu Divino Mestre; em Paulo, réo de perseguir incomparavelmente a Igreja do Senhor, e ter o maior odio á Religião Christã; em David, réo de furtar a Urias sua mulher, e mandallo matar; e n'outros in-

finitos Individuos , réos de crimes enormes ; e porque , digo , em todos estes se vio sempre a exterioridade , e figura de homem , ninguém jámais deixou de reconhecerellos , e conseguintemente de os olhar em todo o tempo , como seus proximos , e como seus irmãos , da mesma fôrma , que a quantos obravão sempre bem. Ainda que pois o Salmista (31. 10.) diz : *Não vos façais , como o cavallo , e o mulo , que não tem intelligencia* , falla só da moralidade das acções ; e não do fysico dos agentes.

§. 4.

Ora ainda que os Francezes nos tenham feito não só , quanto diz o Prégador , (Serm. §. 1.) mas incomparavelmente mais , ninguém dirá que isso he mais aggravante , do que aquillo , que fez Paulo contra a Igreja , e contra a Religião Christã ; nem do que aquillo , que os filhos de Israel fizeram contra o Divino Verbo feito Homem. Como logo poderemos nós deixar de reconhecer por verdadeiros homens , e conseguintemente por nossos proximos , por nossos irmãos , ainda aos peiores Francezes , vendo-se nelles sempre a mesma exterioridade , e a mesma figura , que nos obrigão a reconhecer , e olhar como taes , a todos os referidos réos , já de Portugal , já de

Israel ? Não bastando as iniquidades de quaesquer outros inimigos , ainda que sejam as maiores do mundo , para ficarmos dispensados , e isentos de os amarmos sempre sinceramente , e do coração , como bastão as iniquidades dos Francezes , para ficarmos dispensados , e isentos de os amarmos tambem sinceramente , e do coração , quanto for compativel com a nossa defeza inculpavel , e innocente ? Será por ventura mais sensivel o estrago feito pelo ferro , ou pelo chumbo delles , do que he , o que se faz de vez em quando pelo d'hum Compatriota , d'hum Amigo , ou d'hum Parente ? Ainda que os Portuguezes fação huns aos outros não só , quanto nos tem feito , e nos fazem os Francezes , porém muito mais incomparavelmente , podem sim os offendidos queixar-se ás legitimas Authoridades , e exigir destas que lhes dêem huma justa satisfação , e os fação indemnisar proporcionalmente ; mas se o exigirem movidos do odio , da vingança , ou de qualquer outra paixão , e sem que seja simplesmente por amor da justiça , peccão sem dúvida mortalmente ; e em quanto os não amarem como a si mesmos , em quanto , salva a virtude da mesma justiça , lhes não perdoarem todas , e quaesquer offensas , que delles tenham recebido , he hum

sacrilegio, que fazem, cada Sacramento, que administração, ou recebem. E porque não acontece o mesmo a respeito dos Franceses? Qual he a razão da differença? Que he o que póde fazer, ou faz licito praticar-se contra elles aquillo, que nada póde fazer, nem faz licito praticar-se contra quaesquer outros malfeitos, já da mesma Patria, já do mesmo sangue? Porque se não pecca da mesma fórma, e se não commettem os mesmos sacrilegios na administração, ou no uso dos Sacramentos? Está mostrado com evidencia (§. 3,) que elles são nossos proximos: dizendo-se que não somos obrigados a amar o proximo com hum acto interno, e formal, isto he, sinceramente, e do coração, o Papa Innocencio XI. nos obriga a seguir que sim, prohibindo rigorosamente a todos os Fieis a prática dessa opinião, e reservando a si a absolvição da excommunhão *late sententia*, comminada por elle contra quem a defender, ou publicar, ou ensinar, ou della disputar, já pública, já particularmente, a não ser impugnando-a. Como logo póde ser licito o ter-lhes odio, havendo obrigação de os amar interna, e formalmente, contra a Proposição 10.ª entre as condemnadas pelo dito Innocencio XI. *Non tenemur proximum diligere actu interno, et formali?*

Como he impossivel não estar v. m. convencido de que os inimigos Francezes são homens como nós, filhos do mesmo Adão, e consequentemente nos os proximos, e nossos irmãos, sem dúvida o he tambem que possa julgar-se dispensado, e isento de os amar, como a si mesmo; de fazer-lhes bem sem prejuizo da nossa causa; de rogar a Deos por elles efficacemte; de lhes perdoar as offensas, que lhe tem feito, e lhe fizerem inda, menos a obrigação de o indemnizarem, podendo; n'humá palavra, de tratallos, como v. m. quereria ser tratado em iguaes circumstancias, tudo sob pena de se condemnar eternamente. E não o fazendo v. m. assim, tenha por certo, e assente que, quanto mais reza o *Padre nosso*, tanto mais pede a Deos a sua propria condemnação; pede-lhe pois alli claramente, que lhe perdoe as offensas, que v. m. lhe tem feito, assim como v. m. perdoa as que lhe fazem os Francezes, visto serem seus devedores, e v. m. não os exceptuar, ou excluir na dita Oração; que assim como v. m. aborrece nelles, não só as suas iniquidades, mas a elles mesmos, e as suas pessoas, assim tambem elle aborreça em v. m. não só as suas ini-

quidades , mas a v. m. mesmo , e a sua mesma alma ; que assim como v. m. deixa de amar os Francezes , assim tambem elle deixe de amar a v. m. ; n'humra palavra , que assim como v. m. não he pio , nem misericordioso para com os Francezes , quanto lho permite a sua defeza inculpavel , assim tambem elle não seja pio , nem misericordioso para com v. m. , quanto lho permite a sua infinita justiça. Meu Amigo , muito mal faz a infinita gente não reflectir , como deve ser , nas circumstancias desta súpplca , fazendo-se ella com muita frequencia !

§. 6.

Que v. m. , ouvindo na Igreja o Sermão , não cedesse logo ao pezo das razões , em que o Prégador se funda , mostrando com evidencia que , sendo licito matarem-se os Francezes , e fazer-se-lhes todo o mal , huma vez que isso seja necessario , e conducente , para salvar-se a Patria , o Throno , e a Religião , e nunca falte á moderação justa , e devida , assim mesmo não he licito , que se lhes tenha odio ; já porque nada se beneficia com elle a nossa causa ; já porque elle he hum genero de morte , que , não prejudicando nem leve-

mente aquelles, contra quem ella se faz, prejudica a quem a faz, até o ponto de privallo da Bemaventurança; já em fim porque he intrinsecamente máo; que v. m., digo, ouvindo isto, não rendesse logo o seu entendimento, e não se persuadissem logo do miseravel estado, em que anda, pouca desculpa tem, supposta a clareza do mesmo Sermão. Porém que v. m., transcrevendo isso mesmo, que ouvio, nem então se desenganasse completamente, e lhe ficassem merecendo inda attenção as futilidades, que me expõe, denota sem dúvida, o que eu callo por decencia.

§. 7.

Meu Amigo, tenha por certo, e assente, que o Prégador nada disse, dizendo muito; porque naquella Parte do seu Sermão nada se encontra, que não seja Direito Natural, e Direito Divino, e por consequencia ninguem póde oppor-se áquillo, sem que se opponha a algum delles, ou a ambos. Embora fossem optimos Prégadores todos esses, que v. m. diz fazião sahir o povo das Igrejas em termos de beber o sangue, e trincar os corações dos Francezes, e que fallavão no Pulpito de tal modo, que, se fosse possível, até as mesmas

pedras conceberião contra elles , e contra quanto lhes pertencia , a indignação , e o odio maior do mundo : não o erão certamente , por assim prégarem ; antes humas taes prêgações constituião-nos réos de quantas faltas de caridade por isso se commettião ; davão testemunho de que elles nenhum caso fazião de Jesus Christo (Matth. 11. 29.) então mesmo lhes estar dizendo : *Aprende de mim , que sou manso , e humilde do coração ; e até os inhabilitavão , para reterem licitamente , quanto assim adquirião. Em quanto assim , mostravão com evidencia , que estimavão menos a approvação de Deos , do que a approvação dos homens ; que antes querião agradar-lhes , do que livrallos de virem a condemnar-se eternamente ; e que não lhes fazia pezo algum dizer , como diz , S. Paulo (Galat. 1. 10.) em iguaes circumstancias : He acaso dos homens , ou he de Deos , que eu desejo ser approvado ? Ou he aos homens , que eu pertendo agradar ? Se eu quizesse ainda agradar aos homens , não seria servo de Jesus Christo. Definindo-se , como se define , o escandalo a ruina espiritual do proximo , quáo escandalosas se não devem reputar semelhantes declamações ? A quem as faz tomará Deos conta das almas , que se perderem , por assim se ter prégado. E cha-*

ma-se a isto Acção de graças entre os Christãos! Quantas vezes se procedeo assim, outras tantas se profanou a Cadeira da verdade, insultou-se a Deos, e se mereceo que tornem cá os Francezes, depois talvez de alguns dos mesmos no tempo de Junot fazerem outro tanto em abonarem nella a maldita empreza daquelles nossos irmãos, prescindindo assim até de que Deos (Prov. 8. 13.) *detesta a boca de duas linguas.*

§. 8.

He verdade que os povos devem animar-se á defesa de huma causa tão importante; e tanto mais, quanto maior for a necessidade de repellir a violencia, que aquelles inimigos se propoem fazer-nos, e nos fazem. Mas quem não vê, que só he licito animarem-se de modo, que Lei nenhuma se infrinja? Diz pois S. Paulo (Rom. 3. 8.) que não se faça mal, a fim de seguir-se bem. *Et non faciamus mala, ut veniant bona.* Embora os hypocritas, e os libertinos digão, como sem pejo, e sem Religião dizem, que o odio dos Francezes he licito; já porque havendo-o, se matão muitos, que aliás se não matarião; já porque, não o havendo, os donativos diminuem-se, e até se extinguem; ninguem pé-

ga em armas voluntariamente , e muito menos ha quem nos defenda ; a mesma Tropia acampada não avança tanto , e com tanta energia , quando a mandão ; e quem a manda , se não vale tanto dos estratagemas , e das traições , que até os Moralistas mais séveros approvão , e admittem ; embora huns taes assim digão , como sem pejo , e sem Religião dizem : só a consideração de que o odio he intrinsecamente máo ; e de que nem o mesmo Deos com a sua Omnipotencia pôde fazer que seja licito aquillo , que he máo intrinsecamente , sejam , quaes forem as circumstancias ; só a consideração de que repugna absolutamente haver caso , ou circumstancia , em que seja licito ao homem ter odio a alguém , não havendo caso , ou circumstancia , em que lhe seja licito vingár-se de quem lhe fez mal , visto o Senhor (Rom. 12. 19.) reservar para si a vingança , *mibi vindicta : ego retribuam* , e prohibir expressamente (Eccl. 18. 1.) que alguém se vingue , *qui vindicari vult , a Domino inveniet vindictam* ; só finalmente a consideração de que por mais justa , que a guerra seja , he sempre illicito , quanto mal se faz por causa della , não o authorisando legitimamente o Principe , e de que , ninguem absolutamente , nem o mesmo Deos pôde

authorizar o odio em alguma circumstancia, só, digo, só estas considerações mostram com evidencia, que, nem para salvar todo o mundo, se pôde elle ter ainda a inimigos mil vèzes peiores, do que são os Francezes, sem que se peque sempre mortalmente. Como logo o podem fazer licito os donativos, e mais circumstancias, em que esses taes se fundão? Só a falta de razão, e de Religião faz, que assim se pense. Para remediar esses inconvenientes ha authoridade em qualquer Principe belligerante, quando para fazer licito o odio, nem o mesmo Deos a tem: se bem que os que mais abundão nelle, e os que mais o julgão necessario, e conducente, para os inimigos se vencerem, são ordinariamente os que, ou não tem prestimo algum, ou o negão, se o tem, segundo mostra a experiencia; assim como tambem mostra de vez em quando, que huns taes pertendem encubrir a sua falta de Religião com aborrecerem a quem Deos lhes manda, que amem, como a si mesmos; com chamarem Jacobinos a quantos punem pela observancia do Divino Mandamento, impugnando o odio, isto he, o aborrecimento, o rancoor á pessoa dos Francezes.

§. 9.

Eu , meu Amigo , até agora tinha-o por menos máo Christão ; mas , lendo na sua carta , como v. m. se tem portado a respeito dos Francezes , e que ainda assim frequentava os Sacramentos , sem lhe rememder a consciencia , persuado-me , e assento , que talvez o commum delles tenha mais humanidade , e mais Religião , do que v. m. assim mostra , que tem , e quantos o imitação. Já vejo , que muitos Christãos só differem dos Gentios em serem peiores , do que elles são ; combinando pois o que Jesus Christo (Luc. 6.) diz , que elles fazem huns aos outros , com o que fazem huns aos outros innumeraveis Christãos , quem não divisa nestes hum coração mais barbaro incomparavelmente ? Dizendo Jesus Christo , como (Luc. 6.) diz a todôs : *Tratai os outros homens da mesma fórma , que vós quereis , que elles vos tratem ;* sem dúvida tem v. m. mostrado , que nenhum caso faz desta regra de eterna verdade , a mais importante. E se não pergunto : Quanto lhe não pareceria mal , que alguem a seu respeito se portasse , como v. m. se tem portado a respeito dos Francezes ; ainda tendo v. m. feito peor incómparavelmente ? Não se considere desculpado pela ignorancia ; por-

que Deos lhe gravou no seu coração huma Lei, que lhe prohibe fazer a outrem aquillo, que v. m. quer, que outrem lhe não faça de modo algum; e por tanto em vez dos Sacramentos, que tem recebido, desde que principiou a portar-se assim, lhe tirarem os peccados, que tinha, lhe occasionarão muito o seu augmento, por ficarem existindo sempre os mesmos, e commetter além disso hum sacrilegio em cada hum.

§. 10.

Tanto na satisfação, que v. m. teve em os Paizanos matarem a muitos Francezes, já antes destes chegarem a Lisboa, quando cá vierão a primeira vez, já sempre que o fizerão sem legitima authoridade, como no desejo de que se mettessem a pique os navios, em que elles depois da Capitulação embarcárão, commetteo sem dúvida todas as vezes, moralmente distinctas, que teve essa satisfação, e esse desejo, tantos peccados mortaes, quantas forão as pessoas, que os Paizanos matarão, e quantas serião, as que havião de morrer, se os navios fossem ao fundo, além do gravissimo peccado correspondente ao prejuizo dos cascos, e trem dos mesmos navios, como tambem aos damnos, que dessa grande mor-

tandade resultou, e havia de resultar ás mulheres, aos filhos, n' huma palavra, ás familias dos que fallecêrão, e dos que fallecerião. E para que v. m. melhor comprehenda o mal, que fez, e de que Deos lhe ha de tomar conta, supponhamos que os Paizanos então matárão mil Francezes, e que v. m. cem vezes nisso teve satisfação, e prazer; para com Deos ficou, e está réo de cem mil homicidios voluntarios. Supponhamos agora que v. m. manifestou essa mesma satisfação, e prazer a cem pessoas por muitas vezes, outras tantas commetteo cem peccados mortaes em razão do escandalo, que assim lhes causou. Em quanto porém aos que v. m. desejou que morressem affogados, supponhamos que entre Francezes, Inglezes, e outros, se achavão nos taes navios trinta mil pessoas, e que v. m. desejou esse naufragio cem vezes; para com Deos ficou, e está réo de commetter outros tantos mil homicidios voluntarios, isto he, tres contos de milhares de homicidios. Supponhamos agora que os navios com todo o seu trem valião sincoenta milhões de cruzados; commetteo v. m. todas as vezes, moralmente distinctas, que teve esse desejo, hum peccado tamanho, como commetteria, se furtasse outras tantas a quantia de sincoenta milhões. E nunca v. m.

manifestou hum tal desejo , que não peccasse mortalmente á proporção do numero das pessoas , e da natureza do prejuizo , que desejava a seus irmãos , como tambem do incalculavel damno , que resultou , e havia de resultar ás suas familias do que fizeram os Paizanos , e do que em tal caso faria o naufragio.

§. II.

Se alguem lhe disser , que só he réo de homicidio quem mata o homem , e que v. m. , gloriando-se mesmo de que os Paizanos matassem a muitos , e desejando que morressem affogados , quantos se embarcáram , a nenhum matou vez alguma , responda-lhe affoitamente , que na frase do Evangelista (1.º 3. 15.) *he homicida todo , o que tem odio a seu irmão*; assim como na frase de S. Mattheus (5. 28.) *já no seu coração adulterou com huma mulher todo , o que olha para ella , cubiçando-a*. E por tanto que repugna absolutamente deixar v. m. de ficar sendo réo da mortandade , que se fez pelos Paizanos , e da que houvesse de ser feita pelo naufragio , como que v. m. a fizesse por suas proprias mãos , havendo só a differença de não ter assim de resarcir damno algum a quem ficou , ou ficaria damnificado , a não ter sido complice dos homicidios , que se fizeram.

§. 12.

Quando porém lhe digão que a nossa causa era muito justa ; que sem embargo dos Francezes fingirem que vinhão proteger-nos , sabia-se que vinhão cativar-nos ; e que , tornando elles para a França , cá voltarião brevemente , o que tudo tem mostrado a experiencia ; responde v. m. tambem affoitamente , que a ninguem he licito matar , nem desejar que se mate a alguem , quando o matador não se acha legitimamente authorizado , já pelo Principe , já pelo Direito Natural.

§. 13.

Não obstante constar da Escritura Santa , que o guerrear he licito ainda mesmo aos Christãos , e Sylvio ter isso por verdade de fé , com tudo só he licito 1. Quando a guerra se faz com authoridade pública ; 2. quando he justa a causa , porque ella se faz ; 3. quando a intenção , com que a mesma se faz , he recta ; 4. quando se faz com justa moderação ; de maneira que , faltando ainda só huma destas quatro circumstancias , he sem dúvida imputavel todo o damno , que por via della se causa , já a quem o manda fazer , já a quem o faz

sem ser mandado , ou sem se lhe poder mandar. Ora pergunto: Com que authoridade matarão os Paizanos a esses Francezes, de cuja morte v. m. diz , que lhe resultára satisfação? Longe do Principe Regente os deixar authorizados , para assim obra-rem , deixou ordenado expressamente o contrario , dizendo nas Instrucções dadas aos Governadores do Reino a 26 de Novembro de 1807 o seguinte: *Procurardõ, quanto possivel for, conservar em paz este Reino; e que as Tropas do Imperador dos Francezes, e Rei de Italia sejam bem aquarteladas, e assistidas de tudo, o que lhes for preciso, evitando todo, e qualquer insulto, que se possa perpetrar, castigando-o rigorosamente, no caso que aconteça*, advertindo que sabia muito bem a quem elles com especialidade se propunhão atacar , até o ponto de dizer n'hum Decreto da mesma data: *Conhecendo igualmente que ellas se dirigem muito particularmente contra a Minha Real Pessoa.* Não duvido que depois de se ausentar o Principe , os Governadores do Reino podião authorizallos para isso , se assim o pedissem as circumstancias , presumindo o consentimento do mesmo Principe ; mas nem ellas o pedião , nem elles tal authoridade então derão ; antes cumprirão exactamente , quanto lhes ficou determina-

do, como se vio com evidencia. Com que authoridade logo se vingárão assim os Paizanos, de quem não só Deos, mas tambem o Principe lhes mandava que tratassem, como seus irmãos? Embora em cá virem fizessen injuria grande: como Deos (§. 8.) authorizou os Principes, para em seu nome a tomarem; e a cada hum dos particulares prohibe expressamente que em caso algum se vingue; veio essa barbara Paizanada a proceder sem legitima authoridade, obrando contra o Decreto do seu Principe; não fazendo caso do que Deos manda; e constituindo-se por consequencia formalmente ré de tantas mortes, quantas então se fizerão, e ficando responsavel por todos os damnos, que dalli resultárão. E que ainda assim custe muito a encontrar quem diga que huns taes matadores fizerão mal, e que, a não remediarem do modo possivel o mal, que fizerão, repugna salvarem-se! Desgraça mais lamentavel certamente a não ha. Embora alguns Ecclesiasticos matassem tambem quantos lhes permittirão as circumstancias: isso prova só hum indesculpavel esquecimento das obrigações do seu estado, e que huns tæes em pontos de Religião discorrem á Franceza. Se elles não ficarão Irregulares, então he fabula a pena da Irregularidade; então er-

erradamente resolveo a Sagrada Congregação do Concilio em 17 de Novembro de 1685, que ficára irregular hum Conego, por matar hum Turco; então erradamente Pio II. dispensou da irregularidade os Religiosos, e Presbyteros, que na Africa guerrearão contra os Mouros; então erradamente concedeo o Papa ao Nuncio de Portugal, que dispensasse com os Ecclesiasticos, que em defeza da Patria matarão, ou mutilarão os Infieis; então erradamente respondeo Honorio III. ao Presbytero Pelagio, que remordendo-lhe a consciencia de ter morto alguém, se abstivesse do ministerio do Altar, sem embargo de o ter feito em defeza da Patria: então em fim erradamente manda o Concilio Tridentino (Sess. 14. de Reformat. cap. 7.) que (por cautella) seja dispensado ainda aquelle, que matou alguém por acaso, ou por salvar a propria vida. Mas quem tal dirá? Muito mal faz entrarem na Jerarquia Ecclesiastica os que Deos lá não chama. E he de pessima consequencia não defender cada hum a Patria, o Throno, e a Religião com as armas proprias do seu estado. Veja-se Ferraris. verb. Bellum.

Sendo tão injusta, e imputavel a mortandade, que fizerão os Paizanos sem legitima authoridade, e que v. m. na sua carta diz que lhe agradára, sem advertir que por isso ficou ella imputando-se-lhe, nada menos seria injusta, e imputavel, antes muito mais ainda em razão de algumas circumstancias, a mortandade, e mais ruina, que havia de experimentar-se, arrombando-se, e indo ao fundo os navios, em que os Francezes embarcárão. Por quanto nem então se procedia com justa moderação, requisito essencial, para ser licita a guerra; (§. 13.) nem se cumpria o que se tinha estipulado, exigindo todo o Direito, e até a mesma honra, que isso se cumprisse exactamente. Se ainda no conflicto da guerra não he licito matar, sendo isto desnecessario, como poderia ser licito, depois de se ter capitulado? Assim como licitamente se faz violencia a quem guerreia, e resiste injustamente, assim tambem se deve ter misericordia de quem está vencido, ou prisioneiro, diz Santo Agostinho (Epist. 189.) *Hostem pugnantem necessitas perimat, non voluntas: sicut enim bellanti, et resistenti violentia redditur, ita victo, aut capto misericordia debetur.* Além

de hum tal naufragio dar a todo o mundo hum testemunho evidente de falta d'honra, de falta d'humanidade, e de falta de Religião, até seria summamente nocivo a Portugal. Quem pois não vê, que as consequencias de semelhante vileza, tyrannia, e crueldade erão sem dúvida empenhar-se até não mais a França, e todas as Potencias suas alliadas em tomar disso vingança, e ficar mal a qualquer Potenciã concorrer, para nos exirmos de lhe dar huma justa, e propõrcionada satisfação? Assim he que, affogando-se, quantos se embarcárão, esses não tornavão cá; mas que exercitos, que horrorosos exercitos não deviamos nós esperar, que viessem despicallõs, aliàs a quem os tinha cá mandado? Mas quando não podessem, nem devessem reccar-se tantos males temporaes, só a consideração de que se transgredia nisso o preceito, em que S. Paulo (Rom. 13. 8.) diz, que se encerra toda a Lei, qual he o da caridade; só a consideração de que na frase do mesmo Apostolo (Rom. 3. 8.) nunca he licito fazer mal, a fim de seguir-se bem; só estas considerações bastavão, para v. m. não commetter a ineffavel, e monstruosa maldade de desejar sinceramente que houvesse hum tal naufragio. E se para esse desejo ser licito bastava evitar-se

que elles cá tornassem , então será licito desejar , que os meninos baptizados morrão antes , que tenham uso de Razão , por não succeder , que depois venhão a condemnar-se ; então será licito desejar , que morra logo , quem se confessa , e communga , por não succeder , que venha a morrer sem estes Sacramentos , segundo morrem muitos. Mas que delirio , e que absurdo mais horrendo ?

§. 15.

Envergonhe-se v. m. logo , e confunda-se com a satisfação , e com o desejo , que diz tivera , mostrando-se assim bem semelhante a Nero , e a Diocleciano , ou peor incomparavelmente. E ainda v. m. diz , que só reconhecia nelles a figura de homens , sendo isso , o que v. m. tem mostrado , que tem de homem ? Em quanto assim , o esperar salvar-se , he sem dúvida tentar a Deos , he fazer zombaria delle , e insultallo. Conheço , que , sendo a sua consulta feita com a devida sinceridade , póde remediar-se ainda todo o seu mal ; e por mais que v. m. tenha violado os Mandamentos , deixando de amar já a Deos sobre todas as cousas , já como a si mesmo , e como v. m. justamente quereria ser amado , ainda os maiores inimigos , que tem ,

ou possa vir a ter , para tudo lhe deixou Christo no Sacramento da Penitencia pron-tissimo remedio. Mas se não usar d'elle de-vidamente, e não reformar a tempo a sua vida , têm certo o condemnar-se , assim co-mo o terá todo, o que estiver em iguaes circumstancias.

§. 16.

Não duvido , antes creio firmemente, que v. m. muitas vezes ouviria a Leigos , e a Ecclesiasticos , ainda sabios , que he bem feito matarem-se , ainda aquelles , que se encontrão desarmados , já prisioneiros , já em liberdade ; que os leve o diabo ; que são demônios baptizados , e outras mon-struosidades semelhantes ; porque isso mes-mo ouvi eu tambem a muitos. Mas que v. m. ouvisse fallar assim , ou rogar-lhes pragas a pessoas virtuosas , e edificantes , isso nego eu absolutamente. Como o Evan-gelho (Matth. 12. 34.) diz , *que a bo-ca falla o de que está cheio o coração* ; co-mo o Apostolo (1. Cor. 13.) diz , que , por mais que elle tenha , e taça , he como o metal , que soa , e como o sino , que tine , e que não he nada , huma vez que não tenha caridade ; como na frase do mes-mo Apostolo (Rom. 13. 8.) Toda a Lei

se encerra em cada hum amar o proximo , como a si mesmo , por maior , e melhor tenda de virtude , que tenham posto , quantos v. m. ouvio fallar assim contra os Francezes , ou contra quaesquer outros homens , persuada-se , e assente , que huns taes nenhuma differença tem daquelles , a quem Jesus Christo Matth. cap. 23. vers. 23. 24. e 28.) dizia assim : *Ai de vós , Doutores da Lei , e Fariseos hypocritas ; porque pagais e dizimo da hortelã , do endro , e do cominho , e deixais de fazer o mais importante da Lei , a saber : a justiça , a misericordia , e a fidelidade. Estas cousas são , as que vós devieis praticar , sem que entre tanto omittisscis aquelloutras. Conductores cegos , que coais hum mosquito , e engolis hum camelo. Ai de vós , Doutores da Lei , e Farizeos hypocritas , que por fóra pareceis justos aos olhos dos homens ; e por dentro estais cheios de hypocrisia , e de iniquidade. Serpentes , geração de viboras , como escapareis vós de serdes condemnados ao fogo do inferno ? Bem poderão elles , e até deverão persuadir-se effectivamente com a Escriitura Santa , com os Santos Padres , com os Romanos Pontifices , e com a mesma razão , de que não he licito a particular algum matar o injusto invasor dos bens da fortuna , ainda que sejam de grandissimo*

valor, e não possam salvar-se de outro modo, a não perigar proxivamente a vida por falta delles. Todo o Direito permittê repellir huma violencia com outra violencia, mas sempre, e sómente por meios legitimos. E como pôde a morte do proximo ser meio legitimo de se defenderem os bens temporaes, devendo estes empregarse de vez em quando na conservação da vida do mesmo proximo? Deos o não tem permittido, senão aos Principes. Veja-se o Continuador de Tournely, Tract. do Decalogo C. 2. do 5. Præcept. Ponto 2.

§. 17.

Mas ainda que toda a Lei se não encerrasse em cada hum amar o proximo, como a si mesmo, nem por isso poderia olhar-se como virtuoso, e edificante, quem aborrecesse nos Francezes mais, do que as suas iniquidades. Por quanto, persuadindo-se os Farizeos de que, observando o homem a maior parte da Lei, e violando a menor, ainda assim se reputava justo diante de Deos, S. Tiago (20. 10.) lhes impugnou o seu erro, ensinando, que, para se perder a justiça, e se incorrer na pena, ou maldição da Lei, basta a transgressão de hum só preceito, ainda quando se ob-

servem os mais todos. *Quicumque totam legem servaverit, offendit autem in uno, factus est omnium reus.* E a razão disto, diz Santo Agostinho, he, porque em tal caso obra-se contra a caridade, em que se encerra toda a Lei, e de que toda a Lei depende. Por melhores logo que sejam quaesquer obras, se ellas se fazem, conservando rancor ao proximo, são inuteis, e são vans; pelo que dizia S. Paulo (1. Cor. 13. 3) *Se eu distribuir todos os meus bens pelos pobres, e entregar o meu corpo a ser queimado; mas não tiver caridade, nada disto me aproveita.* Logo ou o Espirito Santo nos engana, o que se oppõe á sua essencia, ou nada lhes aproveita, fação, o que fizerem, quantos aborrecem nos Francezes mais, do que as suas iniquidades, e os não amão devidamente, advertindo com S. Gregorio Papa (Homil. 27. in Evangelia) que só se tem a devida caridade, amando cada hum os amigos em Deos, isto he, sem se oppôr a Deos, no que lhes faz movido da natureza; e os inimigos por Deos, isto he, porque Deos o manda: *Qualiter autem ista dilectio tenenda sit, ipse (Dominus) insinuat, qui in plerisque Scripturae suae sententiis, et amicos jubet diligi in se, et inimicos diligi propter se. Ille enim veraciter charitatem habet, qui amicum di-*

ligit in Deo , et inimicum diligit propter Deum. Nam sunt nonnulli ; qui diligunt proximos ; sed per affectum cognationis , et carnis : quibus tamen in hac dilectione sacra eloquia non contradicunt : sed aliud est , quod sponte impenditur naturæ ; aliud quod præceptis Dominicis ex charitate debetur obedientiæ.

UNA

§. 18.

Tal he , meu Amigo , o lamentavel estado , em que devem considerar-se aquelles , que andão continuamente pelas Igrejas ; ouvem muitas Missas ; confessão-se , e commungão de vez em quando ; soccorrem os pobres com frequencia ; são rectissimos nas suas contas ; nunca se enfadão de trabalhar , e despender com Deos , e com os Santos , n'huma palavra , aquelles , que só respirão , e só inculcão virtude nas suas acções ; mas entretanto conservão rancor aos Francezes ; alegrão-se com o seu mal ; entristecem-se com o seu bem ; desejão , que ninguem os olhe , como seus proximos , e como seus irmãos ; e prégando-se , que , sem embargo de ser licito matarem-se , e fazer se-lhes todo o mal necessario , e conducente , para nos livrarmos da injustiça , e da violencia , que nos fazem , ainda assim não póde salvar-se quem aborrece nelles

mais, do que as suas iniquidades, e que he peccado mortal o odio, que se lhes tem, agonião-se então, e clamão contra o Pregador, quanto só faz crível a experiencia. Como repugna absolutamente haver a devida caridade, aonde ha hum tal odio, ou rancor, e como se não tem, nem pôde ter esse odio, ou rancor, sem se estar em peccado mortal, visto dizer o Evangelista (1.º 3. 15.) que *todo o que tem odio a seu irmão, he réo d' homicidio; omnis, qui odit fratrem suum homicida est*, e o homicidio voluntario sempre ser hum gravissimo peccado; nada, certamente nada aproveitão a huns taes quaesquer boas obras, que elles tenham feito, ou fação; e em quanto assim obrarem, nunca jámais terão nem a minima recompensa. Não obstante serem feitas por Christãos, em razão do odio, com que se fazem, são inuteis, e vans, como que fossem feitas por Pagãos, ou por aquelles, de quem diz S. Paulo (Philip. 3. 19.) que o seu Deos he o seu ventre. E para que v. m. melhor se convença de que o rancor, ou odio, que se tem, não ás iniquidades dos Francezes, mas ás suas pessoas, a elles mesmos, he absolutamente incompativel com a caridade, sem cuja prática ninguem se salva, nem poderá jámais salvar-se, além de ter sempre na lembrança

o que o Prégador lá disse, que Jesus Christo manda sobre o amor dos inimigos, e sobre o perdão das offensas, lembre-se tambem sempre de que na frase do Evangelista (2.^o 6.) *a caridade consiste em nós andarmos conforme os mandamentos de Deos. Et hæc est charitas, ut ambulemus secundum mandata ejus.* O que Duhamel expõe, dizendo, que *a caridade consiste em obedecermos ao que Deos manda. In hoc posita est charitas, ut mandatis obsequamur.* Embora muitos desculpem aos malevolos, e aos vingativos, dizendo, que ninguem tem odio formal aos Francezes, mas tão sómente ao mal, que elles fazem; e que sem embargo de clamarem contra elles, e parecerem desejar-lhes todo o mal, assim mesmo os amão: ou huns taes fallão verdade, ou são impostores descarados. Se fallão verdade, então como amargou tanto, e tão universalmente o que v. m. mostra, que se pré-gou na Igreja de S. Paulo? Em tal caso conformou-se o Prégador com os seus ouvintes, pois bem vê v. m. que elle diz assim: *Aborreçamos logo, quanto ha máo nos Francezes; mas a elles, as suas pessoas, isso não; porém então de que se queixão? Se a carapuça lhes não serve, não a ponhão: se bem que repugna absolutamente não servir ella a quem tanto lhe aquen-*

ta a cabeça. *A boca falla, o de que está cheio o coração*, diz S. Matth. (12. 34.) E se huns taes não são impostores, então pôde sahir agua doce, e agua amargosa da mesma bica d'huma fonte contra o que diz a Escritura Santa. (Iacob. 3. 11.) He logo impostura formal dizerem huns taes, que só tem odio, rancor, e raiva ás iniquidades, e não ás pessoas dos Francezes; que os amão, como seus proximos, e seus irmãos, aliàs como a si mesmos; e que lhes perdoão as offensas, sem o que Deos lhes não perdoa os peccados, segundo elles mesmos no *Padre nosso* lhe pedem continuamente.

§. 19.

Na sua refere v. m. varias circumstancias, em que diz pensava, que a respeito dos Francezes não era peccaminoso, ao menos gravemente, nem o odio, nem a vingança. Depois de v. m., e quantos o induzião a pensar assim, terem os corações endurecidos, para não obedecerem a Jesus Christo sobre o amor dos inimigos, assim como Faraó o tinha, para não obedecer ao Senhor sobre a dimissão do povo d'Israel, em vez de lhes parecer peccado, lhes pareceria virtude serem barbaros, e deshumanos, e transgredirem o preceito, em que

se encerra toda a Lei. Advirta porém, e entenda, que em todas essas circumstancias nada se divisa, senão absurdos, e alguns erros de Fé, qual he sem 'dúvida', que não póde já salvar-se o Napoleão, em razão de seus delictos; que o Preceito *Divino do amor dos inimigos* se não entende igualmente a respeito de todo o Exercito Francez, e ainda mesmo de quem o manda, que a respeito de quaesquer outros; e que póde alguém salvar-se sem os amar, como a si mesmo, e sem lhes perdoar as offensas, não obstante atacarem a Patria, o Throno, e a Religião.

§. 20.

He sem dúvida erro de Fé negar, que Napoleão possa inda salvar-se, visto ser de Fé, que não ha peccado algum absolutamente irremissivel, e não poder este dogma subsistir, verificando-se absoluta impossibilidade da sua salvação. Ainda que pois elle tenha feito, e faça peccados, injustiças, e violencias superiores incomparavelmente ás que tem feito, e poderão fazer quantos homens tem havido, ha de, e póde haver até o fim do mundo, só por absurdo, e por erro da Fé póde julgar-se impossivel vir elle a salvar-se ainda. Quando

Jesus Christo instituiu o Sacramento da Penitencia , concedeo o poder de se remittirem a quem o receber dignamente , quantos peccados se possão ter commettido , sem exceptuar algum por ser grande ; disse pois (Joann. 20. 23.) aos Ministros do mesmo Sacramento : *Aos que vós perdoardes os peccados , ser-lhes-hão elles perdoados : e (Matth. 18. 18.) tudo , o que vós desatardes sobre a terra , será desatado tambem no Ceo.* Com as quaes palavras prova S. Paciano , que não houve excepção alguma , nem de pequenos , nem de grandes. *Dominus dicendo : Quaecumque solveritis , omnino nihil excipit. Quaecumque , inquit , vel magna , vel modica.* E o Concilio Tridentino (Can. 3. de Pœnit.) excommunga a quem negar , que as ditas palavras de S. João devem entender-se do poder de remittir os peccados no Sacramento da Penitencia. *Si quis dixerit verba illa Domini Salvatoris : Accipite Spiritum Sanctum : quorum remisertis peccata , remittuntur eis ; et quorum retinueritis retenta sunt : non esse intelligenda de potestate remittendi , et retinendi peccata in Sacramento Pœnitentiae , sicut Ecclesia Catholica ab initio semper intellexit . . . anathema sit.*

§. 21.

He logo não só certo , mas evidente ,

e mesmo de Fé, que, apenas o Napoleão receber dignamente o Sacramento da Penitencia, pôde sem milagre algum ficar livre, e isento de quantos peccados tiver commettido até então, ainda que elles na quantidade excedão indizivelmente aos peccados de todos os mais homens juntos, e na qualidade não só excedão ao que os Judeos commettêrão em crucificar a Jesus Christo, sem conhecerem, que elle era verdadeiro Deos, e o Messias promettido, como S. Paulo (1. Cor. 2. 8.) diz claramente; mas tambem ao que sem dúvida commetterião, se o crucificassem, depois de como tal o conhecerem. E ainda que elle tenha roubado não só toda a Europa, mas todo o mundo, nem por isso deixará de receber o fructo, ou effeito do Sacramento, restituindo, se lhe for possivel, e se não, desejando-o sinceramente. Por quando diz S. Paulo, (1. Timot. 2. 4.) que *Deos quer se salvem, e cheguem a ter conhecimento da verdade todos os homens*; assim como (1. Cor. 10. 13.) tambem diz, que *Deos não permittira, que os homens sejam tentados mais, do que podem as suas forças; antes fará, que tirem vantagem da sua tentação, para a poderem supportar, resistindo-lhe aturadamente, até a vencerem.* E do Concilio Tridentino (Sess. 6. de Justi-

ficat.) consta expressamente , que o mesmo Deos não manda impossiveis , mas ajuda a fazer , o que manda. *Deus impossibilia non jubet , sed jubendo monet , et facere quod possis , et petere quod non possis ; et adjuvat , ut possis.* Logo ou Deos lhe não manda fazer , quanto he necessario , para conseguir a bemaventurança , o que repugna absolutamente , ou fazendo-o elle , de nada lhe ha de aproveitar , e então não merece credito o mesmo Deos nas magnificas promessas , que faz aos que se converterem para elle sinceramente , o que ninguém dirá , senão blasfemando.

§. 22.

Quando porém se diga , que o Apostolo (1. Tim. 2. 4.) falla da vontade , a que os Theologos chamão absoluta , efficaç , e consequente , respectiva sim a todos , mas só a todos os predestinados , então pergunto : Donde consta , que de todos esses o Napoleão não seja hum? Diz pois o mesmo Apostolo (Rom. 11. 23.) *Quem conheceo os designios de Deos? Ou quem entrou no segredo dos seus conselhos?* A graça , que pôde converter Magdalena , Agostinho , Saulo , e outros muitos , pôde igualmente converter Napoleão ; aliás não di-

ria, como diz S. Paulo, (Rom. 5. 20.) *que ell. superabundou, aonde abundou o peccado.* Além de que, segundo o mesmo S. Paulo, (Rom. 9. 18.) *Deos usa de misericordia com quem elle quer;* e assim o affirma o mesmo Deos (Exod. 33. 19.) dizendo a Moysés: *Eu terei misericordia com quem me agradar ter misericordia, e terei piedade com quem me agradar ter piedade.* Ora pergunto: Donde consta, que elle a não quererá ter ainda com Napoleão? Pergunto mais: Como pôde ser impossível salvar-se Napoleão, sem ser impossível agradar a Deos ter com elle misericordia, e piedade? Mas negar a possibilidade deste agrado he negar a Omnipotencia de Deos, e consequentemente o mesmo Deos.

§. 23.

Mais impossível he sem dúvida salvarem-se os que obstinadamente negão, que tambem a respeito de Napoleão se entenda o amor, que Jesus Christo (Matth. 5. 44.) a todos manda, que tenham a seus inimigos, e o perdão das offensas feitas pelos outros homens, prescrevendo-o elle não só indifinida, ou universalmente, e por conseguinte sem a minima excepção, de maneira que comprehende assim o mesmo

Napoleão, e todo o seu Exercito, mas também, como condição, sem a qual o Pai Celestial a ninguém ha de perdoar as suas offensas. Dizendo pois o Evangelisra, (1.^a 3. 15.) *que he homicida, isto he, réo de matar homem, todo o que tem odio a seu irmão; que nenhum homicida tem a vida eterna permanente em si mesmo; e que aquelle, que não ama, permanece na morte*, isto he, está em peccado mortal; e sendo, como he, methafisicamente certo, e evidente, (§. 3,) que Napoleão, sem embargo das suas innumeraveis, e summas iniquidades, he nosso proximo, e nosso irmão, repugna absolutamente salvar-se os que, aborrecendo mesmo inculpavel, e santamente quanto nelle ha máo, o não amão do coração; os que lhe não perdoão as offensas de impossivel indemnisação; e os que não orão por elle a Deos, se a tempo se não converterem devidamente; e nada repugna salvar-se elle, convertendo-se assim. E quem não vê, que he mais facil vir elle a persuadir-se de que tem peccado gravissimamente em vexar, e oprimir a tantas Nações, do que virem estas a persuadirem-se de que tem peccado gravemente em lhe terem odio, e em o não amarem, como a si mesmas; em lhe não perdoarem as offensas, e em

não orarem por elle a Deos, contra o que o Evangelho manda?

§. 24.

Quanto maiores são os peccados, por via de regra, tanto maiores remorsos causão na consciencia; e por isso mais facilmente procura expiar-se delles quem os tem. Eis-aqui porque Jesus Christo (Apoc. 3. 16.) diz ao tibio, isto he, áquelle, que anda entre o Evangelho, e o seculo, sem nunca saber, que partido siga: *Porque tu hes morno, e nem hes frio, nem quente, estou eu em termos de te vomitar da minha boca.* Donde consta com evidencia, quão perigoso he o estado da tibieza; porque nelle não remorde, como deve remorder, a consciencia. Como logo não he mais possivel salvar-se o Napoleão, tendo commettido peccados capazes de compungirem corações de bronze, do que salvarem-se os que não só lhe tem odio sem remorso algum da consciencia, mas até julgão licito o terem-lho, sem attenderem a que elle em circumstancia nenhuma he licito, por ser máo intrinsecamente (§. 8.) a que elle nunca deixa de ser peccado mortal, por constituir homicida a todo, o que tem (§. 18.) e a que em quanto assim, longe de se justifi-

carem por via dos Sacramentos, sem dúvida commettem hum sacrilegio em cada hum, que recebem, além de sempre ficarem réos dos mais peccados, que tem?

§. 25.

No caso porém de ser impossivel a Napoleão, assim como por summa infelicidade he a muita gente, receber a final o Sacramento da Penitencia, ainda assim he possivel a sua salvação. Por quanto a dor sufficiente de seus peccados com o sincero desejo de confessallos sacramentalmente, sem dúvida produz o mesmo effeito, que o dito Sacramento. A virtude da penitencia, ou a penitencia, como virtude ainda pôde o mesmo, e o poderá sempre, que podia antigamente, e só não basta, para salvar a quem pôde receber o Sacramento, quando em deixar de receberlo se pecca gravemente. E por isso apenas elle em tal caso se arrepender de todos os seus peccados com sufficiencia, por mais impio, que seja, e todos o contemblem, se mostrará Deos esquecido summamente das suas iniquidades, e o admittirá logo na sua graça; não cessa pois de estar dizendo, (Ezech. 18. 21. 23.) que não quer a morte do impio, mas que este deixe

E

seus pèssimos caminhos, e viva eternamente: *Si impius egerit pœnitentiam ab omnibus peccatis suis, que operatus est, vita vivet; omnium iniquitatum ejus non recordabor...* Numquid voluntatis mee est mors impii et non ut convertatur a viis suis, et vivat?

§. 26.

Não obstante ser tão necessario para a salvação cada hum crer em Jesus Christo devidamente, que nunca jámais poderá salvar-se adulto algum, sem ter nelle a devida crença, com tudo nada menos he necessario para a salvação de cada hum amar elle, como a si mesmo, ainda os inimigos Francezes, e até o mesmo Napoleão, por serem seus proximos, e seus irmãos (§. 3.) igualmente, que outros quaesquer homens; perdoar-lhes do coração todas as offensas, menos a obrigação de indemnizarem, quanto podérem; e consequentemente deixar de lhes ter odio, ainda que aborrecendo sempre as suas iniquidades. Por quanto, nem dizendo Jesus Christo (João. 3. 14.) *Assim como Moysés levantou a serpente no deserto... assim importa que seja levantado o Filho do Homem, para que todo, o que cre nelle, não se perca, mas tenha a vida eterna...* Quem nelle cre, não he condemna-

do; mas o que não crê, está já condemnado; nem dizendo S. Pedro, (Act. 4. 11) que Jesus Christo he a pedra fundamental da esquina; e que em nenhum outro ha salvação; ainda assim não consta, que seja maior a necessidade de todos crerem nelle sinceramente, do que he a necessidade, que consta ha de todos amarem sinceramente até os maiores inimigos, que tem, seja qual fôr o sexo, idade, ou Nação; do que he a necessidade, que consta ha de todos perdoarem do coração as offensas, seja quem fôr a pessoa, que lhas fez, e sejam ellas, quaes forem; do que he finalmente a necessidade; que consta ha de todos orarem em espirito, e verdade pelos que os perseguem, e calumnião, quer elles sejam Catholicos Romanos, quer sejam Protestantes, ou ainda Pagãos. Não admitte pois nem a minima excepção a generalidade, com que Jesus Christo assim o manda (Serm. §. 1. in fin.) E eis-aqui porque Santo Agostinho, e S. Pedro Chrysologo dizem, que o perdoar-nos Deos as nossas dividas, depende inteiramente de nós perdoarmos as dos outros homens, como por hum contracto, que Deos fez conosco. Perdendo-se logo os Judeos, por ser para elles hum escandalo prégar-se a Fé de Jesus Christo, segundo consta de São

Paulo, (Rom. 9. 32., 1. Cor. 1. 23.) como não hão de perder-se os Christãos, para quem he hum escandalo prégar-se o amor dos inimigos Francezes, e ainda o do mesmo Napoleão, sem embargo de se deverem aborrecer todas as suas iniquidades? Se não se visse, não se acreditava, que até se mostrassem escandalizadas pessoas, de quem repugna Jesus Christo não exigir, que lamentem hum tal escandalo, e do modo possivel se empenhem em que por amor d'elle deixe de obstar-se á perda de infinitas almas. *O' tempora! O' mores!* He logo huma indesculpavel monstruosidade dizer alguem, que não póde amar, como a si mesmo, e como em iguaes circumstancias quereria ser amado, ainda ao mesmo Napoleão; he arguir tacitamente de injusto, de enganador, e de tyranno a hum Deos infinito em todo o genero de perfeições; he entender as Escrituras, não como as entendeo sempre o Juiz do sentido dellas, a Santa Igreja, mas arbitrariamente á maneira dos Protestantes; he em fim não saber a Doutrina Christã, ou não ter a devida crença. Segundo S. Jeronymo, póde alguem escusar-se de jejuar, de permanecer virgem, de vender tudo, e dallo aos pobres, mas não de amar ainda aos mesmos inimigos: *In reliquis operibus*, (in-

quit lib. 5. Comment in cap. 5. Matthæi,)
*interdum potest aliquis qualemcumque excu-
 sationem prætere: ad habendam vero
 dilectionem nullus se poterit excusare. Potest
 mihi aliquis dicere: Non possum jejuna-
 re; numquid potest dicere: Non possum ama-
 re? Potest aliquis dicere: Virginitatem non pos-
 sum servare; non possum res totas vendere,
 et pauperibus erogare: Numquid potest di-
 cere: Non possum diligere inimicos?*

§. 27.

He tambem erro de Fé negar , que o
 Preceito Divino do amor dos inimigos , se
 entenda igualmente a respeito dos France-
 zes , e ainda mesmo de quem os manda ,
 que a respeito de quaesquer outros , pelo
 Evangelho não exceptuar ninguem ; por ser
 de Fé , que todos os homens são descenden-
 tes do mesmo Adão , e irmãos ; e por São
 Paulo , citado pelo Prégador (Serm. §. 2.)
 mandar que se faça bem a todos absoluta-
 mente , ainda aos infieis , e comminar hum
 anathema a quem annunciar doutrina con-
 traria á que delle recebemos. E por isso
 quando v. m. ou em Sermões , ou em pa-
 peis , já particulares , já públicos , vir , que
 se annuncia doutrina contraria á que rece-
 bemos de S. Paulo , (ou de qualquer outro

Escritor Sagrado) diz elle expressamente ,
 (Galat. 1. 8. 9.) que se olhe como ex-
 commungado , quem a annuncia. *Sed licet*
nos , aut Angelus de Cælo evangeliset vobis
præterquam , quod evangelisavimus vobis ,
anathema sit. Sicut prædiximus , et iterum
dico : Siquis vobis evangelisaverit præter
id , quod accepistis , anathema sit. Por quan-
 to a palavra *anathema* , que em Grego
 significa *maldito , e execravel* , foi adopta-
 da da Escritura pela Igreja nos seus Ca-
 nones , para significar , segundo com ella
 aqui significa S. Paulo , que merece ser ex-
 commungado , isto he , separado do Corpo
 dos Fieis , e dos Sacramentos , e condemna-
 do a penas eternás , quem annuncia doutri-
 na contraria á que annunciou o mesmo São
 Paulo. (ou outro semelhante)

§. 28.

Nada menos o persuade tambem o Evan-
 gelista S. João na sua Carta 2.^a , em quan-
 to diz , *que se algum vem a nós , e não*
traz esta doutrina de Jesus Christo de ter-
mos huma caridade mutua huns pelos ou-
tros , não o recebamos em nossa casa , e nem
ainda o saudemos ; porque o que o saudá ,
communica com as suas malignas obras. E
 além de o ensinar , e o escrever assim , elle

mesmo o praticava. Dizem pois Santo Irineo no Liv. 3. cap. 3., e Eusebio na sua Historia, Livro 3. cap. 22., que, tendo o Santo Apostolo entrado á lavar-se n'hum banho, e achando lá ao Heresiarca Cerinto, sahio immediatamente, dizendo: *Fujamos daqui, não edia esta casa, e nos mate, por estar nella Cerinto, inimigo da verdade.* E segundo refere o mesmo Santo Irineo, *ibidem*, conta S. Polycarpo, Discipulo do mesmo Evangelista, que, dizendo-lhe huma vez o Heresiarca Marcião: *Conheces-me?* o Santo Bispo lhe respondeo: *Conheço, que hes o primogenito de Satanaz:* se bem que S. Jeronymo (Lib. de Scripturis Ecclesiasticis) attribue esta resposta ao mesmo S. Polycarpo.

§. 29.

Se v. m., e quantos á sua imitação tem por licito o odio dos Francezes, em razão do Santo Rei David (Psalm. 118. vers. 113.) estar dizendo, *que elle aborrecia os maldos, iniquos odio habui*, consultassem para a sua intelligencia, não o espirito privado, como fazem os Protestantes, mas a Hermeneutica Sagrada, não pensarião, como pensão, indesculpavelmente sobre hum ponto da maior importancia. Tenha por cer-

to, e assente, que assim levantão a Dávid hum falso testemunho; á excepção pois de Jesus Christo, ninguem talvez o excedesse ainda nõ amor dos inimigos, os mais perversos, e os mais impios. Aborrecia-os sim, mas tão sómente do modo, porque Jesus Christo (Luc. 14. 26.) a todos manda, *que aborrecão a seus pais, a suas mãis, a suas mulheres, a seus filhos, a seus irmãos, e irmãs, e ainda a sua mesma vida, a fim de poderem ser seus Discipulos.* E por ventura quer Jesus Christo, que se aborrecão em si mesmas humas pessoas tão proximas, e tão amaveis, como são pai, e mãi? He sem dúvida que não. Elle quer sómente, que no caso de taes pessoas, e ainda a nossa vida, servirem de obstaculo á nossa salvação, e se oppõem á vontade de Deos, então as consideremos, como estranhas, e até mesmo como inimigas, para lhes desobedecermos, e resistirmos, unicamente, e por consequente só quanto baste, para nem perdermos a bemaventurança, nem se fazer a Deos offensa.

§. 30.

Aborrecia logo David nos máos só o seu crime, e a sua maldade; a elles porém amava-os, e lhes desejava a salva-

ção, dizem Santo Agostinho, e S. Jeronymo. Aborrecendo nelles suas iniquidades, nisso mesmo zelava muito a Lei Divina; accrescentão Santo Ambrosio, e Theodoro. E tanto não recahia nas suas pessoas, e natureza o aborrecimento, que lhes tinha, que, dizendo então a Deos, que aborrecera os iniquos, lhe disse immediatamente, que assim mesmo amava a sua Lei, segundo expõe Duhamel. *In his non nataram, sed iniquitatem odio habuit; unde mox dixit: Et Legem tuam dilexi.* Ora quem não sabe, quanto já então mandava Deos, que se amassem os inimigos? Por via de Moysés (Exod. 28. 4. Levit. 19. 17.) pôz elle a todo o homem esta Lei: *Se encontrares desgarrados o boi do teu inimigo, ou o seu jumento, vai levar-lhos. Se vires cabido debaixo da carga o jumento daquelle; que te tem odio, não passarás adiante; mas ajudallo-has a levantallo. Não aborreças teu irmão no teu coração. Não busques occasião de te vingares, nem te lembres da injuria de teus concidadãos.* Logo nem ainda na Lei antiga era licito o odio, e a vingança. E se Moysés (Exod. 21. 24.) dizia: Olho por olho, dente por dente, mão por mão, etc. foi sómente, diz Santo Agostinho, porque Deos permittio esta pena, chamada de Talião, para com ella cohi-

bir os Judeos excessivamente vingativos, e propensos á ira; e por isso o mesmo Santo Doutor lhe chama a *Justiça dos injustos*. Com tudo Jesus Christo (Matth. 5. 39.) a reprova expressamente, dizendo: *Eu porém digo-vos: que não resistais ao que vos fizer mal.*

§. 31.

Eu dissera simplesmente: *Veja-se Calmet*; mas como isso não he facil a muitos, julguei conveniente referir aqui a sua exposição das palavras *iniquos odio habui*; são pois dignas de eternas lagrimas as consequencias da errada intelligencia, que lhes dá, quem não quer deixar de ter odio a seus irmãos, com o pretexto delles serem máos, devendo não poucas vezes reconhecer-se muito peor, do que elles são: seu theor he o seguinte: *Imperat Deus, ut amentur proximi, ipsique hostes beneficiis afficiantur. At verus, certissimusque Divinae Legis Interpres Christus amicos ipsos, proximosque odio haberi jubet, cum aliquod nostrae salutis obstaculum ex iis oritur. Hoc modo Propheta iniquos oderat, inquit Sanctus Hilarius, quos veluti hostes perniciosissimos, pestesque, quibus infici, aut vitari posset, evitabat. Solam in ipsis nequitiam,*

et crimen oderat, ipsos vero, ipsorumque salutem amabat, inquit Sanctus Augustinus, et Sanctus Hieronymus. Iniquas cogitationes, malasque animi sententias abiciens, addunt Sanctus Ambrosius, et Theodoretus, Divinam Legem enixè amabat.

§. 32.

Quem déra, meu Amigo, que v. m., e quantos pensão, como v. m. pensa, sobre o odio dos Francezes, imitassem a David no aborrecimento dos inimigos! Aborrecia-os pois, diz elle, (Psalm. 138. 22.) com hum odio perfeito, *perfecto odio oderam illos*. Qual seja porém hum tal aborrecimento, o mostra Santo Agostinho expressamente, dizendo: *Aborrecer aos máos com hum odio perfeito he, quando nem por causa dos vicios se aborrecem os homens, nem por causa dos homens se amão os vicios; hoc est perfectio odio odisse, ut nec propter vitia homines oderis, nec vitia propter homines diligas*. Bem seu inimigo era Saul, e entregando-lho o Senhor nas suas mãos, nem por isso lhe fez mal algum. (1. Reg. 24.) Bem seu inimigo era Semei, fazendo-lhe as maiores injurias, e insolencias, e assim mesmo impedio, que Abizai lhe cortasse a cabeça. (2. Reg. 16.) Bem

seu inimigo finalmente era Absalão, e não obstante isso, lhe chorou elle amargamente a morte. (Ibid. 18.) Para v. m. logo ter odio aos Francezes, como David o tinha a seus inimigos, he necessario absolutamente ; que só aborreça nelles as suas iniquidades, que se alegre com o seu bem ; (qual não he realmente o cativarem-nos, e fazerem-se senhores do que lhes não pertence) que se entristeça com o seu mal ; que ore muito a Deos pela sua conversão ; n' huma palavra , que os trate por obra, por palavra , e por pensamento , como v. m. quereria , que em iguaes circumstancias o tratassem os homens. *Et prout vultis, ut faciant vobis homines, et vos facite illis similiter.* (Luc. 6. 31.) E para que o não confirme no mal , ou o não corrompa o exemplo de muitos , que sem sinceridade alguma pedem a Deos no Sacrificio da Missa, que se lembre de seus inimigos , perdoadando-lhes, e dos Infieis, convertendo-os ; e que perdoe a elles Celebrantes, como elles perdoão a seus devedores ; repute sempre cegos a quantos obrão contra o Evangelho, e lembre-se de que na frase do mesmo Evangelho (Matth. 15. 14.) *quando hum cego conduz a outro cego, cahem na cova ambos. Memento inimicorum ad dimissionem, et Infidelium ad conversionem: Di-*

mitte nobis debita nostra , sicut et nos dimittimus debitoribus nostris.

§. 33.

Muito máo foi prégar-se , como v. m. diz , no ultimo Advento , que o preceito do amor dos inimigos , *diligite inimicos vestros* , se não entende tambem a respeito dos Francezes ; porque ainda que alguns dos ouvintes se persuadissem de que isso não he assim , e até se lembrassem de que o Prégador incorreo no *anathema* comminado por S. Paulo , (Galat. 1. 8.) com tudo os mais delles sem dúvida o acreditarião , persuadindo-se por isso mais e mais de que lhes he licito aborrecerem-lhes não só as suas iniquidades , mas a sua natureza , as suas pessoas , n' huma palavra , a elles mesmos , e desejarem-lhes todo o mal. Admira porém , e até escandaliza muito , que ainda v. m. queira desculpar-se com essa prégação , vendo pouco depois mostrar-se n' outra com evidencia , que essa doutrina he maldita , e que não se préga , sem que se fique excommungado. Não se mova das razoes , em que essa ímpia opinião se funda ; porque são outros tantos absurdos. Como o odio não he máo , por ser prohibido , mas he prohibido por ser máo ,

e he negativo o preceito, que o prohi-
 be, repugna absolutamente haver caso, ou cir-
 cumstancia, em que elle seja licito a al-
 guem; e por isso tanto manda Jesus Christo
 amar a quem offende pessoas particulares,
 como a quem offende toda a Nação, e
 ainda todo o mundo. Essa interpretação,
 além de ser arbitraria, e livre, oppõe-se
 a todas as regras da Hermeneutica. Elle
 pôde mandar, que todos amem igualmen-
 te a quem offende, até não mais a Patria,
 o Throno, e a Religião, que a quem of-
 fende a pessoa mais vil da Sociedade. Ne-
 gallq he erro de Fé, igual ao de se negar
 a sua Omnipotencia, e a sua mesma exis-
 tencia. Mas as suas palavras, e nada me-
 nos o seu exemplo estão mostrando com
 a ultima evidencia, que elle assim o man-
 da. A Igreja, e os Santos Padres o enten-
 dêrão sempre assim. Como logo não he er-
 ro de Fé, que pelos Francezes, e quem
 os manda, offenderem, quanto podem, a
 mesma Patria, o mesmo Throno, e a mes-
 ma Religião, seja licito a alguem ter-lhes
 odio; e que possa alguem salvar-se sem
 os amar, como a si mesmo, e sem lhes
 perdoar as offensas? Mas erros de Fé de-
 yem denunciar-se ao Santo Officio no pe-
 remptorio termo de trinta dias, sob pena
 de se ficar *ipso facto* excommungado. Que

denuncias logo não devem fazer-se, e que inconvenientes se não seguem dellas se não fizerem?

§. 34.

Nada prova a favor do odio dos Francezes o exemplo de Jesus Christo, o exemplo de S. Paulo, e ainda o de qualquer Ministro de justiça; porque he conforme a todo o Direito, que os crimes não fiquem impunidos. Jesus Christo, como Homem, e consequentemente como nosso próximo, como nosso irmão, amou sempre a seus inimigos, e até na Cruz pedio ao Eterno Pai, que lhes perdoasse o Deicidio, por não saberem, dizia elle, o que fazião; mas como Deus he na frase do Profeta Rei, (Psalm. 93. 1.) o Senhor das vinganças, *Deus ultionum Dominus*. Manda que, por mais mal, que nos queirão, e nos fação nossos proximos, e nossos irmãos, nós á sua imitação lhes queiramos, e lhes façamos sempre bem, e os amemos sempre; e reserva para si vingar as offensas, que elles nos fizerem, dizendo: (Deut. 32. 35.) *Minha he a vingança, e eu lhes tornarei a seu tempo o que lhes he devido*. E para que se vinguem cá, as que não quer se vinguem lá, estabelecco, e instituo quem

em seu nome as vingue; pelo que diz São Paulo (Rom. 13. 4.) *O Principe he Ministro de Deos , para exercitar vingança , e castigo contra o que obra mal.* Que muito logo ter o mesmo S. Paulo exercitado varias vezes a vingança , não obstante mandar , que (por authoridade particular) ninguém se vingue? Com tudo S. Jeronymo (Lib. 1. Comment. in Cap. 5. et 6. Matth.) diz , que elle desejára ser anathema por amor dos que o perseguião , assim como elle mesmo (Rom. 9. 3.) disse , que o desejára ser por amor de seus irmãos. *Paulus anathema cupit esse pro persecutoribus suis.*

§. 35.

Em v. m. se gloriari , segundo mostra que se gloria , de que o Prégador em despique de assim prégar , ficasse privado dos Sermões ; que diz havia tenção de se lhe encommendarem , mostra claramente , que não he só aos Francezes , que tem odio , mas tambem a hum Compatriota ; advertindo não sem o maior escandalo , que áquelles só o tem , pelo prejudicarem em quanto ao seu corpo , e a este só o tem pelo beneficiar em quanto á sua alma. Que miseria ! Que ingratião ! Mas que muito pagar-se assim aos Ministros do Senhor , pa-

gando-se ao mesmo Senhor de tal modo, que disse elle por Isaias (1. 2.) *Lu criei huns filhos, e os exaltei, e elles me desprezarão?* Se bem que todos sabem quanto Jesus Christo, e seus Discipulos forão aborrecidos, por dizerem a verdade; até pois foi necessario animallos elle, dizendo-lhes: (Joann. 15. 18.) *Se o mundo vos aborrece, sabeí, que primeiro me aborreceo elle a mim.*

§ 36.

Admirando-me porém muito de v. m. assim dar testemunho evidente da sua grande falta de consciencia, e de Religião, me admiro mais ainda de que (talvez por ter quem lhe fizesse companhia) se arrojasse a apontar a mesma falta, já nos que me diz, que por isso lhe não quizerão encomendar Sermões, quando aliás lhós encomendarião, já em todos, os que me diz, que passarão a ouvillo com summa displicencia, apenas elle disse, que, não obstante ser licito matarem-se os Francezes, e fazer-se-lhes todo o mal necessario, e conducente, para ficarmos triunfantes, nunca he licito a' alguém ter-lhes odio, nem desejo de vingança. Se v. m. tivesse a devida caridade, não se havia de explicar assim, ainda que tivesse motivos sufficient-

tes , para assim o ficar pensando. Sáiba, que a todos esses fez v. m. huma offensa grande ; e nunca torne a infamar assim pessoa alguma. Eu me daria por injuriado , se com verdade se dissesse de mim outro tanto.

§. 37.

Se v. m. com a sua Carta me não mandasse a Parte do Sermão , de que diz resultou esse universal escandalo , eu pensaria certamente , que o Prégador se tinha declarado Jacobino até o ponto de persuadir , que não devia repellir-se a violencia , que nos fazem cruelmente os Francezes ; pois que só hum tal procedimento era capaz de fazer o estrondo , que v. m. me pinta. Vendo porém , como vejo , com summa reflexão a importantissima verdade , que elle prégo ; os solidos fundamentos , com que provou essa parte do seu Assumpto ; e que se explicou sempre de tal modo , que até podião entendello ainda os mais inertes , e os mais rombos , vendo tudo isto , meu Amigo , não posso desculpar a queixa , a indecorosa queixa , que se faz de se prégar nua , e descarnadamente aquillo , que o mesmo Jesus Christo , e seus Discipulos prégarão , e que o Apostolo (2. Tim. 4. 2.) até manda , que se prégue , instando-se a tem-

po, e fóra de tempo, *oportune, importune*. E quanto mais qualificados são, os que assim se queixão, menos desculpaveis se me representão. Não foi de balde que Jesus Christo (Matth. 5. 13.) disse a huns tantos: *Vós sois o sal da terra. Mas se o sal perder a sua força, com que outra cousa se ha de elle salgar?* Isto he, diz Santo Agostinho, (Lib. 1. de Serm. Dom. in monte, cap. 10.) se os que Deos escolheo, para instruirem os povos, faltarem aos seus deveres, por temerem perseguições, quem ha de instruir a elles, e fazer que os cumprão? *Id est, si vos, per quos condiendi sunt quodammodo populi, metu persecutorum temporalium amiseritis regna cœlorum, qui erunt homines, per quos a vobis error auferatur, cum vos elegerit Deus, per quos errorem auferat ceterorum?* Quem se mostra escandalisado, e tão escandalisado de que se lhe prégue assim, não mostrando escandalo algum, antes muita satisfação, quando se lhe préga de tal modo, que, segundo v. m. me diz, só não ficão tendo odio aos Francezes, os que absolutamente são incapazes de lho terem, dá sem dúvida testemunho evidente de que, em quanto ao amor dos inimigos, e ao perdão das offensas, não está pelo que Jesus Christo manda, como condição, sem a qual se não

consegue a salvação; de que as boas obras, que entretanto vai praticando, só inculcão hypocrisia; de que he como o metal, que soa, e como o sino, que tine; e, por dizer tudo de huma vez, de que ou não quer salvar-se, ou tem presumpção de se salvar sem merecimentos, peccando assim contra o Espirito Santo. Quem mais offendido por elles, do que o Papa Pio VII. ? Com tudo no Breve *Quum memoranda* de 10 de Julho de 1809 diz elle assim: *Praza a Deos, que Nós, com qualquer perda Nossa, e ainda mesmo da propria vida, poderemos apartar a perdição eterna, e procurar a salvação dos Nossos perseguidores, que sempre amámos, e ainda agora não cessamos de amar de todo o coração.* E por que não dizem todos outro tanto? Se todos tivessem os mesmos sentimentos d'humanidade, e de Religião, nem hum só deixaria de pensar assim. Praza a Deos que os malevolos, e vingativos d'elle aprendão a defenderem-se dos Francezes, amando-os sempre, como Jesus Christo manda.

§. 38.

Eu sei que o Prêzador, assim como supunha necessidade grande de convencer a muitos de que, sem deixarem de ter odio

aos Francezes , e até sem os amarem , como a si mesmos , segundo o Evangelho manda , (o que não he incompativel com a justa defeza da nossa causa) de modo nenhum podem salvar-se ; assim tambem suppunha , que ninguem (principalmente dos que são o sal da terra , e a luz do mundo) seria capaz de levar a mal , que se pré-gasse huma doutrina tão importante , e tão necessaria , que , não se convencendo sufficientemente alguem della , nem Deos póde salvallo ; visto dizer o Evangelista , (1.º 3. 15.) que no foro interno he réo de homicidio todo , o que tem odio a seu irmão , e que permanece na morte , ou em peccado mortal aquelle , que não ama ; e ser evidente (§. 3.) que elles são nossos proximos , nossos irmãos , e homens , como nós. Mas pelo que v. m. me diz , a necessidade de huma tal prégação era muito maior , do que elle a suppunha , e a disposição dos animos , para se utilisarem della , era nenhuma ; pelo que se verificou sem dúvida a parabola , em cuja explicação Jesus Christo (Luc. 11. 8.) dizia : *A semente he a palavra de Deos. A que cabe á borda do caminho , significa os que a ouvem ; mas depois vem o diabo , e leva-lha do coração , para não succeder , que , crendo nella , sejam salvos.*

Quanto logo se não havia de estranhar que se prégasse assim? Entretanto o Pregador mostrou que fazia o devido caso de S. Paulo (2. Timot. 4.) na pessoa de Timotheo lhe estar dizendo: *Eu te esconjuro diante de Deos, e diante de Jesus Christo, que prégues a palavra; que instes a tempo, e fóra de tempo; que reprehendas, supplices, ameaçes, sem deixares nunca de os soffrer; e de os instruir; porque virá hum tempo, em que os homens não poderão soffrer a sã doutrina; mas, tendo nas orelhas huma grande comichão (de ouvirem doutrinas novas, por não poderem soffrer a verdade) recorrerão a ajuntar huma turba multa de Doutores, que lhes satisfação os seus desejos; e fechando os ouvidos á verdade, os abrirão ás fabulas.* E como de Deos, e não dos homens he, que os Ministros da sua palavra devem esperar a principal recompensa do seu trabalho, nunca o mesmo Deos permita que elle, pelo interesse de ter mais Sermões, deixe de prégár, o que he mais conducente para a salvação das almas, qual era sem dúvida na occasião presente o amor daquelles, a quem até como que se faz gala de inculcar odio, ou seja, porque se lhes tem realmente; ou se-

ja, para encubrir assim o crime de se seguir o seu partido, e se professarem suas maximas, sem que os mais lho imputem, nem persintão.

§. 40.

Se he verdade, como v. m. na sua diz, que sem embargo de saberem todos que o odio dos Francezes he quasi universal, assim mesmo nem os Ecclesiasticos mais observantes fazem disso caso, já no Pulpito, já no Confessionario, contentando-se, quando muito, com recommendarem o amor do proximo em geral, se isto, digo, he verdade, então ou hunstaes reputão licito esse odio, ou nada lhes importa, que se percão as almas, por cuja salvação elles se achão responsaveis. A hum Mestre da Lei Divina ouvi eu já, que elles estão banidos, e que por isso qualquer do Povo se acha authorisado para impunemente os matar. Mas não ha erro mais indesculpavel. A quem não parece incompativel banillos o Governo, como injuriosamente se diz, com livrar elle dos insultos do Povo quantos desertão, e quantos se prisionão; e com estar sustentando-os nas prizões, em que os tem? Banillos, para qué mais facilmente morrão, e livrallos ao mesmos tempo

e que os mate a fome, ou alguém, re-
 pugna absolutamente. Além de que, sendo
 nulla a querella dada pelo inimigo, como
 se manda na Ordenação, (Liv. 5. tit. 17.)
 e não podendo os inimigos de qualquer bani-
 do matallo impunemente, como se decla-
 ra na Sentença proferida contra o Pam-
 plona, e contra outros muitos; constituin-
 do-se réo de homicidio quem os mata por
 odio, paixão, vingança, ou interesse, e
 não unicamente por zêlo da justiça, e
 pelo bem commum; e contrahindo a vi-
 leza d'Algoz quem mata a qualquer bani-
 do ainda licitamente, quem não abomina
 semelhante Moral, e semelhante Filoso-
 fia? Muito mal faz não se ter sempre na
 lembrança que o Profeta Isaias (56. 10.)
 disse em iguaes circumstancias: *Os senti-
 nellas de Israel todos são cegos, todos são
 ignorantes: são huns cães mudos, que não
 sabem ladrar; que não vêm, senão fantas-
 mas; que dormem, e que gostão dos seus
 sonhos. São huns cães, que tem perdido a
 vergonha, e que nunca se farião. Os mes-
 mos Pastores não tem intelligencia alguma:
 todos declindrão para o seu caminho; cada
 hum segue os seus interesses, desde o maior
 até o mais pequeno. Ah! e que mal não
 faz tambem deixarem tantos de attender
 effectivamente a que Jesus Christo (Joann.*

ro: 11.) está dizendo: *O bom Pastor dá a vida pelas suas ovelhas; porém o mercenario vê vir o lobo, e deixa as ovelhas, e foge: e o lobo arrebatá, e faz desgarrar as ovelhas?* Os que, sabendo mesmo quanto se tem odio, e rancor aos Francezes, se não atrevem a impugnallo expressamente, a fim de impedirem, que se percão as innumeraveis almas dos que lho tem, não fazem caso de Jesus Christo (Luc. 9. 26.) estar dizendo: *Se alguém se envergonhar de mim, e das minhas palavras; também o Filho do Homem se envergonhará d'elle, quando vier na sua gloria, e na de seu Pai, e Santos Anjos.*

§. 41.

Diz v. m., que persuadir presentemente se não tenha odio aos Francezes, sem embargo mesmo de não resultar d'elle utilidade alguma á nossa causa na frase do Prégador, isso era não só deitar oleo no incendio, mas impolitica, e imprudencia, em razão do que a todos absolutamente causou escandalo. Mas quem não vê que, ainda escandalisando-se todos absolutamente de se lhes prégar a observancia daquillo, que o Evangelho manda, como condição, sem a qual repugna salvarem-se, as-

sim mesmo o que v. m. diz he hum absurdo grande ? E se não, veja bem que incôvenientes dahi se seguem. Se he deitar oleo no incendio impugnar os vicios, quando elles mais dominão, então ou nunca hão de impugnar-se, ou hão de impugnar-se, quando não he necessario, que elles se impugnem. E conforma-se isto com a sua razão ? Dicta-lho assim a consciencia ? Esse farisaico escandalo mostra que sim, e não só a respeito de v. m., mas tambem de quantos o tiverão, o qual não mostrarão, sem mostrarem juntamente o seu lamentavel estado. Conforme esse systema, injusta, e erradamente prérgava Jesus Christo, e mandava prérgar, a sua Divindade, e a sua vinda, sabendo, que o povo estava persuadido de que elle não era o Messias promettido ; de que essa prérgação hia causar muito maior escandalo, do que agora se imputa ao Prérgador ; e que ella havia de custar, como custou, a vida ao mesmo Jesus Christo, a seus Discipulos, e a outros muitos. Então injusta, e erradamente obrarão todos aquelles, que só combaterão os vicios, quando os havia, e á proporção, que os havia, sem embargo de conseguirem, como por isso conseguirão, a coroa do Martyrio. Então em fim injusta, e erradamente animou sempre Jesus Christo, e anima

ainda, a todos os seus Ministros, e a todos os Christãos a combaterem o vicio, e a persuadirem a virtude, até o ponto de lhes dizer continuamente: (Matth. 10. 28.) *Não temais aquelles, que podem matar o corpo, mas não podem matar a alma: teme-me antes aquelle, que póde lançar a alma, e o corpo no inferno. Mas quem tal dirá?*

§. 42.

Se he impolitica, e imprudencia persuadir a hum povo roubado, perseguido, cheio de afflicções, e por isso indignado até não mais contra seus inimigos, rogando-lhes de continuo pragas innumeraveis, e horriveis, respirando sempre sentimentos de vingança, e, por dizer tudo de huma vez, parecendo mesmo ter odio a quem lhò não tem, se he, digo, impolitica, e imprudencia persuadir a hum tal povo, que, não obstante ser licito matarem-se os seus inimigos, e fazer-se-lhes em termos habeis, ainda pelos mesmos Paizanos (tacitamente authorizados) todo o mal necessario, e conducente, para salvar-se a Patria, o Throno, e a Religião, com tudo nunca he licito o ter-lhes odio; porque na frase do Evangelista (1.ª 3. 15.) *he homicida todo aquelle, que tem odio a seu irmão; nenhum*

bomicida tem a vida eterna permanente em si mesmo; e permanece na morte, isto he, em peccado mortal, *quem não ama o seu proximo*, qual he tambem sem dúvida ainda o maior inimigo: se he impolitica, e imprudencia persuadir a hum tal povo, que do odio, que se tem aos Francezes, não póde resultar utilidade alguma á nossa causa, e que por isso, em vez de lho terem, vão pegar em armas, e fazer-lhes, quanto for necessario, para ficarmos triunfantes, fazendo-lho porém sempre com o mesmo animo, com que o devem fazer a quantos são condemnados a qualquer pena, os executores das sentenças: se finalmente he impolitica, e imprudencia persuadir a hum tal povo, que aquelles inimigos são nossos proximos, e nossos irmãos; que se entende igualmente a respeito delles, que a respeito de quaesquer outros, o preceito *diligite inimicos vestros*, em que Jesus Christo a todos manda, que amem a seus inimigos, e por conseguinte perdoem as offensas, que lhes fazem os mais homens, como condição absolutamente necessaria, para o Pai Celestial vir a perdoar-lhes as offensas, que elles tambem lhe fazem, e entrarem na bemaventurança; se isto, além do que, e contra o que o Prégador nada persuadio, nem disse, como se vê no seu Sermão, se

istó, digo, he impolítica, e imprudencia s
então forão impolíticos, e imprudentes o
Apostolos, e o mesmo Jesus Christo, que
em mais críticas circumstancias fizerão ou-
tro tanto, e muito mais ainda: então só
devem prégar-se as maximas do Evange-
lho, quando os homens gostáo, e não quan-
do necessitáo, de que ellas se lhes préguem:
então errárão os Apostolos em responde-
rem (Act. 5. 29.) a quem lhes prohibia
prégar a doutrina de Jesus Christo, *que im-
porta obedecer a Deos mais, do que aos ho-
mens.* Mas que absurdos, e que iniquidades
não divisáo todos em semelhantes conse-
quencias?

§. 43.

Não obstante haver homens celebres,
e extravagantes, se não se visse, não se
acreditava, que houvesse, quem reputasse
impolítica, e imprudencia refutar-se o odio,
e persuadir-se o amor de huns inimigos,
que se aborrecem actualmente pelos gran-
des incommodos; que a todos causáo. Se
não he a huns taes, então não sei a quem
deve applicar-se, o que S. Tiago (3. 13.)
diz assim: *Ha entre vós algum, que seja
sabio? Mostre pela sua santa conversação
as suas obras, com huma sabedoria cheia
de brandiza. Porém se vós tendes no cora-*

ção huma amargura de ciúme, e hum espirito de contenda, não vos glorieis, e não sejais mentirosos contra a verdade. A politica, e a prudencia de se não combater hum vicio o mais nocivo, e dominante, por se não desagradar, já aquelles, que o tem, já a mais alguns, he sem dúvida a sabedoria, a que o mesmo Apostolo chama *terrena, diabolica, e sensual*, dizendo, *que a que vem lá de cima, he amiga da paz, docil, moderada, susceptivel de todo o bem, e cheia de misericordia, e de boas obras.* Embora huns taes passem por sabios, e prudentes: ou o Espirito Santo nos engana sobre o amor, e odio dos inimigos, sem excluir os Francezes, *quod absit*; ou de semelhantes sabios, e prudentes foi, que Deos disse por Isaias (29. 14.) n' outro tempo: *Eu destruirei a sabedoria dos sabios, e reprovarei a prudencia dos prudentes.*

§. 44.

Errada, e impiamente logo se dá o nome de politica, e de prudencia á omissão de enganar a quem anda enganado sobre o negocio da sua salvação. Prégando-se pouco antes nesta Capital, como v. m. diz na sua Carta, e n' huma das Igrejas mais frequentadas, que não se entende a respei-

to dos Francezes o amor, que Jesus Christo a todos manda ter a seus inimigos, só não reputa necessario, e muito necessario para a salvação das almas publicar-se logo na mesma Capital, e tambem n'humas das Igrejas mais frequentadas, quanto isso he erroneo, e quanto isso he falso, quem não attende, como deve ser aos funestos inconvenientes de semelhante prégacao. E he impolitico, he imprudencia fazer-se o que he muito necessario, para as almas se não perderem eternamente? V. m. diz, que sim, fundado já na sua intelligencia, já na pratica, e na doutrina de muitos, inculcando-se porém nisso até falta de Religião, como sem dúvida se inculcão os que dizem outro tanto. Meu Amigo, repare bem no modo, com que S. Paulo (§. 39.) manda, que se prégue a palavra, e logo deixará de ter o Prégador por impolitico, e imprudente.

§. 45.

Diz mais v. m., que era improprio impugnar o odio dos Francezes n'hum Sermão da Senhora da Piedade; mas nenhuma razão tem. Não vê, que no Assumpto se requer a observancia de quanto Jesus Christo manda, para invocarmos devida-

mente a Santa Virgem ? Attenda v. m.; como deve ser, ao primeiro paragrafo do Sermão, e logo lhe parecerá, que se fallou do ponto com a naturalidade maior do mundo.

§. 46.

Em quanto á advertencia, que na sua faz, de que muitas pessoas instruidas, e virtuosas não distinguem os Francezes dos demonhos, e assentão, que tudo he o mesmo, e tudo he hum, nunca v. m. tenha por instruido, nem por virtuoso quem assim pensa, e quem falla assim. A sabedoria de taes pessoas sem dúvida he aquella, a que o Apostolo S. Tiago (3. 15.) chama *terrena, diabolica, e sensual*. Pensar, e fallar assim, e ser ao mesmo tempo temente a Deos, e bom Christão, repugna absolutamente. Como na frase do Escritor Sagrado (Eccl. 1. 16.) o principio da sabedoria consiste em temer a Deos, fuja sempre de regular os seus costumes por aquelles pretendidos sabios, que se não conformão com a Revelação, com a Santa Igreja, e com os Santos Padres. De huns taes quer S. Paulo, (Colloss. 2. 8.) que todos se abstenhão, dizendo-lhes: *Vêde não vos apanhe alguém com a sua Filosofia, e com os seus enganadores raciocinios, segun-*

do as tradições dos homens, segundo os principios do mundo, e não segundo Jesus Christo. E só pensão, ou fallão assim, por não fazerem o devido caso do mesmo Santo (Rom. 12. 3.) lhes dizer incessantemente: Não queirais saber mais, do que importa saber, senão que vos contenhais nos lemites da moderação, segundo a medida da fé, que Deus repartio com cada hum.

§. 47.

Nem humas taes pessoas se lhe representam virtuosas; nada pois tem disso realmente: antes se assemelhão áquelles sepulchros branqueados, que Jesus Christo (Matth. 23. 27.) diz, *que por fóra se mostrão formosos aos olhos dos homens, e por dentro estão cheios de ossos de defuntos, e de toda a asquerosidade*; como tambem áquelles, de quem o mesmo Jesus Christo (Ibid. 7. 15.) manda, *que todos se guardem, por apparecerem cubertos com pelles de ovelhas, quando interiormente são huns lobos arrebatadores.* Em ellas mostrando, que tem odio, ou que não amão sinceramente, ainda os maiores inimigos, que tem, sejam, ou não sejam Francezes, posto que v.m. lhes veja praticar muitas virtudes, e até lhe pareça, que fazem milagres, não duvide reputallas

em peccado mortal , assim como a quantos se escandalisárão do Prégador impugnar o odio , e recommendar o amor daquelles inimigos , dizendo ao mesmo tempo , que se pegue em armas contra elles , e que he licito matarem-se , huma vez que só assim possa defender-se a nossa justa cáusa , e concorrão outras circumstancias. A cada passo ouvirá v. m. dizer , que todos os bons Portuguezes devem ter raiva aos Francezes , e matallos mesmo particularmente , podendo. Mas advirta , que só falla assim quem repua bons Portuguezes aos que são máos Christãos. Fazer isso , e viver christãmente envolve repugnancia.

§. 48.

Embora essas mesmas no coração não tenham a malevolencia , que nas suas palavras indicão : nós lêmos no Evangelho , (Matth. 12. 34.) *que a boca falla o de que está cheio o coração* ; e por isso de modo nenhum peccamos em suppormos em peccado mortal a quem se inculca transgressor de hum preceito , em que S. Paulo (Rom. 13. 8.) diz , que se encerra toda a Lei , principalmente dizendo Jesus Christo , (Matth. 7. 16.) *que pelas suas obras he que nós bavemos de conhecer a ca-*

da hum, visto que ninguem colhe uvas dos espinheiros, nem figos dos abrolhos. Dado porém, e não concedido, que as pessoas, que nas suas pálvras indicão odio, não ás iniquidades dos Francezes, o qual ninguem duvida que he licito, e até devido, mas aos mesmos Francezes, nem por isso deixão de se lhes imputarem tantos peccados graves, quantas são as pessoas, a que assim dão escandalo. E repugna tanto serem realmente virtuosas, sem deixarem de ter odio aos Francezes, e sem os amarem, como a si mesmas, que (1. Cor. 13. 1.) diz S. Paulo: *Se eu fallar as linguas dos homens, e dos Anjos, e não tiver caridade, sou como o metal, que soa, e como o sino, que tine: e se eu tiver o dom de profecia, e conhecer todos os mysterios, e tiver huma perfeita sciencia de tudo, e toda a fé, que he possível, até o ponto de transportar montes, mas não tiver caridade, (no ser da graça, diante de Deos) não sou nada.* A quem logo não devem parecer monstros da humanidade, os que reputão licito maltratallos sem a moderação da defeza inculpavel, recommendada até não mais por todos os Direitos, e pelo mesmo Natural? Os que assentão, e até ensinão, que só ha obrigação de se amarem em quanto ao espirital, mas não em quanto ao temporal, e

que por isso he licito matallos aonde quer que se achem , e ter-lhes odio em quanto ao temporal ? Se eu mesmo o não tivesse ouvido , talvez o não acreditára ; fazem-se pois incriveis semelhantes monstruosidades. Como na frase do Evangelho (Matth. 15. 14.) *quando hum cego conduz a outro cego , cabem na cova ambos* , quanto não he de pessimas consequencias , que assim pensem , e assim falleem até Ministros do Santuario ?

§. 49.

Bem poderão , e até devêrão todas essas pessoas ter sempre na lembrança , que se os Francezes são demonios , então são ellas irmans dos demonios ; lembrando-se tambem de que peccão mortalmente em assim pensarem , e fallarem de huns homens , seus proximos , seus irmãos , feitos por Deos á sua imagem , e remidos por Jesus Christo á custa do seu sangue , e da sua vida ; e de que na frase do Evangelista (1.^a 3. 8.) *aquelle , que pecca , he filho do diabo.*

§. 50.

Não obstante porém ser tão prohibido o odio , e tão mandado o amor daquelles inimigos , nos he licito alegrarmos-nos com

elles serem derrotados, quanto seja necessario, para ficarmos gozando pacificamente a nossa Patria, o nosso Principe, e a Religião, que professamos; com tanto que (note bem) essa alegria só nasça do amor da justiça, e não do rancor, ou de qual-quer outra paixão, unico modo, porque tambem nos he licito alegratmos-nos com se condemnarem á morte os nossos mesmos Compatriotas, quando em razão de seus crimes a Lei o manda. Assim como logo pecca mortalmente quem por alguma paixão, e não por ser de si justo, se alegra com a morte, ou com outro incommodo grave de seus criminosos Compatriotas, assim tambem pecca mortalmente quem por alguma paixão, e não por ser de si justo, se alegra com a derrota, ou com outro damno grave dos criminosos Francezes.

§. 51.

Em consequencia de tudo isto, persuade-se v. m., e assente, que he formalmente réo de innumeraveis peccados mortaes, em razão de cá terem vindo os Francezes; que, supposto o que me diz, desde então até agora tem sido nullas todas as suas Confissões; que quantas vezes em todo este meio tempo *comeo o Pão Eucharistico*, na



frase de S. Paulo, (1. Cor. 11. 27) *outras tantas ficou réo do Corpo do Senhor; e comeo a sua condemnação; e que repugna tanto salvar-se v. m., continuando a ter-lhes odio, ainda mesmo a respeito do temporal; ou não se arrependendo sufficientemente do que até agora lhes tem tido; ou não os amando, como a si mesmo, aliás, como Jesus Christo o tem amado; diz pois (Joann. 15. 12.) O meu preceito he este: Que vos ameis huns aos outros, como eu vos amei; e consta de Santo Agostinho, (Tract. 83. in Joann.) que não pôde amar o proximo, como a si mesmo, quem não ama a Deos, porque hum tal se não ama a si mesmo; *Qui enim non diligit Deum, quemodo diligit proximum tanquam se ipsum, quandoquidem non diligit et se ipsum?* repugna, digo, isso tanto, quanto repugna, que falte a palavra de Deos, ou que elle deixe de ser aquillo, que he por essencia. E pelo que v. m. na sua diz, nesse lamentavel estado se deve considerar infinita gente; donde se infere bem que, tendo os Francezes causado hum damno muito grande em quanto aos corpos, o tem causado maior infinitamente em quanto ás almas, visto condemnar-se, como de certo se condemna, quem morre, sem deixar de lhes ter odio; sem os amar, como a si*

mesmo , (adver-indo que só se ama a si mesmo quem ama a Deos ; e só ama a Deos quem lhe guarda os Mandamentos) e sem os peccados , nisso commettidos , se lhe perdoarem por via da Penitencia.

§. 52.

Com tudo , meu Amigo , nem a v. m. , nem á infinita gente , que se acha em iguaes circumstancias , he impossivel salvar-se ainda. Em se pondo os meios sufficientes , quaes são , em quanto ao passado , a devida penitencia , e em quanto ao futuro a devida emenda , sem dúvida se consegue esse importantíssimo fim. E para que melhor se convença de que isto he evidente , lembrese das razões , com que fica provada (§. 20.) a possibilidade de salvar-se ainda o Napoleão. Não duvide que Deos quer sinceramente salvallo ; assim como á quantos se achão em iguaes circumstancias , ou peiores ainda ; mas attenda á que Deos só promette converter-se para quem se converter para elle primeiramente á proporção da graça , que tem. *Convertimini ad me , et ego convertar ad vos* ; pois assim diz o mesmo Deos , (Zach. 1. 3.) mostrando ao mesmo tempo a nossa liberdade , segundo consta do Concilio Tridentino. (Sess. 6. de Justificat. cap. 5.)

§. 53.

De eu nada lhe ter dito a respeito das infinitas pragas, e maldições, em que v. m. na sua diz, que rompia contra os Francezes, talvez tenha já inferido que as reputo licitas, e por consequencia tambem o odio, que de ordinario as acompanha, ou que dellas he origem, suppondo-me assim réo de contradicção; mas engana-se absolutamente. Como eu sei, que v. m. não sómente contra os Francezes, mas tambem contra os seus Compatriotas, e até contra quanto lhe pertence, costuma usar desse maldito genero de castigo, desafogo, e satisfação, assim como faz o commum da gente, parece-me interessante dizer-lhe n'hum Ponto separado, o que sobre isto entendo, a fim de que melhor se convença do miseravel estado, em que traz a consciencia; he pois tão máo rogar pragas a alguem, ou amaldiçoallo, que a isso chama a Escritura Santa dizer-lhe *anathema*. Porque os Judeos amaldiçoavão a Jesus Christo; e praguejavão o seu Nome, como cousa execravel, e digna de exterminio, dizia S. Paulo aos Corinthios: (1.^a 12. 3.) *Eu vos faço saber, que ninguém, que falla pelo Espirito de Deos, diz anathema a Jesus*. Logo lho diz pelo espirito do diabo. Logo quem amaldiçoa, ou roga pragas, o faz movido pelo diabo.

P O N T O II.

Das Pragas, e Maldições.

§. I.

PElo que v. m. na sua me diz, e pelo que me tem ensinado a experiencia, considero-o, e contemplo-o tão habituado a rogar pragas, e a jurar debaixo de certas maldições, que talvez o faça ordinariamente sem alguma, ou com mui pouca advertencia. E por isso, a não se confessar, como deve ser, convertendo-se sinceramente, e tendo a devida emenda, será inevitavel, que se condemne. Assim como v. m. sabe, que Deos quer salvar todo o homem, assim tambem sabe, aliàs deve saber com evidencia, que ninguem se salva, sem que lhe guarde os mandamentos; e porque muitos facilitão excessivamente a salvação, he que poucos se não condemnão. Esperando-a, e querendo-a, todos absolutamente, (tallo dos que tem a devida crença) não ignora v. m. quantos se encontrão, que em vez de lhes agradecer, que alguem

os desengane, segundo o Evangelho manda, olhão com dissabor, e com indifferença tudo, o que se oppõe ás suas paixões. Lembrar-lhes que Jesus Christo (Matth. 7. 13.) diz a todos claramente, *que entrem pela porta estreita; porque a de perdição he larga; e são muitos, os que vão por ella; que he mui apertado o caminho, que guia para a vida, e que são mui poucos, os que acertão com elle*: Lembrar-lhes que Jesus Christo (Luc. 10. 16.) diz áquelles, *que o representam: O que a vós ouve, a mim ouve, e o que a vós despreza, a mim despreza; e o que a mim despreza, despreza dquelle, que me enviou*: Lembrar-lhes em fim, que Jesus Christo diz incessantemente: *De que serve ao homem lucrar todo o mundo, se elle vier a perder a sua alma*: Lembrar-lhes, digo, humas verdades tão importantes, he sem dúvida querer passar por escrupuloso, e impertinente. Eis-aqui porque debalde se tem recommendado a v. m., e se recommenda a muitos, que não roguem pragas, nem jurem debaixo de certas, e horrendas maldições.

§. 2.

Não pense, meu Amigo, que me obrigação a discorrer, e a fallar assim conjectu-

ras, ou desconfianças: he sem dúvida huma larga experiencia. E se não, pergunto: Quantos dos innumeraveis Christãos, costumados a rogar mal, e a praguejar, sem nunca acharem quem por isso repute, como eu reputo, nullas às suas Confissões, e então lhes defira, como eu defiro, a absolvição até, que se confessem, como deve ser, e se emendem, quantos, digo, se persuadem, e assentão, que as suas pragas, e maldições impedem a salvação? Não será assim, mas representa-se-me que, se huns taes se persuadissem devidamente de que, a não perderem esse máo habito, que tem, sem dúvida se condemnão, ninguem lhes ouviria praga, ou maldição alguma. Como logo não ha de imputar-se a facilidade, e indulgencia dos Confessores a condemnação daquelles, que por habito rogão mal, e praguejão? Se tão sómente se absolvesse, quem he digno da absolvição, não se ouvirião, como ouvem, continuamente pragas, e maldições, que parece fazem tremer o mundo. Por quanto na frase de São Paulo (Philip. 4. 13.) com a divina graça tudo se póde, e tudo se vence; e, segundo o mesmo Santo (1. Cor. 10. 13.) Deos a dá sempre em tal abundancia, que nunca ella deixa d'exceder ainda a maior tentação. Não obstante cada hum ser tentado

pela sua propria concupiscencia ; não obstante a concupiscencia de cada hum , depois de ter concebido , parir o peccado ; e não obstante o peccado , depois de se consumir , gerar a morte , como ensina o Apostolo S. Thiago , (1. 14.) ninguem com tudo pecca violento , e contra sua vontade ; he pois da essencia do peccado , que elle seja voluntario , e que se faça livremente. Por mais enorme que o peccado se contemple ; por mais inveterado que seja o habito de peccar , em se obrando , como deve ser , no Tribunal da Penitencia , se remedeia tudo prontamente. Aquelles mesmos peccadores , que , não podendo justificar-se perante quem os reprehende ; e não querendo renunciar o seu peccado , sem pejo , e sem Religião respondem , que lá se haverão com Deos , esses mesmos ordinariamente só por culpa dos Confessores não substituem huma completa resignação , e humildade a tanta soberba , e libertinagem. Tanto interessa Jesus Christo , empenhado na salvação de todos , em que os seus Ministros não abusem do poder , que tem , de remetter , e reter peccados : e tanto interessão os peccadores , espiritualmente mortos pelo peccado , em procurar sempre Medicos bem capazes de lhes curarem a mortal enfermidade de suas almas. Por v. m.

os não ter procurado assim, antes de proposito fugir dos que o farião emendar-se desse maldito habito, que tem, de praguejar, he que só nisso tem commettido huma infinidade de peccados. Sem que se ponhão devidamente os meios, nunca jámais se conseguem os fins; e o meio ordinario de tornar sã a alma, que se acha mui doente, he sem dúvida recorrer a hum bom Medico das almas, quero dizer, a hum digno Confessor.

§. 3.

Na verdade, meu Amigo, faz pasmar que, sendo infinitamente menos perigosa, e menos temivel a doença do corpo, do que a doença da alma, de ordinario se cuida menos infinitamente em curar a alma, do que em curar o corpo em termos de se ficar sã. Quanto mais o Medico do corpo impede, e atalha a doença do mesmo corpo, tanto mais he querido, e procurado. Pelo contrario, quanto mais o Medico da alma impede, e atalha a doença da mesma alma, tanto menos se procura, e tanto menos d'elle se faz caso. Para a saúde do corpo todos querem o Medico mais importuno, e que mais attende ás regras da Medicina, e ás circumstancias do doente. Mas para a saude da alma quasi todos

querem o Medico mais passageiro , e indulgente , e que menos attende ás regras da Moral , e as circumstancias da doença. Lamentavel differença ! E como não ha de ser pequeno , e mui pequeno o numero dos que se salvão ? Sem hum bom Medico do corpo se escapa á morte com frequencia , e mesmo sem Medico algum ; ha pois aonde sem elles , e só pela benignidade da natureza , se vive igualmente , ou mais ainda. Mas sem hum bom Medico da alma , sem hum digno Confessor , ou nunca se escapa á morte da mesma alma , ou se lhe escapa só difficulosamente. He logo necessario , que os peccadores procurem sempre Confessores capazes de os conduzirem á bemaventurança ; e que fujão sempre dos que ou só sabem , ou só costumão conduzi-los ao inferno ; se pois todos os Confessores obrassem conforme os seus deveres , não commetterião os Christãos nem o dizimo dos peccados , que commettem ; e por consequente se não condemnaria nem o dizimo dos Christãos , que se condemnão. E poderá v. m. negar , que isto seja assim ? He sem dúvida que não. Sem embargo de ter obrado , e sido causa de se obrar na sua casa ; como que isto não fosse verdade , v. m. não entende o contrario ; e por isso mais criminoso deve reputar-se , considerando-se

tambem responsavel por quantos peccados foi causa de se não evitarem com a escolha, que advertidamente fez, e induzio a fazer-se de indignos, e pessimos Confessores. Mas se o nega, ou duvida, eu o convenço.

§. 4.

Pelo que tenho observado ha largo tempo, representa-se-me que em casa de v. m., bem como nas de infinita gente, se não sabe dizer nas afflicções, senão assim: *Os diabos me levem, se eu tal fizer, ou não fizer; raios te partão; pela minha salvação;* e outras semelhantes expressões. Muito antes da sua, e das mais familias saberem a doutrina Christá: não digo bem; como ainda muitos de maior idade a não sabem sufficientemente, e em termos de salvarem-se, não devo explicar-me assim. Muito antes de terem completo uso de razão: ainda não digo bem; porque antes de muitos o terem, já dão infinitas provas de terem observado com frequencia pessimos exemplos: e por tanto direi antes: *Apenas muitos vão fallando perceptivelmente, quantas, quantas vezes não rompem elles n'humas taes expressões? Ainda bem não pronunciaõ o nome de Deos, e dos Santos, já sabem perfectamente rogar pragas,*

e manejar diabos a centos, a milhares, e a milhões. Que importa porém? dirá v. m.; e dirão muitos. Como huns taes ainda não usão da razão, nada se lhes imputa a peccado, fação o que fizerem: Ah! e não se imputa a peccado a quem lhes dá tão máo exemplo? A quem, podendo, e devendo impedir, que tenhamão tão máo costume, lho permite, e lho consente? Se v. m., e outros semelhantes com a sua palavra, e com o seu exemplo impedissem, que seus filhos, ainda crianças, se costumassem a rogar pragas, e a prometter com juramento fazer mal a alguem, por ventura obrarião, como obrão, depois de serem grandes? Parecerião, como parecem depois, respirar sempre diabos, e maldições? He sem dúvida que não. Aliás, diga-o a experiencia de alguns poucos bem educados, de alguns, cujos pais na sua educação mostravão, que erão bons Christãos. Com tudo, por mais que roguem pragas, sempre se confessão, quando querem; por mais que se confessem de rogar pragas, sempre as rogão como d'antes, sem nunca faltar quem lhes dê a chamada absolvição, posto que só com o effeito de se augmentar o número de seus peccados, e cada vez se fazer mais difficuloso virem elles a salvarem-se. Como logo não são ordinaria-

mente os Confessores a causa de tanto mal? Elles o conhecerão com evidencia, quando Jesus Christo disse lhes tomar conta. Quanto não lamentarão elles então, mas inutilmente, que o vicio de praguejar por sua culpa tenha feito perder infinitas almas, e que elles se perdessem tambem pelo não impedirem, e atalharem devidamente? He pois hum grande peccado, digão o que disserem, tanto os que o absolvem; como os que o commettem.

§. 5.

Não o duvide, meu Amigo. Huma vez que se attenda, como deve ser, á Escri-tura Santa, se vê com evidencia, que em rogar pragas, e maldições se pecca mortalmente. Por quanto diz S. Paulo, (1. Cor. 6. 9.) *que nem os fornicarios, nem os idolatras, nem os adulteros, nem os ladrões, nem os bebados, nem os maldizentes, hão de possuir o Reino de Deos.* E a Moysés tambem Deos disse claramente: (Levit. 20. 9.) *Aquelle, que amaldiçoar a seu pai, ou a sua mãe, seja punido de morte; e o seu sangue recaia sobre elle; porque amaldiçoou a seu pai, e a sua mãe.* E que prova mais evidente de que o peccado dos praguejadores, e dos maldizentes he gra-

vissimo, e he mortal? Como Deos he infinitamente justo, infinitamente bom, e infinitamente sabio, e por consequencia nunca jámais ameaça, ou prescreve penas graves por culpas leves; e como elle ameaça, ou prescreve a privação do seu Reino, e a morte a quem roga pragas, e maldições, com que authoridade, com que razão julgaõ muitos, que nisso se não pecca mortalmente? Eis-aqui porque Santo Thomaz discorria assim: *Nada exclue do Reino de Deos, senão o peccado mortal: mas a maldição exclue do Reino de Deos, conforme S. Paulo disse aos Corinthios; logo a maldição he peccado mortal: e tanto mais grave, quanto mais nós devemos amar, e reverenciar a pessoa, que amaldiçoamos; saltamos pois á caridade, com que a devemos amar.* E eis-aqui tambem porque o amaldiçoar a Deos he huma blasfemia grande, e hum gravissimo peccado; por cuja razão disse o mesmo Deos a Moysés: (Levit. 24. 15.) *O homem, que amaldiçoar ao seu Deos, levará a pena do seu peccado; e o que amaldiçoar o nome do Senhor, morra de morte: todo o povo o apedrejará, ou elle seja fustoso, ou elle seja Cidadão.* Como logo poderão salvar-se, os que por habito rogaõ pragas, e maldições, segundo eu sei, independente mesmo da sua Carta, que v.m.,

é toda a sua familia fazem á imitação de infinitos mais, e não só contra os Francezes, mas tambem contra quanto ha? Assim he que pelo Sacramento da Penitencia se pôde remittir, e apagar todo o genero de peccados; mas quem não sabe, que só se confere, ou se faz Sacramento da Penitencia, quando o peccador se confessa bem; e que o peccador só se confessa bem, quando tem verdadeiro arrependimento de ter peccado, e sincero proposito da emenda? Quem não sabe, que a falta dá devida emenda inculca, e presuppõe a falta dá devida contrição? Quem não sabe, que repugna absolutamente haver proposito da devida emenda, e haver a devida contrição naquelles, que, tendo-se confessado de muitas pragas, e maldições, continuão como d'antes, e ás vezes mais ainda?

§. 6.

Se os que rogão pragas, se lembrassem, ou pelos Confessores fossem obrigados a lembrar-se, de que não só commettem peccados da mesma especie do mal, que rogão, mas tantos peccados, quantos são esses males, ficando assim réo de matar homens, quem roga pragas de morte dos mesmos homens; ficando assim réo de

roubar o proximo , quem roga pragas de ruina de bens ao mesmo proximo ; ficando assim réo de outros quaesquer damnos , quem roga pragas desses mesmos damnos ; ficando finalmente assim réo de offender todas as pessoas de qualquer familia , de qualquer Provincia , e ainda mesmo de todo o mundo , quem só com hum impeto de furor roga pragas a toda huma familia , a toda huma Provincia , e a todo o mundo : Se os que rogão pragas , se lembrassem , ou pelos Confessores fossem obrigados a lembrar-se de que , rogando-se ellas com ira , como se rogão quasi sempre , repugna tanto deixar d' haver odio em quem as roga , quanto repugna deixar de haver lume , aonde ha fumo , e calor , aonde ha fogo ; persuadindo-se assim de que he tão capaz de privar do Ceo o peccado de rogar pragas , como he o peccado de ter odio ; persuadindo-se assim de que não he mais necessario para a salvação cada hum deixar de ter odio , do que he cada hum deixar de rogar pragas ; persuadindo-se finalmente assim de que não merece menos o inferno , quem absolve os que não deixão de rogar pragas , do que he , quem absolve os que não deixão de ter odio : Se os que rogão pragas se lembrassem , ou pelos Confessores fossem obrigados a lem-

brar-se, de que he absolutamente necessario evitallas, já por se oppõem á caridade, quando se não oppoem tambem á justiça, já por se não dar escandalo; convencendo-se assim de que, ainda que se roguem sem vontade, e intenção de empecerem, sempre são peccaminosas em razão do escandalo; convencendo-se assim de que se pôde com huma só praga commetter tantos peccados mortaes, quantas pessoas se escandalisarem; convencendo-se assim de que em taes circumstancias não basta confessar, que se rogárão pragas, mas ás vezes se deve confessar tambem a qualidade das pessoas, contra quem ellas se rogárão, o numero das pessoas, diante de quem se rogárão, e a qualidade das mesmas pessoas; convencendo-se finalmente assim de que, ainda quando nellas só se commettesse culpa leve, já em razão da parvidade da materia, já em razão da falta de advertencia, já em razão de se não querer, que ellas empecessem, com tudo se pôde commetter culpa grave em razão do escandalo: Se finalmente os que rogão pragas se lembrassem, ou pelos Confessores fossem obrigados a lembrar-se de que pouco, ou nada vale haver depois sentimento grande, já dellas se terem rogado, já de acontecer o mal, que nellas se desejava; persuadin-

do-se assim de que se não livra de peccar mortalmente, quem, passada a ira grave, com que as roga, logo se arrepende, e deseja com efficacia grande, que ellas não empêção; porque no tempo, no instante da paixão, com que ellas se rogão, he que se pecca indefectivelmente; persuadindo-se assim de que o arrependimento de se terem rogado, só prova, quando muito, que ellas se rogão por paixão, e não por habito; persuadindo-se finalmente assim de que repugna tanto não ter peccado em rogallas, quem depois se arrepende de ter consentido em as rogar, quanto repugna o não ter peccado em se deleitar carnalmente, quem depois se arrepende de ter consentido na deleitação carnal: Se, digo, os que rogão pragas, se lembrassem, ou pelos Confessores fossem obrigados a lembrar-se de quanto aqui tenho ponderado, talvez que poucas, e bem poucas se rogassem: os seus filhos não lhe ouvirião, como tem ouvido, e ouvem inda pragas, e maldições capazes de horrorizarem a todo o mundo; nem v. m. soffreria, como soffre, que elles mesmos tambem lhas roguem de vez em quando.

§. 7.

Representa-se-me que v. m. lá comsigo

está dizendo que , ainda que se peque em rogar pragas , não se pecca tanto , como eu tenho dito ; porque ellas de ordinario se rogão só materialmente , sem advertencia , e sem vontade de empecerem. Está he a cantilena , com que se defendem continuamente , não só os que as rogão , mas tambem os que os absolvem sacramentalmente , propondo-se huns , e outros , que se não repare no mal , no indesculpavel , e grande mal , que assim fazem. Mas quem não vê , que todos elles se enganão ? E se não , pergunto : Como roga pragas materialmente , quem sabe que as roga , e que he peccado rogallas ? Quem se confessa de as ter rogado , e promete emendar-se de as rogar ? Quem no Tribunal da Penitencia he arguido de rogallas , e penitenciado pelas rogar ? Falta de critica semelhante nem se pensa. Para se conhecer perfectamente que isso he erro , e engano grande , basta a Logica natural. Só pecca materialmente , quem obra mal , sem saber que obra mal ; aliàs quem obra mal , persuadido sinceramente de que isso , que obra , he licito , ou ao menos indifferente. E por ventura ignora alguém que obra mal em rogar pragas ? Persuade-se alguém sinceramente de que he licito , ou ainda indifferente o praguejar ? Eu sei pela experien-

cia, que nunca, ou quasi nunca os praguejadores se desculpão, antes se accusão de terem obrado mal: por via de regra quem os desculpa, he quem os deve julgar culpados, e talvez por não lhes desagradar, e tamhem por temer passar por escrupuloso, e impertinente. Como logo se diz com tanta frequencia, e sem receio de que alguém haja de o censurar, que não se pecca tanto em rogar pragas, quanto eu tenho inculcado, fundando-se quem o diz, em que ellas de ordinario se rogão materialmente? Não duvido que muitas se rogam sem advertencia, e tamhem sem vontade de empecerem. E basta isso, para o rogallas ser licito, ou indifferente? Ninguem sensato dirá tal. Quando se pôde, e quando se deve advertir que pecca em praguejar, a falta de advertencia nada vale. E quem roga pragas, sem poder, e sem dever advertir, que pecca em rogallas? Se he possivel, he mui raro. Rogallas alguem com ira, mas sem vontade de empecerem, ao menos no instante, em que as roga irado, parece tão impossivel, como he ser, e não ser ao mesmo tempo, debaixo do mesmo respeito, e no mesmo sentido. Supponhamos porém que he assim, não obstante huma tal impossibilidade. Para ellas se deverem evltar como peccaminosas, basta

darem, como dão, escandalo. Por quanto diz S. Paulo: (1. Cor. 8. 13.) *Se o que eu como, escandaliza a meu irmão, não comerei eu mais carne em toda a minha vida, por não escandalizar a meu irmão.* {Que doutrina mais tremenda para os que em certos dias sem legitima necessidade comem carne com escandalo!} E Jesus Christo (Matth. 18. 6.) diz também: *O que escandalizar a hum destes pequeninos, que crêm em mini, fóra-lhe melhor, que se lhe pendurasse ao pescoço a mó de huma atafona, e que o lançassem no fundo do mar.*

§. 8.

Embora, meu Amigo. se lêa na Escri-
tura Santa, (2. Reg. 1. 21.) que o Profeta
Rei disse de todo o seu coração: *Montes
de Gelboé, nunca jámais caia sobre vós or-
valho, nem chuva: não haja nos vossos
campos de que offerecer primicias.* Por quan-
to a sua intenção não se referia aos mon-
tes, mas aos males, que nelles se tinham
praticado: elle só os amaldiçoava, porque
lá forão mortos, os que erão a flor, e a
gloria de Israel. Embora se leia na Escri-
tura Santa, (Job. 3. 3.) que o Santo Job
amaldiçoou o dia do seu nascimento, e di-
zia: *Pereça o dia, em que eu nasci, e per-*

reça a noite, em que se disse: Foi concebido hum homem. Por quanto o amaldiçoou tão sómente por causa da culpa original, que então contrahio, e por causa das penalidades, que dahi se lhe seguião, como Santo Thomaz ensina. Embora finalmente se leião na Escritura Santa outras semelhantes expressões: segundo o mesmo Santo, ellas não são propriamente pragas, ou maldições; porém devem considerar-se, já como profecias, ou annuncios dos males, que havião, ou hão de vir; já como desejos de que a vontade de Deos se cumpra; de que se destruão os peccados, e fiquem os homens; e de que haja alguns males, para correcção dos mesmos homens, a fim destes conseguirem a eterna gloria. Ora pergunto, meu Amigo: Quando se propôz v. m. nas suas pragas, e nas suas maldições huns taes fins? Quando o movêrão a rogallas huns desejos, e humas intenções semelhantes? O menos, que v. m. se propunha, o menos que apprehendia, era sem dúvida satisfazer as suas paixões, fossem, ou não fossem Francezes aquelles, contra quem as tem rogado; e o mesmo assento que tem acontecido, e acontece ordinariamente aos mais todos. Mas quem não vê, que isso de ordinario se não consegue sem se dar escandalo, além de se inculcar sempre falta

de caridade, e d'outras virtudes, tão conducentes, como necessarias, para se entrar no gozo do summo Bem?

§. 9.

Não obstante porém ser tão má a condição dos que rogão pragas, e maldições, tenha v. m. por certo, e assente, que he peor ainda a condição dos que lhes misturão, e ajuntão o juramento execratorio, e comminatorio, usando de termos impios, e escandalosos, como por exemplo: *Os diabos me levem, se eu fiz tal: não chegue eu á manhã, se mo não pagares: se isto não he assim, não possa eu daqui passar; e outros semelhantes.* Ainda que a verdade he tão necessaria no juramento, que, faltando ella, se pecca sempre mortalmente, quer seja em materia leve, quer seja em materia grave; com tudo nada menos he necessaria a intenção de cumprir aquillo, que se promete com juramento, quer seja leve, quer seja grave, quer seja bom, quer seja máo; não ha pois caso, nem circumstancia, em que deixe de peccar mortalmente, quem jura sem intenção de cumprir aquillo, que jura, ainda que isso, que jura, seja ou a cousa mais insignificante, ou a cousa peor do mundo. Por quanto

Jura sem verdade, quem jura sem essa intenção. Que peccados logo, que gravissimos peccados não tem v. m. commettido, confirmando com juramento as suas pragas, e maldições? Quando v. m. diz á sua mulher, ao seu filho, ao seu criado, ou a outro qualquer: *Pela salvação da minha alma, que te hei de matar*; ou cousa semelhante, pecca sempre mortalmente. Por quanto ou o jura com intenção de o cumprir, ou o jura sem essa intenção. Se he com essa intenção, pecca mortalmente; porque jura sem justiça, e quer obrigar-se a fazer, o que he peccado mortal: e se he sem essa intenção, pecca mortalmente; porque jura sem verdade. E por consequencia pecca mortalmente sempre, que faz juramentos com semelhantes maldições, quer v. m. os ponha, quer os não ponha em execução. Deve logo arrepender-se muito de ter jurado fazer algum mal; e deve igualmente abster-se de fazer o mal, que tem jurado, a fim de que não peque tambem em fazello, depois de ter peccado já em jurallo.

§. 10.

Eis-aqui, meu Amigo, porque eu no fim do Ponto I. lhe disse, que v. m. traz

em lamentavel estado a consciencia ; ainda pois se não sonhava em cá virem os Francezes, e já eu lhe conhecia o máo habito de rogar pragas, e de jurar com certas maldições. Talvez lhe não tenha esquecido ainda, que eu lho estranhava muito ; que lhe recommendava a emenda ; e que até lhe disse, que ou v. m. enganava os Confessores, ou elles o enganavão, quer fosse por malicia, quer fosse por ignorancia, origem ordinaria de se não impedir, e atalhar no Tribunal da Penitencia tanto mal. Estimei ter esta occasião, para lhe tocar mais a fundo n'hum ponto de tanta importancia, supposta a necessidade, que lhe tenho divisado, de que se lhe fallasse assim ; e estimarei, quanto v. m. não pensa, que se utilize do que lhe tenho ponderado. Em v. m. reflectindo nisto bem, será obrigado a lamentar o estado, em que traz a consciencia, e assentará, como eu assento, que só por via de huma boa Confissão geral, seguida da precisa emenda deste, e dos mais peccados graves, poderá vir a salvar-se, o que eu lhe desejo sinceramente.

§. II.

E como v. m. não só se tem arruinado a si, constituindo-se assim réo de innumereis peccados, mas tambem á sua nune-

rosissima familia, já movendo-a, e animando-a com o seu exemplo a que rogasse, e rogue infinitas pragas, já não fazendo muitas vezes que ella deixasse de rogallas, e da mesma fórma a não pouca gente, além de cuidar na sua conversão, cuide tambem, quanto lho permittirem as circumstancias, na de todos aquelles, que por culpa de v. m. estão em perigo de se condemnarem. Ainda que na frase de S. Chrysostomo (Ponto III. §. 53.) o ensino mais util he o do exemplo, e faltando este, o da palavra pouco, ou nada vale, com tudo, juntos ambos, difficulosamente deixará de haver a devida penitencia, e a devida emenda. E por isso não perca v. m. occasião alguma de resarcir damnos de tanta consequencia, que insensivelmente a muitas pessoas tem causado. Ao mesmo passo que persuadir a conversão, e a emenda com a sua palavra depois de persuadilla com o seu exemplo, queira persuadir tambem, que o unico meio de cada hum revalidar as Confissões nullas, que tem feito, desde de que se habituou a praguejar, he supôr que desde então se não confessou inda vez alguma, e confessar-se geralmente, contando por outros tantos sacrilegios todos os Sacramentos, que recebeu assim.

§ 12.

Não duvido, meu Amigo, antes sei pela experiencia, que a empresa de huma Confissão geral desanima, e confunde a muita gente; e como póde ser que v. m. seja hum dos que se horrorizáo em ella se lhes receitando, julgo conveniente convencello de que não ha a difficuldade, que muitos pensáo. Em v. m., ou outro, que della tenha precisáo, fazendo a possivel diligencia, para que lhe lembrem os peccados commettidos naquelle espaço de tempo, em que se sabe, ou presume que foráo nullas as suas Confissões, ainda que nem hum só lhe lembre; ficáo todos perdoados, como que todos lhe lembrassem, huma vez que a todos elles se extenda a precisa dôr de se terem commettido, e haja sincero proposito da emenda. Examine v. m. a consciencia por alguns dias, e vá accusar-se do que lhe veio á lembrança, sem que se conclua a Confissão: torne a examinalla mais por alguns dias, e depois vá accusar-se da mesma forma: e tendo continuado a proceder assim até que nada mais lhe lembre, conclua a sua Confissão. Como a dita dôr, e o dito proposito não faltem, he tão certo perdoarem-se-lhe todos absolutamente, esqueçáo os que esquecerem, quan-

to he certo, que o Sacramento da Penitencia foi instituido, para que elles se perdoem. E já que sabe escrever, será muito conveniente que no exame aponte os que lhe forem lembrando, os quaes póde confessar depois por esse mesmo apontamento. Ora que difficuldade ha n'humta tal acção? Maior a considero eu em se achar quem tenha os requisitos necessarios, para ella se fazer bem....

P O N T O III.

Do Ornato das mulheres.

§. 1.

Assim como v. m. se queixa do Prêgador não ser desabusado, por arguir de peccado mortal as mulheres, em razão da nudeza, e indecente ornato, com que andão, assim me queixo eu tambem de que v. m. e infinita gente se gloriem tanto de o serem: se bem que só se glorião disso, por não advertirem no que he, e no que significa o ser desabusado; aliás arguillos alguem de o serem, se lhes representaria hu-

ma injuria grande. Por quanto chama-se vulgarmente desabusado quem trata de resto, ou olha com indifferença tudo, o que he de devoção, e não pouco do que he de obrigação, quando a hum tal só compete o nome de libertino, ou de máo Christão. Bem haja logo o Prégador em mostrar, que disso nada tem. Entretanto eu espero, que v. m. interesse muito em elle não ser desabusado, visto em razão disso lhe ter feito duvidar, se he peccado mortal as mulheres assim andarem. Em v. m. reflectindo bem no que vou dizer-lhe sobre o ponto, sem dúvida se reputará obrigado em consciencia a obstar a que sua mulher, e suas filhas assim andem, sem jámais lhe importar; nem que seja licito o trazerem descuberta a cara, para fazer, como faz, argumento de paridade; nem que os Confessores, e os Parocos se callem.

§. 2.

As mesmas, que assim andão, se houve tempo, em que assim não andarão, sem dúvida conhecêrão já perfeitamente, que o andar assim he peccado; e em quanto não perdêrão a vergonha, que tinham de assim andarem, talvez terião, e inculpavelmente, senão por mal procedidas, ao menos por levianas, a quantas assim andayão.

§. 3.

Disse, *inculpavelmente* ; porque assim como não ha temeridade , nem culpa alguma em qualquer ter v. gr. por Moiro a quem traja , como os Moiros , a não ter motivo sufficiente , para julgar que o não he , sem embargo de trajar , como elles trajão , assim tambem a não ha em qualquer ter por prostituta , ou por mulher do mundo áquella , que traja , como só traja huma tal , ou como só huma tal pôde parecer capaz de trajar , a não ter motivo sufficiente , para julgar que he honrada , sem embargo de fingir , que não tem honra. E quem , senão as prostitutas , se atreveria a trajar assim antes da moda se introduzir ? Antes della passar das mulheres do mundo ás mulheres honradas , que pai de familia , a não ser libertino , consentiria que se vissem andar assim suas mulheres , e suas filhas ? Que mãe de familia , induzindo-a então loucamente seu marido a trazer os peitos mal recatados , e os braços nus , se lhe não opporia , já por não parecer adultera , já por não arruinar suas filhas ?

§. 4.

Talvez muitas digão , que máo foi intro-

dúzir-se a moda , mas que já agora se acha introduzida ; que ninguem já se escandaliza de ver andar assim , quantas assim andão ; e que por consequente deve reputar-se hum acto indifferente , aonde não ha vicio , nem virtude . Mas quem não vê os gravissimos absurdos , que se seguem necessariamente de se discorrer assim ? Se por isso deixa de ser peccado andarem ellas , como andão , então não se pecca na mancebia , no furto , e n'outros muitos actos , por todo o Direito expressamente prohibidos , em razão de estarem , como estão , introduzidos , e não haver genero algum de pessoas , que os não pratique , e com muita frequencia ; em razão do commum da gente , pelo habito de ver tudo isso , ter passado já a não advertir , se ha emenda , ou se se continúa ainda ; em razão finalmente de serem innumeraveis , os que ao menos praticamente mostram a todo o mundo , que , sem embargo de semelhantes actos não poderem reputar-se moralmente bons , infinitas vezes nada tem de máos . Porém , meu Amigo , ninguem cordato , e que pense Christamente , se persuadirá jámais de que isto seja assim . Perguntado Santo Antonino , se , introduzindo-se o costume das mulheres andarem com o peito nú , póde elle escusallas de peccarem , (2. p. tit. 4. cap. 5. §. 3.)

respondeo, que não, por hum tal uso ser mui torpe, e lascivo. *Si de usu patriæ est, ut mulieres deferant vestes versus collum sessas, et apertas usque ad ostensionem pectoris, et mamillarum, valde turpis, et impudicus est talis usus, et ideo non servandus.* Olhallo como licito em razão de se achar introduzido, e arguir de peccado mortal a sua introducção, he hum grandissimo absurdo. Se foi peccado mortal introduzillo, já por elle induzir á lascivia, já por escandalisar a muitos, já por ser mui torpe, e lascivo, segundo alguns se explicão, fallando não sómente do peito, mas tambem das espadoas, e dos braços, como não he peccado mortal continualló, e seguillo? Longe da sua continuação lhe poder diminuir a torpeza, e a malicia, sem dúvida lha augmenta. Veja-se *Coniliati* grande Tom. 1. de Scandalo n. 16. 17., donde tambem consta, que a 30 de Novembro de 1683 se comminou em Roma Excommunição *Lata Sententie* ás mulheres, que em público deixassem de se cubrir até o pescoço com hum véo denso, ou não transparente, e aos Confessores, que as absolvessem.

§. 5.

Talvez muitas digão , que se poupa muito em se andar assim. Mas quem não vê , que huma tal desculpa a ninguem satisfaz , nem convence , antes inculca hum animo disposto para toda a immodestia ; e desenvoltura , huma vez que dahi resulte algum interesse , ou economía ? Se por essa razão he licito , que assim andem , mais licito será inda , que andem total , ou quasi totalmente nuas , como andão commummente n'outros muitos Paizes , e Regiões , as que por descenderem da mesma Eva , e do mesmo Adão , são suas irmans. Não será assim , mas , supposta a experiencia , sem temeridade assento , que se algumas cá se arrojassem a andar de tanga , como lá se anda , em poucos annos se veria cá andar o commum das brancas da mesma fórma , que lá andão as pretas , e as pardas , e não por economía , mas por leviandade , unico motivo de cá andarem , como andão. E se não pergunto : Como he por economía que se trazem os braços nús dos cotovelos para cima , trazendo-se cubertos com as luvas dos cotovelos para baixo até ás extremidades das mãos ? Desarranjo de entendimento semelhante não se vio ainda. Para se formar huma idéa clara do que humas

taes merecem que se julgue a seu respeito, supponhamos, que os homens, trazendo cubertas as pernas dos joelhos para baixo, a strazião nuas dos joelhos para cima, tanto, quanto ellas trazem os braços nus desde os cotovelos até aos hombros. Em tal caso quem os não reputaria bandalhos, libertinos, lascivos, e só dignos da casa dos Orates? Parece-me, que só quem tivesse igual falta de Religião, igual falta de vergonha, e igual falta de juizo, os não reputaria assim. Ora ninguem duvida que, sendo mui necessaria a honestidade, e a modestia nas pessoas do sexo masculino, o he mais incomparavelmente nas do sexo feminino. Como logo hão de reputar-se humas taes nas ponderadas circumstancias?

§. 6.

Talvez muitas digão, que os pais de familias nem ás proprias mulheres, nem ás proprias filhas o prohibem, antes permitem, e approvão isso expressamente, o que não farião, ao menos tão universalmente, e com tanta frequencia, se fosse peccado o andar assim. Mas quem ignora, que nem o seu consentimento, nem a sua approvação faz licito, que assim andem?

E se faz, então não he peccado, nem que suas mulheres zultérem, nem que suas filhas se prostituão, quando elles, podendo oppôr-se a isso, não se oppoem, o que certamente ninguem diz, a não ser libertino, e impio o maior do mundo. Tanto o seu consentimento não faz licito andarem ellas, como andão, que antes peccão mortalmente em lho consentirem: elles o experimentarão, em a morte vindo. Ainda que isso não inculca nelles maior malicia, do que nellas, com tudo inculca maior falta de juizo; porque, sem embargo de se condemnarem igualmente, como sem dúvida se condemnão, huma vez que não te-nhão o devido arrependimento, ao menos ellas regalarão-se em andar assim, quando elles só no peccado forão complices, tendo simplesmente, se tiverão, o regalo da sua criminosa condescendencia. E ha, ou póde haver maior loucura em todo o mundo? Semelhantes pais, e máis de familias, e semelhantes filhas fazem, que eu me lembre de Herodes, e de Herodias, e da filha de ambos. Assim como esta com a sua deshonesta dança, com a sua immodestia, e com a sua desenvoltura agradou até o ponto do Rei lhe prometter, quanto ella lhe pedisse, ainda que fosse ametade do seu Reino, e por isso lhe deo n'hum pra-

to a cabeça do Baptista ; assim tambem as Innumeraveis , que a imitão , agradao até o ponto de se lhes permittir por quem as domina , que fomentem , quanto quizerem , a sensualidade , e a lascivia , já fazendo com o vestido de barriga lisa , que os homens nellas veção , ou encarem o que a ellas mesmas ordinariamente não he licito , já entretendo-se em brincos bem semelhantes ao da filha de Herodes , e de Herodías.

§. 7.

Talvez finalmente muitas digão , que se fosse peccado mortal o andar assim , então os Confessores , e os Parocos não olharião , como olhão , isso com indifferença ; apenas pois se encontra algum , que o não consinta , approvando-o os mais todos com o seu silencio , sem embargo de as verem assim , já no Confessionario , já na meza da Communhão. Mas quem não vê , que ellas se enganão manifestamente ? Nunca hum mal pôde cohonestar-se com outro mal. O silencio , com que os Confessores , e os Parocos authorisão a desenvoltura , e levianidade , que ellas á imitação das prostitutas assim indicão , e inculcão , só pôde dar , e só dá testemunho da indignidade , com que elles attendem aos seus deveres , e os cum-

prem. Se póde julgar-se licito andarem ellas , como andão , em razão de nem os Confessores , nem os Parocos fazerem dis- so caso , então julgue-se tambem licito es- tar na occasião proxima do peccado mor- tal , e o ter habito de peccar mortalmen- te , visto persuadir a experiencia , que in- numeraveis Confessores , e innumeraveis Pa- rocos não fazem disso caso algum , já ab- solvendo sacramentalmente a quem se acha em tão lamentaveis circumstancias , já for- rando-se ao trabalho de atalharem a rui- na , e o estrago , que dalli resulta a infi- nitas almas.

§. 8.

Huns taes certamente não se lembrão de que o Senhor pelo Profeta Malaquias (1. 2.) lhes está dizendo: *Se vós , ó Sa- cerdotes , me não quizerdes ouvir , e não quizerdes applicar o coração a dar gloria ao meu Nome , eu vos mandarei a indi- gencia , e amaldiçoarei as vossas benções.* Huns taes certamente não se lembrão de que Deos lhes ha de tomar conta de darem a chamada absolvição ás que assim andão , enganando-as n'hum ponto da maior im- portancia ; fomentando com o seu silencio o escandalo , que assim dão a infinita gen- te , e occasionando por consequencia a con-

demnação a quantas, por não serem obrigadas a emendarem-se, por isso deixão de conseguir a bemaventurança. Que importa logo consentirem elles, e tacitamente approvarem a vergonhosa nudeza, com que tantas andão, sendo expresso na Escritura Santa, que devem trajar com modestia, e com decencia; comparando a mesma Escritura com as prostitutas aquellas, que assim não trajão; e não havendo nada, que possa cohonestar hum tão rediculo procedimento? Mas como hão de convencellas de que se encarregão em não trajarem devidamente aquelles, que a respeito do seu proprio trajo não fazem caso do que a Igreja manda? Sendo muito lamentavel que tantas, como que se envergonhem de parecerem bem procedidas, e honradas, mais lamentavel he inda que tantos, como que se envergonhem de parecerem *Ministros de Jesus Christo, e Dispenseiros dos Mystérios de Deos*, como lhes chama S. Paulo (1. Cor. 4. 4.). Huns pensão erradamente, outros não se animão a pôr em prática o que pensão, e por isso vemos com tanta frequencia em lugar do que se devia ver, aquillo, que se está vendo.

§. 9.

Embora pareça a muitos rigorismo grande o reputar em peccado mortal não só a quantas mulheres assim andão, mas também a quantas pessoas de qualquer modo são culpadas nellas assim andarem: além da razão estar mostrando a quem reflecte, e a quem pensa, quanto isso he máo, também o mostra com evidencia o que lêmos em muitos lugares da Escritura Santa, em muitos Santos Padres, em muitos Concilios, e em muitos Moralistas, que fallarão deste ponto. E que mais he preciso, para ninguem jámais deixar de reputallas n'hum estado lamentavel, e julgar sem temeridade que o andar, e o permittir que se ande assim, dá hum testemunho claro de falta de vergonha, e de falta de Religião; como também de que se espera injustamente conseguír a bemaventurança, visto Deos a ter promettido, e haver de a dar sómente a quem faz, o que elle manda?

§. 10.

Nos Proverbios de Salomão (7. 10. e 26.) diz o Espirito Santo, *que a que traja á moda das Prostitutas, ferio, e arruina a muitos; e que a sua casa he o caminho do*

inferno. Ora que trajo mais semelhante ao de taes monstros, do que he o das que andão mostrando aos homens, já em particular, já em público, e até nos Sagrados Templos, totalmente nuas algumas partes do corpo, que os mesmos homens se não tem atrevido a mostrar assim? Não obstante pois ser menor infinitamente o perigo dos homens trazerem nuas aquellas partes do corpo, que assim trazem as mulheres, ainda nenhum cahio na loucura de andar, como ellas andão, sem embargo de tantos, (não sem culpa grande), terem cahido, e estarem cahindo na de lho consentirem. E se não he trajar á moda das prostitutas, de que ahi falla o Espirito Santo, andarem ellas nuas, como andão, já nas espadoas, já no peito, já nos braços, já na cabeça, então em que trajo he necessario cada huma imitar as prostitutas, para assim ferir, e arruinar a muitos, e para a sua casa ser o caminho do inferno? Eu cuido que nunca as mais infames prostitutas usarão de trajo mais torpe, e mais lascivo, do que hoje usão commummente ainda as que se glorião de inculcar não só honra, mas tambem virtude; cingindo-se em termos das feições de partes mais occultas do seu corpo occasionarem sensualidade a muitos homens.

§. 11.

Na sua primeira Carta a Timotheo (2. 9.) diz por inspiração divina S. Paulo: *Eu quero que as mulheres também órem, vestidas em traje decente, adornadas de modestia, e de castidade.* Em cujas palavras nos obriga a reconhecer preceito não só Duhamel, expondo este lugar, mas também a Hermeneutica Sagrada: se bem que muito antes de S. Paulo o mandar, mandava-o já a Lei Natural, gravada no coração das mesmas mulheres; e por isso em elle mandar que trajem com decencia, e que o seu ornato seja modesto, e casto, nada mais faz, do que recordar-lhes a mesma Lei Natural. Quem logo não vê com evidencia, que repugna absolutamente andarem nuas; como andão, sem se opporem a hum preceito divino, e o infringirem? E como a materia, sobre que elle recae, he grave, e muito grave, quem não vê também igualmente, que repugna da mesma fórma salvar-se quem anda, ou permite que se ande assim, a não ter a devida emenda; e a não se arrepende a tempo?

§. 12.

Não obstante ser tão claro nos Escriitores Sagrados, quanto he máo andarem as mu-

lheres, como andão, já mostrando na sua vergonhosa desnudez até onde se estende o calor impuro, ou a sensualidade, que ellas tem; já desafiando os homens, para que se deleitem, e se entretenhão em assim as verem; e não poucas vezes, para que as cobicem, e as procurem; nada menos, antes mais claro he isso ainda nos Santos Padres, pelos quaes todos referirei só alguns, a fim de não ser extenso, transcrevendo porém fielmente as mesmas palavras Latinas, com que elles se explicão, (o que farei tambem a respeito dos Concilios, e de qualquer Author, de que me sirva para o mesmo fim), por evitar, que nem humas taes crimosas, nem os complices do seu crime, nem os que as desculpão, ou tolérão, pensem que os Santos Padres certamente não reprehendem; nem condemnão tanto a leviandade, e a desenvoltura, que no sexo feminino se está vendo. E como nunca jámais poderá reputar-se disciplinar a prohibição do que he incentivo da luxuria, e fomenta a sensualidade, intrinsecamente má, só por absurdo se persuadirá alguém de que podem deixar de estar, e de que já não estão em seu vigor quantas determinações divinas, e humanas tem havido sobre o adorno das mulheres, conducentes para a modestia. Tantas determi-

nações positivas não vierão fazer mais, do que avivar aquillo mesmo, que a esse respeito manda o Direito Natural. Por mais inveterada logo, e por mais universal que seja a moda das mulheres trajarem com indecencia, e se adornarem com falta de modestia, e de castidade, peccarão sempre mortalmente.

§. 13.

S. Clemente Alexandrino (in Pædago-
go lib. 2. cap. 2.) prohibe expressamente,
que se permitta ás mulheres mostrarem el-
las aos homens parte alguma do seu corpo
nua, para nem ellas, nem elles cahirem;
elles, em consequencia de serem assim in-
duzidos a verem-nas; e ellas em os indu-
zirem assim a que as vejam; e manda que
procedão sempre honestamente. *Quòd nullo
modo permittendum est mulieribus, ut nu-
dam aliquam corporis partem offerant viris,
ne ambo prolabantur; hi quidem, ut qui ad
videndum incitentur; ille vero, ut que in
se virorum intuitum attrahant. Semper au-
tem, tanquam presente Domino, honeste ver-
sandum est.*

§. 14.

S. Cypriano (Lib. de Disciplin. et ha-

bit. virgin.) mostra claramente, que a continencia, e a castidade da mulher não consiste só na honra da sua carne, mas tambem igualmente na modestia, e na honra do seu traje: *Continentia, et pudicitia non in sola carnis integritate consistit, sed etiam in cultûs, et ornatiûs honore pariter, ac pudore*: que toda a que apparece em público em termos de attrahir, e desafiar a vista dos homens, ainda que o não faça com máo fim, em razão do qual se perca a si, he ré delles se perderem, e se constitue a espada, e o veneno, com que mata aos que a vêm; que a não exime de culpa conservar ella então mesmo casto, e puro o seu entendimento; porque o seu deshonesto, e escandaloso traje a crimina. *Si tu te speciosius comas, et per publicum notabiliter incedas, oculos in te juventutis illicias, ut et si ipsa non pereas, alios tamen perdas, et velut gladium te, atque venenum videntibus praeferas, excusari non potes, quasi mente casta sis, et pudica; redarguit te cultus improbus, et habitus impudicus.*

§. 15.

S. Chrysostomo (Hom. 18. in 1. ad Cor.) ensina com evidencia, que as mulheres, que trajão em termos de fomentarem

a sensualidade, e induzirem á luxuria, se communicão, e se ajuntão com o diabo á imitação daquelle, que se ajunta com a prostituta, com quem faz o mesmo corpo, sendo dois n' huma mesma carne, até o ponto de dizer a todo, o que nega, ou duvida, que em qualquer separando (por via do entendimento) a alma das mulheres, que andão deshonestas, e indecentes, se lhe representará intimamente unido, e junto com ellas o demonio. *An non censes cum avaris, et aliis, quos Paulus numerat (1. Cor. 6.) diabolum simul accumbere? Mulieres autem ornatas ad libidinem non censes cum eo coire? Si quis contradicat, exuat animiam mulierum, que se adeo indecorè gerunt, et videbit planè sceleratum illum demonem vehementer cum eis conjungi, et commisceri.*

§. 16.

E vendo o mesmo Santo Doutor, que humas taes se arrojavão, e se atrevião a entrar assim nos Templos, combatia a cada huma dellas, dizendo-lhe: Quando tu entras na Igreja, acaso vais para a dança? Procuras nella por ventura o casamento, e os deleites da lascivia? Intentas lá ir, a fim de que os homens te admirem?

Esse trajo não he de quem supplica; indo alli pedir com gemidos, e com lagrimas; que Deos te pardoe os teus peccados, para que te ornas deshonestamente, e fóra de tempo? *An saltatura ad Ecclesiam pergis? Numquid hic nuptias, et lascivie oblectamenta conquiris? Num ut te spectaculum preberis advenisti? Num tibi nunc instruendus est thalamus? Non iste supplicis est habitus; accessisti, ut Deum pro peccatis tuis depreceris, ut cum gemitu, et lacrymis veniam petas; quid te ipsam ornare improbo, et intempestivo studio contendis?*

§. 17.

S. Carlos Borromeu (Act. p. 4. de Sacram. Euchar.) exclue expressamente da meza da Sagrada Communhão as mulheres, que, á excepção do rosto, levarem nú, ou cuberto com véo transparente, o peito, ou parte alguma do seu corpo; assim como tambem as que forem com vestidos de muito custo, ou de caudas, com os cabellos feitos em anneis, ou com o rosto bornido. *Mulieres non sumptuosas, non caudatis vestibis, non crinibus inaniter intortis, non fucó, aut pigmentis vultu illito: non pectore nudo, aut tenui velo connecto, sed ita vestito, ut præter faciem quidquam*

nudum non ternetur. E só não fará o devido caso da sua determinação, quem o não fizer também do que S. Paulo (1. Tim. 2. 9.) quasi pelas mesmas palavras, e em ponto bem semelhante, ou identico, está dizendo: *Eu quero que as mulheres também orem, vestidas em traje decente, adornadas de modestia, e de castidade, e não com os cabellos feitos em aneis, nem com adornos de ouro, ou de pérolas, nem com roupas de muito custo.* Aonde o Apostolo não aconselha, porém manda; diz pois sobre o mesmo lugar o doutissimo Duhamel, que o luxo, e as despezas excessivas, e a pompa do seculo extinguem totalmente nas mulheres o espirito de humildade, e compunção, que servem á oração de base, e fundamento; que se attenda ao estado, e condição de cada hum; e que se não opoem ao seu preceito, quanto exige a prudencia em certas occasiões. *Decenti, (habitu), et modesto, non neglecto; pudore, modestia, et castitate ornentur. Luxus, et insani sumptus, secularis fastus in mulieribus spiritum humilitatis, et compunctionis, quo, in fundamento, preces nituntur, penitus extinguunt; sed habenda tamen est ratio status, et conditionis, quaeque in certis occasionibus exigat prudentia, præcepto Apostoli non adversantur.* Logo nas palavras

do Apóstolo, e consequentemente nas idénticas de S. Carlos Borromeu, ha não conselho, mas preceito, ainda que susceptivel de modificação, quando o exige a prudencia, o que nunca jámais faz, em a Lei Natural, ou recta razão pedindo, que isso mesmo se cumpra, como sem dúvida pede sempre, huma vez que aliás se falte á modestia, á pureza, e á decencia.

S. 18.
 Tertuliano finalmente, hum dos mais antigos Padres da Igreja, faz ver com evidencia, quanto he detestavel a falta de modestia no trajo das mulheres, já dizendo, (Lib. de cult. foeminar.) que só he licito verem-se as que andão honestas, e decentes, as mais certamente não: *Liceat videri pudicam, certè impudicam non licet*; já dizendo, que para a modestia de alguém ser Christã, não basta, que a tenha no seu animo, porém deve manifestalla exteriormente, passando ella do coração ao habito, e da consciencia á superficie: *Pudicitia Christiana satis non est esse, verum et videri, ut emanet ab animo ad habitum, et eructet a conscientia ad superficiem*; já em fim dizendo, que aonde há não ha gravidade, e decencia no vestir, não ha pureza.

za; e que aonde não ha pureza, não ha Deos. *Ubi Deus, ibi pudicitia, ibi gravitas adjutrix, et socia ejus: quo pacto ergo pudicitiam sine instrumento ejus, id est, sine gravitate, et severitate vestitus tractabimus?*

§. 19.

Nada menos condemnáo muitos Concilios a leviandade, com que innumeraveis mulheres trajáo, e principalmente n'algumas Terras grandes. Ainda que porém se jão particulares, os que a atacáo, e reprehendem com toda a evidencia, especialidade, e individuação, (dos quaes referirei só alguns, e quem quizer ver mais, vá á Theologia Moral de Genetto) he sem dúvida evidente, que a authoridade, e pezo de cada hum excede muito á de qualquer Author, ainda o mais digno de todos o seguirem. E como nelles se manda differir, ou negar a absolvição sacramental, e privarás que não andáo vestidas em hum traje decente, e adornadas de modestia, e de castidade, formaes palavras de S. Paulo (§. 11.), claro fica sendo, que humas taes devem reputar-se em peccado mortal por si mesmas, e por todo o mundo; pois que nunca peccados veniaes inhabilitáo alguém para os Sacramentos. Ora quem não vê,

que alguns mandão expressamente, que nem se absolvão, nem se admittão á Sagrada Communhão, as que trazem a cabeça descuberta, o peito mal recatado, e os braços nus?

§. 20.

O Concilio Cremense (do anno de 1668 cap. 15) manda que, escandalizando as mulheres com a indecencia do ornato, e com a nudeza do peito, ou dos braços, a quem as vê, os Confessores as reprehendão efficaçamente, e, a não terem a devida emenda, lhes diffirão, e até neguem a absolvição, attendendo sempre á qualidade do escandalo, que resulta dellas assim andarem. *Mulieres, quas comptius ornatas, nudatoque pectore, vel brachiis, ad inventum offensionem, Confessarii cognoverint, eas efficacibus verbis increpabunt; quòdsi semel, et iterum admonite, Confessarii dictis parere noluerint, illis, prout Spiritus Sanctus, et prudentia suggesserit, beneficium absolutionis aut differant, aut etiam omnino negent, attenta semper scandalali qualitate, que ex hujusmodi ornatu poterit provenire.*

§ 21. O Concilio Asculano (tambem do anno de 1688 cap. 3.) prohibe, que se dêm os Sacramentos áquellas mulheres, que não forem recebelloz com a cabeça cuberta, e vestidas honestamente, e manda privar delles as que pela nudeza dos peitos se inculcão moretrizes. Logo o Santo Concilio reputa proprio das meretrizes o ornato, com que hoje permittem, que andem publicamente suas mulheres, e suas filhas, ainda os homens de melhores costumes. Quem o acreditaria, se o não visse claramente? Huns taes, sem que oensem, nisso mostráo com evidencia, que nada lhes custa o haver muito quem lhas veja, cubigando-as. E assim mesmo se tem na conta d'homens de juizo, d'homens de bem, n'humapalavra, de bons Christãos! Se humatá permisseão não está indicando falta de honra, falta de consciencia, e até falta de Religião, supposto o que dizem neste ponto a Escritura Santa, os Santos Padres, e muitos Concilios, então não ha semelhante falta em se proceder, ou em se permittir que se proceda contra as suas determinações. Mas quem tal dirá? *Parochi mulieres ad Sacramentorum susceptionem non admittant, nisi velato capite, et honestè comptas,*

éas arcendo, que nudatis mammis meretriciam magis ostendunt vanitatem.

§. 22.

O mesmo Concilio (Cap. 12.) constando-lhe que, ainda algumas das mais honestas, costumavão ir á Igreja, como que fossem á cozinha, com o peito mal recatado, e com os braços nus até os cotovelos, e assim mesmo assistião á Missa, e talvez tambem não tinham pejo de se pôrem á meza da Communhão; mandou-lhes annunciar pelos Parocos, e Confessores, que nunca mais tornassem a pôr-se em público, sem irem cubertas até o pescoço, e até os punhos; determinando aos mesmos que, não tendo ellas emenda, as não absolvessem, nem de modo algum as admittissem a receber o Corpo do Senhor. *Et cupientes seculi hujus effrenam licentiam cohibere, improbanus morum illam corruptellam, que apud aliquas, etiam ex honestioribus fœminis, ubique prevalere potuit in usu, nudo pectore, parulisque mammis, nudatisque etiam ad cubitos usque brachiis, tamquam ad lixivium, aut coquinam petentes, Ecclesiam adeundi; has quippe, que sic Sacris interesse, et forsitan Angelorum mensam accedere pudorem non habent, admoneri q*

Parochis volumus, ut in posterum in publicum non nisi ad colum usque, et ad manum tenus, velis, aut lineis ornatibus cooperite, compleque prodeant. Pro quarum observantia rerum, stricte, ultra Parochos, et Confessarios, Sacramentum Eucharisticum dispensantes oneramus, ut videlicet Parochi, et Confessarii moneant Pœnitentes; et, si in corrigibiles fuerint, eas non absolvant; alii vero ita lascivientes nullo pacto ad receptionem Domini Corporis audeant recipere.

§. 23. Devendo logo negar-se a absolvição, e a Communhão ás mulheres, que trazem os braços nus até os cotovelos, segundo o Santo Concilio manda, com quanta mais razão não deve ella negar-se ás que os trazem nus quasi até aos hombros? E a quem não deve remorder a consciencia em administrar a humas taes os Sacramentos? Ainda que só este Concilio era mui sufficiente, para reputar peccado mortal trazerem ellas os braços nus até os cotovelos, visto mandallas privar da absolvição, e da Communhão, (§. 19.) advirta-se bem, que isso mesmo prohibem claramente S. Clemente Alexandrino, (§. 13.) e S. Carlos Borromeu (§. 17.) supposto o modo, com

que fallão; e se conforma com elles o mesmo Concilio, mandando que andem cubertas até o pescoço, e até ás mãos. E no mesmo sentido se deve entender que falla o Concilio Cremense (§. 20.) quando manda negar os mesmos Sacramentos ás que, advertidas, se não emendão de trazer os braços nus, sem dizer até onde. Ou quem as desculpa ignora huma tal prohibição, ou trata de resto quanto dizem contra a sua nudeza os Sagrados Concilios, os Santos Padres, e a Escriitura Santa, com o falso, e indesculpavel pretexto de que ellas ou só tentão os homens com a cara, ou a não os tentarem com a cara, então os não tentão com a costumada nudeza de mais parte alguma. Parece que para huns taes se convencerem de que ellas devem trajar, segundo tão respeitaveis determinações, não basta mandallo quem o manda: he necessario entenderem tambem que isso se manda justamente. Lamentavel condição do homem!

§. 24.

O Concilio Cezenatente (do anno de 1691 cap. 6.) fundado no Ritual Romano, recommenda, que se não absolvão os que dão occasião a que os outros pequem, em

quanto a não tirarem; e diz, que entre elles se contão justamente as mulheres sem vergonha, que com o peito, e espadoas nuas, desafião os homens para a sensualidade, e para a luxuria. *Admonet et Rituale Romanum, ut videat diligenter Sacerdos, quando, et quibus conferenda, vel neganda, vel differenda sit absolutio; ne absolvat eos, qui talis beneficii sunt incapaces, quales sunt... 5.º Qui aliis præbent occasionem peccandi, nec eam removere curant; quique malo, cujus causa fuerunt, remedium efficax, quod ab eis pendet, afferre renunt: inter quos merito numerantur mulieres inverecunde, que pectoris, et scapulis nudatis provocant viros ad libidinem.*

§. 25.

O Cardeal Grimaldi, Arcebispo Aqueense, propondo aos Confessores da sua Diocese os Casos Ordinarios, em que se deve differir, ou negar a absolvição, confirmados pelo testemunho da Sagrada Escritura, dos Concilios, dos Summos Pontifices, dos Santos Padres, e de outros Santos Doutores, conta entre elles o seguinte: 4. As mulheres, e as donzellas, que andão com o peito, e seio nú, depois de se lhes advertir sufficientemente os males, que nascem

de tão deshonesto modo de vestir. *Casus Ordinarii*, in quibus Confessarii absolutio-
nem differre, vel negare debent, *Sacra Scri-
ptura, Conciliorum, Summorum Pontificum,
Sanctorum Patrum, et aliorum Sanctorum
Doctorum testimoniis confirmati* 4 *Fœ-
minæ, puellæque, quæ nudo incedunt pecto-
re, et sinu, postquam satis, superque fue-
rint admonitæ, quanta mala ex hoc immo-
desto vestiendi modo prodire solent.*

§. 26.

Devendo em consequencia do que fica dito, reputar-se mui lamentavel o estado, em que a nudeza de innumeraveis mulhe-
res faz trazer as consciencias, não sómen-
te a ellas, mas tambem a todos, os que,
podendo impedir que assim andem, seja
pelo que for, permittem-lho, e consen-
tem-lho, quaes são principalmente os Su-
periores domesticos, e quem lhes adminis-
tra os Sacramentos; nada menos lamenta-
vel he o estado, em que a todos esses faz
trazer suas consciencias a permissão, e o
consentimento, já dellas por meio de artifi-
cios se fazerem mais córadas, e mais bran-
cas, ao que o vulgo chama *caiaem-se*; já
dellas irem á Igreja (e ainda a qualquer
lugar público) sem levarem nas cabeças

genero algum de cubertura. Como para pensar, e fallar assim, me fundo em Concilios, em Santos Padres, e na Sagrada Escritura, vivo certo, e persuadido de que só quem não fizer caso deste genero de testemunhos, levará a mal que eu pense, e falle assim. A todos os mais, ainda o mesmo inveterado, e universal uso não parecerá capaz de eximir de culpa grave nem a ellas, nem a quem lho consente; antes dirão com Santo Antonino, (2. part. tit. 4. cap. 5. §. 3.) que he mui torpe, e deshonesto, e que por isso não deve guardar-se, hum tal uso: *Valde turpis, et impudicus est talis usus, et ideo non servandus.*

§. 27.

Quão pessimas sejam as consequencias das mulheres se fingirem mais formosas, do que são, o mostra largamente a Escritura Santa, já dizendo (Eccl. 9. 8.) a cada hum dos homens: *Aparta os olhos da mulher enfeitada, e não olhes com curiosidade para a sua formosura; porque dahi he que se accende, como fogo, a concupiscencia, e por causa da formosura della se perderão muitos; já referindo que Judith (16.) se enfeitou para enganar a Holofernes, e o destruiu com a formosura do seu*

tantum non est ullus fucus mendax, verum nec auri quidem, vestisque pompa; sed mores boni sunt. Embora algumas possam, e devão condescender com seus maridos, por cuja razão o mesmo Santo, escrevendo a Ecdicia, a quem era violento o uso de vestidos esplendidos, lhe dizia, que debaixo de hum ornato soberbo pôde estar o coração humilde: *Si aliqua dura conditione cogereris, posses habere in superbo cultu cor bumile*: he sómente se não resultar escandalo; porque, resultando, então não: e he sómente em quanto a vestirem-se, mas não em quanto a caíarem-se; por este genero de ornato ser intrinsecamente máo, qual he todo o engano, e assim não podet cohonestar-se em alguma circumstancia: se bem que á mesma vaidade dellas se vestirem chama Santo Antonino (1. part. tit. 73. cap. 4. §. 4.) escandalo, e laço das almas, fundado em Salomão (Prov. 7. 10.) reputar feita, ou disposta a caçar almas a mulher ornada á moda das meretrizes; e assim diz, que hum tal vestido escandalisa, e caça almas pelo peccado da luxuria. *Ornatus mulierum tam vanus quid est, nisi magnum scandalum, et laqueus animarum? Ecce mulier, (inquit Salom. Prov. 7.) in habitu ornata meretricio ad captandas animas; quasi diceret, ad hoc operatur ille*

ornatus, ad scandalisandum, et capiendum animas peccato luxurie.

§. 30.

S. Cypriano (Lib. de Disciplin. et habit. virgin.) estranha, e admira que a mulher, que se cáia, não tema que o Senhor no dia do juizo lhe diga: Esta obra não he minha; não he nossa esta imagem; tu manchaste a pelle com huma côr fingida; falsificaste a vista do teu cabello; não he verdadeira a apparencia da tua face; a tua figura corrompeo-se; e o semblante, que trazes, he alheio. Não poderás ver a Deos pelos olhos, que tens, não serem os que Deos te fez, mas os que o diabo te pintou. Como tu o seguiste, com elle arderás igualmente. *Non metuis, ne in resurrectione artifex opus suum non agnoscat, dicatque: Opus hoc meum non est, imago hac nostra non est, cutem falso medicamine polluisti, crinem adulto colore mutasti, expugnata est mendacio facies, figura corrupta, vultus alienus est. Deum videre non poteris, quoniam oculi tibi non sunt, quos fecit Deus, sed quos diabolus infecit. Illum tu sectata es, rutilos, et depictos serpentis oculos imitata, de inimico tuo corrupta, cum illo pariter et arsura.*

Como se atreve , pergunta o mesmo Santo , depois de referir que o Senhor disse : Façamos o homem a nossa imagem , como se atreve alguem a mudar , o que Deos fez ? As que se cáião , fazem-lhe injúria ; porque assim reformão , e transfigurão , o que elle formou , sem attenderem a que tudo , o que nasce he obra de Deos , e obra do diabo tudo o que se muda. E para melhor convencer a humas taes da grandissima injuria , que fazem a Deos , lhe argumenta assim : Transfigurando qualquer a huma imagem pintada , não injuria gravemente ao seu pintor ? Como logo ficarão ellas sem castigo , se transfigurarem em si mesmas a imagem de Deos ? *Dixit Dominus : Faciamus hominem ad imaginem nostram , et audet quisquam mutare , ac convertere quod Deus fecit ? Manus Deo inferunt , quoniam id , quod Deus formavit , reformare , et transfigurare contendunt , nescientes , quòd opus Dei est omne , quod nascitur ; diaboli , quòdcumque mutatur . Si pictor pinxisset imaginem , et alius manus inferret , an non gravis fieret pictori injuria ? Tunc igitur impunè feres , quòd Dei imagini manus inferas ?*

§. 32.

S. Clemente Alexandrino (in *Pædagog.* lib. 3. cap. 2.) chama engano adúlterino ao artificio, com que as mulheres se fazem mais encarnadas, ou mais brancas: *Fucare figmentis, quò vel rubicundior, vel candidior appareat, adulterina fallacia est.* E além disso diz claramente, que assim como o trazer hum emplasto, ou os olhos untados por si mesmo denota doença em quem o traz; assim também os enfeites do rosto significão doente a alma das que os trazem. *Quemadmodum cui impositum est cataplasma, et cui inuncti sunt oculi, vel ipso aspectu præbet morbi suspicionem; ita fuci, tinctura, et colores illiti, animam intrinsecus egrotare significant.*

§. 33.

Santo Ambrosio finalmente (in 1. ad *Tim.* 1.) em bem poucas palavras mostra com evidencia, quanto he detestavel, e nocivo o augmentarem as mulheres a formosura: diz pois, que Deos as despreza á proporção que ellas se inculcão formosas aos homens. *Quanto scemina hominibus splendidior videtur, tanto magis despicitur a Deo.* Embora pareça a muitas, que assim como

he licito cultivar-se a terra, e ornarem-se as paredes para a subsistencia do genero humano, e para a sua recreação, assim tambem he licito ás mulheres fazerem do modo possivel outro tanto, já para sua propria satisfação, já para não ficarem tantas sem homem: qual seja o juizo, com que ellas se defendem, o mostra bem a paridade, com que argumentão. Sendo conforme a todo o Direito, que a terra se cultive, e que as paredes se cáiem, ou se ornem, oppõe-se a todo o Direito, que as mulheres trajem, e se ornem em termos de se dar escandalo. E longe de facilitarem assim, difficultão muito, o gozo do estado do Matrimonio, ou seja porque humas taes, sendo mesmo realmente donzellas, parecem meretrizes; ou seja porque mais se indispoem assim, para resistirem ás libidinosas pertençaes dos homens, a quem pela sua desenvoltura tentão, e desafião continuamente; e por consequencia mais facilmente se corrompem. Seja pelo que fôr, desde que ellas assim andão, há menos casamentos.

§. 34.

Supposto o que os Escritores Sagrados, e os Santos Padres dizem da formosura, que innumeraveis mulheres fingem, seria

talvez desnecessario mostrar eu por via de varios Concilios a gravidade do peccado, que humas taes nisso fazem ; já porque parece incrível não se convencerem ellas com o que fica dito, do miseravel estado, em que suas consciencias assim andão, e não menos as de quantos lho permitem, e lho consentem, principalmente os que lhes administrão os Sacramentos ; já porque, não se attendendo effectivamente ao que dizem os Santos Padres, e ao que diz a Escriitura Santa ; não pôde haver esperança de que se attenda assim ao que dizem os Concilios particulares, sem embargo de suas determinações fazerem muito pezo, e auctoridade a quem pensa Christãmente. Com tudo, como (§. 28.) fiz menção delles, e duas virtudes obrão com mais força, unido-se, não devo forrar-me ao trabalho de referir o que alguns dizem sobre o mesmo ponto.

§. 35.

O Concilio Auximano (do anno de 1593. de Euchar. cap. 10.) prohibe que se admittão á Sagrada Communhão as mulheres, que artificialmente se fazem mais córadas, ou mais brancas, aliàs, por me servir da frase vulgar, as que vão caiadas, como tambem as que não tem pejo de le-

varem perolas, colares, cabello indecente, ou outros ornatos vãos, e manda que vão com vestido modesto, com a cabeça cuberta, e em temor, e tremor. *Mulieres fucate, et que margaritas, monilia, capitis comas petulanter compositas, aliave vana ornamenta deferre non erubescunt, ad Communionem non admittantur; sed modesto vestitu contenta, et velato capite accedant, cum timore, e tremore.*

§. 36.

O Concilio Juvenacense (do anno de 1639 cap. 22. num. 5.) determina que, não indo as mulheres ornadas honestamente, com a formosura natural, com a cabeça cuberta, e com o peito recatado, a fim de não darem escandalo, então se não admittão aos Sacramentos. *Mulieres honestè ornate sint, non fucate, ac velato capite, pectora habeant vel præcincta, non aperta, ne scandalum videntibus ingenerent, alioquin ad Sacramenta minimè admittantur.*

§. 37.

O Concilio Amerino (do anno de 1695 cap. 109.) referindo as pessoas, que devem privar-se dos Sacramentos, mandando-se

Jhes que toritem mais bem dispostas, en-
 tre ellas conta as mulheres adornadas vai-
 dosamente, e as que vão caiadas; e para
 assim o mandar, funda-se em que hum tal
 ornato não he de quem se reconhece réo,
 e xhora os delictos, mas de quem os con-
 tinúa. *Quos non ita affectos, ut et peccasse,
 verè et ex animo pœniteat, et abstinere in
 posterum destinasse intelligitis; eos benignè
 admonitos, quanta religione adeundum Sa-
 cramentum sit, inauditos, jussosque para-
 tiores redire, dimittite. Quo in numero ha-
 bende videntur mulieres, que vestibus acu-
 pictis, atque auro contextis, pendentibus ex
 auribus gemmis, e collo monilibus, cincinnis
 exquisita arte compositis, fucis, unguentis
 que delibuit vos aderunt. Neque enim reo-
 rum hic, et delicta lugentium, sed delin-
 quere perseverantium est habitus.*

§. 38.

O Cardeal Estevão Le Camo, Bispo
 Gracianopolitano, estabeleceo como regra
 aos Confessores da sua Diocese, entre ou-
 tras muitas cousas, conducentes para a sal-
 vação das almas, o seguinte, a saber, que
 não absolvessem as mulheres, que se ornão
 com pompa, magnificencia, e acima da sua
 condição; nem as que fazem a seus mari-

dos despezas excessivas, e superiores ás forças, que elles tem; nem as que se costumão cair, ou trazem nús o seio, ou os hombros, do que as mesmas Gêntias se envergonharião. *Nec mulieres absolvent, quæ ad pompam, et magnificentiam, et supra conditionem suam se ornant, quæque viris suis expensas faciunt excedentes modum, et facultatibus illorum non proportionatas; quæ consuetudinem habent sucandi faciem, nris sinum nudant, vel humeros, eâ immodestiâ, ac imprudentia, quam honestæ Gentiles crubiissent.*

§. 39.

Quanto seja tambem detestável, e reprehensivel o irem as mulheres á Igreja (e ainda a qualquer outro lugar público) com a cabeça nua, consta com toda a evidencia da Carta de S. Paulo aos Corinthios, (Cap. 11.), aonde elle o prohibe expressamente, assim como depois o prohibirão os referidos Concilios, (§. 19. 21. 36.) e o Papa S. Lino, immediato successor de S. Pedro; diz pois o Pontifical Romano, que elle determinára não entrasse na Igreja mulher alguma com a cabeça descuberta. *Sancivit nequâ mulier, nisi velato capite, in Ecclesiam introiret.* E não podendo haver nellas ignorancia, que as descul-

pe, supposto o pejo, que a mesma natureza infunde, como poderá havella nos que em razão do seu officio devem saber o que ha neste ponto?

§. 40.

Constando a S. Paulo, diz a Lapidé, que as mulheres Corinthias, em razão de serem mui lascivas, e quererem attrahir a attenção, e o amor dos homens, lhes appareção com a cabeça nua; como tambem que isto já passava em Corintho por hum costume honesto, e decente de maneira, que até as mesmas Christans julgavão que lhes era licito irem assim á Igreja, mostrou o Apostolo com muitas razões, que não he licito lá irem com a cabeça nua; e posto que só falla expressamente da Igreja, das mesmas razões se infere bem, que a devem ter cuberta em qualquer outro lugar público.

§. 41.

São tres as razões, em que S. Paulo se funda, para prohibir, ou antes declarar prohibido apparecerem as mulheres na Igreja com a cabeça nua. A primeira consiste no homem ser cabeça da mulher, e esta lhe estar sujeita, como á sua cabeça; diz

pois no verso 3. do referido Capitulo: (§a 39.) *Eu quero que saibais, que Jesus Christo he cabeça de todos os homens; que o homem he cabeça da mulher, e que Deos he cabeça de Jesus Christo:* assim como no verso 7. do mesmo Cap. diz, *que o homem he a imagem, e gloria de Deos, isto he, huma gloriosa imagem de Deos, em razão de resplandecer nelle a magestade, o imperio do mesmo Deos; de dominar em tudo; o que ha no mundo, e áfora de Deos ninguem ter nelle jurisdicção; mas a mulher he a gloria do homem, isto he, o seu insigne ornamento, por lhe ser dada, já para a propagação da prole, já para o governo da casa, já para exercitar nella a sua jurisdicção; estende-se pois o seu dominio não sómente ás cousas inanimadas, e aos animaes irracionaes, quaes são os brutos, mas tambem á mulher, sem embargo de ser animal racional, como o mesmo homem; e sendo a modestia indicio de castidade, sem ella não he gloria do homem a mulher; assim como finalmente no verso 10. diz que, *porque o homem não foi tirado da mulher, mas a mulher do homem; e tambem o homem não foi creado por amor da mulher, mas a mulher por amor do homem;* segundo se lê no verso 8. e 9., *por isso deve a mulher, por causa**

dos Anjos, trazer sobre a cabeça o signal do poder, que o homem tem sobre ella. Ideo debet mulier potestatem habere supra caput propter Angelos.

§. 42.

Significa logo aqui a palavra *potestatem* a authoridade, o direito, o imperio, e o principado não da mulher ainda sobre si mesma, porém do homem sobre a mulher, attendendo ao Senhor Ihe ter dito no Paraizo: (Gen. 3. 16.) *Tu estarás debaixo do poder de teu marido, e elle dominará em ti.* E pela figura metonymia significa o signal do poder do homem na mulher, isto he, a cobertura da cabeça, com que ella se lhe mostra sujeita, e por via de que o reconhece como senhor, (ainda que secundario, pois o primario he Jesus Christo) da sua mesma cabeça; vindo por consequente a dita palavra a tomar-se da parte do homem activa, e da parte da mulher passivamente; porque assim como a cabeça nua, descuberta, e livre he signal de ter poder, e dominio, o que só compete ao homem, assim tambem o cubrillo he signal de occultallo, e encubrillo; aliás de o não ter. Pelo que Tertulliano (Lib. de Corona milit. c. 14.) chama á cobertura da cabeça

das mulheres, seja ella qual for, o pezo da sua humildade, *humilitatis sue sarcinam*; e no livro de veland. virgin. cap. 17. chama-lhe o seu jugo, *jugum illarum*: e S. Chrysostomo chama-lhe o signal, ou insignia da sua sujeição, *insigne subjectionis*.

§. 43.

A segunda razão, em que a prohibição do mesmo S. Paulo se funda, consiste em ser torpe, que a mulher tenha a sua cabeça nua, pedindo a honestidade, e o pejo proprio do seu sexo, que ella a tenha cuberta; e tão torpe, quanto he apparecer ella na Igreja com a cabeça rapada; tendo pois dito, que he torpe cubrir-se lá o homem, pedindo a honestidade, a liberdade, e a sua superioridade a tudo, o que ha no mundo, que elle a tenha descuberta, genuina significação do verso 4., em que diz, que tollo o homem, que faz oração, ou profetiza, isto he, canta Hymnos, e Psalmos, com a cabeça cuberta, deshonra a sua cabeça; eiz no verso 5. Pelo contrario, toda a mulher, que faz oração, não tendo a cabeça cuberta, deshonra a sua cabeça; porque he como se estivesse rapada. E se para a mulher he humas deshonra o rapar-se, cubra-se. Ora que as palavras de

Apostolo, respectivas á cubertura da cabeça das mulheres, denotão, e contêm, não conselho, mas preceito, além dellas mesmas o persuadirem, consta com evidencia, já de S. Jeronymo (Lib. 5. Comment. in Matth. cap. 18.) *Apostolus, quoque præcipit velari capita in Ecclesiis fœminarum propter Angelos*; já de S. João Chrysostomo (Homil. 60. in Matth.) *Apostolus etiam ait de muliere, quoniam velamen debeat habere in capite propter Angelos.*

§. 44.

A terceira razão da referida prohibição (§. 41.) consiste na reverencia, que na Igreja se deve aos Anjos, quer por elles se entendão os Sacerdotes, e os Bispos, como alguns Santos Padres entendem, e então se exige das mulheres que lhes não appareção com a cabeça nua, a fim de que os não tentem; quer por elles se entendão, como he mais natural que se entendem, os proprios Anjos, e então se exige dellas que não lhes appareção lá com a cabeça nua, a fim de que pela sua immodestia, e pela sua desobediencia os não desattendão, e os não insultem. Por quanto sem dúvida assistem aonde por via do Sacrificio da Missa se renova a memoria

da Paixão de Jesus Christo , e aonde o mesmo Jesus Christo se conserva Sacramentado , segundo muitos Santos Padres expressamente dizem. E como não ha mal , de que não seja capaz o homem , talvez alguns impugnem a doutrina de S. Paulo neste ponto , dizendo , que elle não deve entender-se , como eu o entendo , visto não ser com a cabeça , mas com a cara , que as mulheres costumão tentar os homéns. Com que authoridade porém prescindem huns taes da sua litteral intelligencia ? Se a nudeza perigosa he a da cara , e não a da cabeça , e consequentemente deve , ou póde esta reputar-se licita , ou ao menos indifferente , então como crimina , e reprehende tanto S. Paulo , aliás o Espirito Santo , a nudeza da cabeça , e nada a da cara ? Como condemnão tantos Santos Padres , tantos Concilios , e tantos Principes da Igreja toda a nudeza das mulhetes , e muitos determinadamente a da cabeça , não condemnando algum a da cara , antes exceptuando-a expressamente ? Logo ou todos estes errão , o que não dirá nem o mais impio , ou de certo errão quantos as favorecem , e as desculpão. Vejam-se os §§. 13. 17. 20. 21. 22. 35. 36. , e veja-se tambem Cornelio a Lapide sobre a presente doutrina de S. Paulo. Quem logo fará caso dos

que a impugnação? Assim como com muita razão lembra que a nudeza da cara dellas póda tentar, e infinitas vezes tenta os homens; lembre tambem que, vendo-lha elles incomparavelmente mais, quando ellas trazem a cabeça nua, tambem então se tentão mais incomparavelmente.

§. 45.

Conta S. Lino, que estando seu Mestre S. Chrysostomo a dizer Missa, víra elle descer do Ceo muitos Anjos adornados com vestidos mui resplandecentes, descalços, e estatem com os olhos fitos, chegados ao Altar com grande silencio, e reverencia, até aqualle respeitavel mysterio se concluir: e que depois forão ajudar, e assistir aos que distribuião o Corpo, e o Sangue do Senhor. *Cum cœpisset Sacerdos Sacrificium, plurime statim ex illis virtutibus descendentes, stolis induta splendidissimis, nudis pedibus, intentis oculis, prone Altare magnum silentio, et reverentia, quoad reverendum illud mysterium expletum fuit, circumsteterunt. Deinde huc illuc singule diffuse per totam domum Episcopis, Presbyteris, et Diaconibus distributionem Corporis, et pretiosi Sanguinis ministrantibus adhererunt, et satagentes, et sedulo adjuvantes.*

§ 46.

S. Chrysostomo (Homil. de Sacramen-
sa) diz que os Querubins, e os Serafins
assistem á meza da Communhão com seis
azas cada hum; e que todos os Anjos allí
são Ministros de Jesus Christo com o Sa-
cerdote. *Ad quam (Sacramensam) assis-
tunt Cherubini, descendunt Seraphini, qui
senis alis præditi vultus admittunt: ubi
omnes Angeli cum Sacerdote pro te (Domi-
ne) legationem obcunt.*

§. 47.

Santo Ambrosio (in Cap. i. Lucæ) fal-
lando do Anjo, que appareceo a Zacarias,
diz: Oxalá que incensando nós tambem os
Altars, assista o Anjo aos que offerecem
o Sacrificio, e até se deixe ver; he pois
sem dúvida que elle assiste, quando Christo
assiste no Sacratio, e quando na Missa he
sacrificado. *Utinam vobis quoque adolenti-
bus Altaria, Sacrificium deferentibus as-
sistat Angelus, imò præbeat se videndum.
Non enim dubites assistere Angelum, quan-
do Christus assistit, Christus immolatur.*

§. 48.

S. Gregorio (Lib. 4. Dialog. cap. 58.) reputa impossivel, que algum dos Fieis duvide, que á voz do Sacerdote se abrem. os Ceos no tempo do Sacrificio; que naquelle mysterio de Jesus Christo estão os côros dos Anjos; que se une, o que ha mais infimo, com o que ha mais sublime; ajunta-se o que he terreno, com o que he celestial; e se torna em huma mesma cousa o que he visivel, e o que he invisivel. *Quis Fidelium habere dubium possit, in ipsa immolationis hora, ad Sacerdotis vocem Cælos aperiri; in illo Jesu Christi mysterio Angelorum choros adesse; summis ima sociari; terrena cælestibus jungi, unum quodque ex visibilibus, atque invisibilibus fieri?*

§. 49.

Tertuliano finalmente (Lib. de veland. virgin. cap. 15.) diz, que a perfeita virgem sempre teme ser vista, e vale-se da cubertura da cabeça, como d'hum capacete, contra os golpes das tentações, contra os tiros dos escandalos, contra as suspeitas, e contra os susurros. *Pura virginitas semper,*

tímida oculos fugit, confugit ad velamen capitis, quasi ad galeam, contra ictus tentationum, contra jacula scandalorum, contra suspiciones, et susurros.

§. 50.

Não obstante porém serem tantos, e tão fortes os motivos, que ha para as mulheres não apparecerem na Igreja com a cabeça nua, quem não vê, que ha os mesmos, para ellas nunca assim apparecerem em lugar algum público? Se essa nudeza na Igreja respira falta de modestia, e falta de pejo, e he capaz de induzir a quem assim as vê, para peccar lá com ellas, cubiçando-as, ou para outro genero de sensualidade, como não respira ella a mesma falta, e não he capaz de produzir o mesmo effeito, aonde quer que os homens assim as vejam? Os Anjos, que existem na Igreja, e por amor dos quaes S. Paulo manda, que as mulheres tragão cuberta a cabeça, ou são verdadeiramente homens, ou são verdadeiramente Anjos. Se são verdadeiramente homens, como não são ellas obrigadas a evitar que elles, ou outros semelhantes pequem fóra da Igreja igualmente, que na mesma Igreja? E se são verda-

deiramente Anjos, como não são ellas obrigadas a trazer a cabeça cuberta em qualquer lugar público em reverencia do Anjo da guarda, que lá tem ellas mesmas, e cada hum dos que assim as vêm? E finalmente o homem tanto he cabeça da mulher dentro, como fóra da Igreja; e bem se vê (§. 41.) que S. Paulo se funda tambem nesta razão, para lhe prohibir, ou lhe declarar prohibido, que lá entre com a cabeça nua.

§. 51.

Quasi no principio da Igreja lamentava já Tertulliano (Lib. de veland. virgin. cap. 17.) que as mulheres Genticas da Arabia em certo modo hajão inda de julgar as Christans, em razão de cubrirem não sómente a cabeça, mas tambem toda a face, passando para isso pelo incommodo de verem com hum olho só. *Judicabunt nos Arabie semper Ethnicæ, quæ non caput tantum, sed faciem quoque ita totam tegunt, ut uno oculo librato contentæ sint dimidia frui luce potius, quàm totam faciem prostituere.* Da Historia consta, que ainda antes da vinda de Christo se cubrião por honestidade, e pejo as mulheres dos Judeos até o ponto do mesmo Tertulliano (Lib. de

Corona milit. cap. 4.) dizer, que a cubertura da cabeça era entre ellas tão solemne, que por ahi se conheciao. *Judeis fæminis tam solemne est velamen capitis, ut inde cognoscebantur.* O mesmo praticavão as dos Gentios de Troya, de Roma, da Arabia, e de Lacedemonia, e com hum rigor tal, que, segundo refere Valerio Maximo (Lib. 6. cap. 3.) C. Sulpicio repudiou a sua, por ella ter sahido com a cabeça descuberta.

§. 52.

Empenhando-se o Apostolo em que mulher nenhuma appareça na Igreja com a cabeça nua, até o ponto de dar razões communs, e transcendentés a todo o genero de pessoas femininas; (§. 41. 43. 44.) e repetindo o Papa S. Lino a mesma prohibição por termos tão geraes, que não admittem excepção alguma, *nequa mulier, nisi velato capite, in Ecclesiam introiret;* vem a ser evidente, que assim como por Igreja alli se entende todo o lugar proprio, para licitamente se assistir á Missa, quer seja o Adro, quer seja o Coro, quer seja a Tribuna, seja, qual for; assim tambem por mulher alli se entende ainda a Condeça, a Marqueza, e Duque-

za, ou outra superior; porque ainda que *per accidens* se não verifique alguma vez n'alguma a primeira razão, em que o Apostolo (§. 41.) se funda, sempre as outras duas se verificão; e como ambas são de Direito Natural, não haverá caso, nem circumstancia, em que não obriguem. Sem razão logo tem parecido a muitos, que a referida cobertura da cabeça he ponto de mera disciplina, e consequentemente susceptivel de mudança. Devendo todas edificar nos Sagrados Templos, bem poucas lá não escandalizão; porque além da peccaminosa nudeza, com que alli se apresentão não só a todo o mundo, mas tambem ao Redemptor do mesmo mundo, ou duvidão que elle esteja realmente sobre os Altares desde que se pronuncião as palavras da Consagração, até que se communiqua, ou inculcão para com elle huma indesculpavel confiança, assistindo-lhe assentadas quasi sempre. Que irreverencia!

§. 53.

Quanto mais qualificadas forem as mulheres, tanto mais deverão dar exemplo em se portarem sempre, e na Igreja principalmente, com pejo, com modestia,

e com decencia ; visto que sem elle nada valem as advertencias, que tem de fazer, e as correções, que devem dar, quando o pedirem as circumstancias ; diz pois São Chrysostomo, (Hom. 10. in cap. 5. Matth.) que todo aquelle, que ensina, e faz o que ensina, sem dúvida ensina : aquelle porém, que não faz o que ensina, em vez de ensinar a outrem, condemna-se a si. E que melhor he fazer, e não ensinar, do que ensinar, e não fazer ; porque aquelle que obra ; ainda que se calle, corrige a alguns com o seu exemplo. *Qui docet, et facit, quod docet. verè ille docet : qui autem non facit quod docet, non alium docet, sed se ipsum condemnat. Et melius est facere, et non docere, quam docere, et non facere ; quoniam qui facit, etsi tacuerit, aliquos corrigit suo exemplo.* E huma vez que assim o não fação, tanto maior será o seu peccado, e mais horrivel a conta ; que Deos lhes ha de tomar no dia da vingança, quanto mais nocivo for o seu escandalo. Mui lamentavel he sem dúvida a condição de quem a humas taes administra os Sacramentos, principalmente o da Penitencia, quando, vendo-as dar escandalo, as não obriga a evitarem-no. Assim como Jesus Christo (Matth. 26. 24.) disse de quem o hia entregar, que *lbe fora me-*

lhor não ter elle nascido, assim tambem eu digo dos que, remittindo (apparentemente) os peccados, que devem reter, por não desagradarem ás Personagens, que os commettêrão, que lhes fôra melhor nunca lhos terem ouvido, nem se terem ordenado.

S. 54.

Qual seja porém o genero de cubertura, que a mulher então deve ter na cabeça, nem S. Paulo, nem S. Lino, nem os Concilios o dizem, posro que alguns SS. PP. prohibem a transparente. E por tanto, á excepção do que he assim, fica sem dúvida a seu arbitrio. Embora logo pareça a muitos, como já pareceo a mim, que he improprio, e indecente assistirem as mulheres á Missa com o chapéo na cabeça: antes o tenham, do que estejam com ella nua. Terem-no, podendo, como certamente podem, cubrilla, sem o terem, será sim falta de decencia, e mui digno de todos lho estranharem, nenhuma pois iria com elle fallar a hum Principe; mas não he transgressão de Lei alguma; e não o terem, quando por isso lhes fica a cabeça nua, he transgressão da Lei Ecclesiastica, da Lei Divina, e tambem da Natural.

§. 55.

Ora sendo illicito o trazerem as mulheres a cabeça nua, quanto mais, e com quanta mais razão não deve reputar-se illicito o trazerem assim os braços, o peito, e as espádoas, como também o caiarem-se, ou burnirem-se, para se inculcarem mais formosas, do que são, ainda mesmo que nada disto fação com perverso fim? He pois evidente, que mais facilmente pôde haver aqui incentivo da sensualidade, e da luxuria. O mal, que humas taes fazem, ellas o conhecerão bem na outra vida, aonde o lamentarão sem dúvida eternamente, se as não tiver desculpado a ignorancia, nem conseguirem que se lhes perdoe cá por meio da Penitencia. Logo que morrerem, ficarão sabendo, que assim como de ser licito o trazer as saias muito altas, e além disso as pernas nuas, a quantas em razão do seu modo de vida isso he preciso, certissimamente se não segue, que seja licito outro tanto áquelles, que se não achão em iguaes circumstancias, assim também de ser licito o trazer a caça nua certissimamente se não segue, que seja licito assim trazer qualquer outra parte do corpo, que não seja iguamente preciso tra-

zer-se nua. E não obstante agora lhes aborrecer muito , que alguém as argúa de leviandade , e ás crimine , então aborrecerão ellas mais ainda , mais infinitamente , que nem ao menos os seus Confessores lhes dissessem , o que ha no ponto , e as desenganassem completamente.

INDICE

DAS COUSAS MAIS NOTAVEIS, QUE
ESTA OBRA CONTÉM.

- M**Ateria da Obra, §: 1. pag. 3.
Motivo della se imprimir, §. 2. pag. 4.
Carta, em que hum Pai de familia consul-
ta ao seu Cura sobre o odio dos inimi-
gos Francezes, e sobre o ornato das mu-
lheres, §. 1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. pag. 7,
e seguintes.
Assumpto do Sermão, que inquietou muit-
to ao dito Pai de familia, pag. 13.
Parte do Sermão, que scandalizou a quan-
tos o ouvirão, §. 1. 2. 3. 4. 5. 6. 7.
pag. 14, e seguintes.
Resposta do Cura ao Pai de familia, §. 1.
pag. 26 até §. 55. pag. 183.
Os Francezes são nossos proximos, e ir-
mãos, §. 2. 3. 4. 5. pag. 27, e seguin-
tes.
Usando-se mesmo dos direitos da guerra;
e devendo-se-lhes fazer todo o mal ne-

cessario para a defeza inculpavel da nos-
sa justa causa, de certo se condemna quem
os não ama, como a si mesmo; quem
lhes não perdoa as offensas, e não roga
a Deos por elles, §. 1. 2. 4. 5. 6. pag.
16. 17. 20. 22. 29., e seguintes.

Injustamente se excitava nos Pulpitos o
odio dos Francezes, §. 7. pag. 34.

Devem animar-se os povos contra os Fran-
cezes, mas sem se infringir Lei alguma,
§. 8. pag. 36.

Por causa do odio dos Francezes se tem
sem dúvida commettido innumeraveis
peccados, e sacrilegios, §. 9. 10. pag. 39;
e 40.

He réo de tantos homicidios, quantos Fran-
cezes cada hum desejou matar sem legi-
tima authoridade, §. 11. 12. pag. 42,
e 43.

A guerra só he licita, quando se verificão
as devidas condições, e circumstancias,
§. 13. pag. 43.

Quantos Ecclesiasticos... matarão, ou mu-
tilarão Francezes, sem que fosse por sal-
var a sua propria vida, e além disso
com a moderação da defeza inculpavel,
ficarão todos Irregulares, §. 13. pag. 45.

Nem ainda no conflicto da guerra he licito
matar, quando isso he desnecessario, §.
14. pag. 47.

Além de ser indizivelmente nocivo a quem o teve , o desejo de se metterem a pi- que os navios , em que depois da Capi- tulação embarcárão os Francezes , seria de pessimas consequencias o fazer-se , §. 14. pag. 47.

Em cada hum se confessando , como deve ser , sem dúvida se lhe perdoa todo o genero de peccados , §. 15. 20. pag. 49 , e 58.

Os sabios , e virtuosos , que não amão , co- mo a si mesmos , ainda os inimigos Fran- cezes , não differem daquelles , a quem Jesus Christo dizia assim : *Ai de vós , Doutores da Lei , e Farizeos hypocritas* , §. 16. pag. 50.

He licito a cada hum matar o injusto ag- gressor da sua vida , mas não o dos seus bens , §. 16. pag. 51.

São inuteis , e vans todas as boas obras feitas com odio , ou rancor a alguem , §. 17. pag. 52.

Não pôde haver a devida , e indispensavel caridade , aonde ha odio , ou rancor á pessoa dos Francezes , §. 18. pag. 54.

Denota corações endurecidos reputar-se li- cito o odio , e a vingança , §. 19. pag. 57.

He erro de Fé , que Napoleão não possa já salvar-se , §. 20. pag. 58.

Por maior que seja a tentação , que Deos

permitte, maior he a graça, que elle dá, para todos lhe resistirem, até a vencerem, §. 21. pag. 60.

Não se nega sem temeridade, que Napoleão seja hum dos Predestinados, §. 22. pag. 61.

Mais impossivel he salvarem-se os que reputão licito o ter odio aos Francezes, e ainda a Napoleão, do que he salvar-se o mesmo Napoleão, §. 23. pag. 62.

Quanto maiores são os peccados, tanto mais fazem ordinariamente remorder a consciencia, §. 24. pag. 64.

Ainda que Napoleão a final não possa receber o Sacramento da Penitencia, assim mesmo he possivel a sua salvação, §. 25. pag. 65.

A ninguem he mais necessario para a sua salvação crer devidamente em Jesus Christo, do que he amar devidamente, como a si mesmo, e perdoar as offensas ainda ao inimigo Napoleão, §. 26. pag. 66.

He erro de Fé, que o Preceito Divino do amor dos inimigos se não entenda igualmente a respeito dos Francezes, e ainda mesmo de quem os manda, que a respeito de quaesquer outros, §. 27. 28. pag. 69, e 70.

Os que por David (Psalm. 118. v. 113.) ter dito: *Iniquos odio habui*, dizem que

elle aborrecia os máos, e olhava o odio, e como licito, levantão-lhe hum falso testemunho, §. 29. pag. 71.

David aborrecia nos máos só a sua maldade, a elles porém amava-os, e até a seus inimigos beneficiava, chamando por isso perfeito ao odio, que lhes tinha, §. 30. 31. 32. pag. 72. 74. 75.

Tanta obrigação ha de se amar os inimigos do Particular, como os do Commum, ou da Nação, §. 33. pag. 77.

Nada favorece ao odio dos Francezes o exemplo de Jesus Christo, o de S. Paulo, ou o de qualquer Ministro de Justiça, §. 34. pag. 79.

Ha quem não só tem odio aos que o prejudicão em quanto ao corpo, mas tambem aos que o beneficião em quanto a alma, §. 35. pag. 80.

Quem leva a mal, que se impugne o odio, e a vingança para com os Francezes, e gosta de que até nos Pulpitos se excite, não sómente dá testemunho da sua falta de consciencia, e de Religião, mas tambem mostra que não está pelo que Jesus Christo manda, §. 36. 37. pag. 81. 82.

He tão necessario cada hum amar os Francezes, como a si mesmo, que sem isso nem Deos pôde salvarlo, §. 38. pag. 84.

Nem sempre se inculca odio aos France-

zes, porque se lhes tenha; he tambem de vez em quando por encubrir, que se adoptão suas maximas, e que se gosta delles, §. 39. pag. 86.

Recommendar o amor do proximo só em geral, sabendo o odio, que se tem aos Francezes; e julgar licito a qualquer matellos, aonde se acharem, com o fundamento de que estão banidos, he prova clara de huma summa indignidade, e hum erro indesculpavel, §. 40. pag. 87.

Quanto o odio dos Francezes mais domina, tanto mais deve impugnar-se, §. 41. pag. 89.

Se he impolitica, e imprudencia prégar-se, que, não obstante ser licito, e devido fazer-se com legitima authoridade aos Francezes todo o mal necessario, para salvar-se a Patria, o Throno, e a Religião, nunca he licito o ter-lhes odio, então forão impoliticos, e imprudentes os Apostolos, e o mesmo Jesus Christo em circumstancias semelhantes, §. 42. pag. 91.

A politica, e a prudencia de se não combater o odio dos Francezes, he huma sabedoria terrena, diabolica, e sensual, §. 43. pag. 93.

Quando se tem prégado o que he nocivo á salvação das almas, nunca será impoli-

- tica, e imprudencia prégar-se logo o contrario, §. 44. pag. 94.
- A virtude, e a sabedoria dos que não distinguem os Francezes dos demonios, he sem dúvida abominavel, §. 46. pag. 96.
- Em qualquer mostrando, que tem odio, ainda aos maiores inimigos, sejam, ou não sejam Francezes, ninguem duvide reputallo em peccado mortal, §. 47. pag. 97.
- Apenas alguem indica nas suas palavras, que tem odio aos Francezes, ainda que lho não tenha realmente, fica réo de tantos peccados graves, quantas são as pessoas, a que assim dá escandalo, §. 48. pag. 96.
- Se os Francezes são demonios, então pôde o demonio gloriar-se de que todo o homem he seu irmão, §. 49. pag. 100.
- Repugna tanto salvar-se quem não deixar de ter odio aos Francezes, quanto repugna faltar a palavra de Deos, ou deixar elle de ser Deos, §. 51. pag. 101.
- Deos só promette converter-se para quem se converter para elle primeiramente á proporção da graça, que tem, §. 52. pag. 103.
- Quem amaldiçoa, ou roga pragas, o faz movido pelo diabo, §. 53. pag. 104.
- Porque muitos, ainda mesmo Confessores,

facilitão excessivamente, á salvação, poucas almas se não condemnão, §. 1. pag. 105.

Deve imputar-se á facilidade, e indulgencia dos Confessores a condemnação daquelles, que por habito rogão mal, e praguejão, §. 2. pag. 106.

Para a doença do corpo todos querem hum Medico exacto, e rigoroso, mas para a da alma quasi todos o querem passageiro, e indulgente, §. 3. pag. 109.

Por culpa dos Confessores se rogão infinitas pragas, e se manejão diabos a centos, a milhares, e a milhões, §. 4. pag. 111.

Pecca-se mortalmente em rogar pragas, e maldições, §. 5. pag. 113.

Quem roga pragas, commette peccados da mesma especie do mal, que roga, e tantos peccados, quantos são esses males, §. 6. pag. 115.

Rogando-se pragas com ira, repugna tanto deixar de haver ódio em quem as roga, quanto repugna deixar de haver lume, aonde ha fumo, e calor, aonde ha fogo, §. 6. pag. 116.

He absolutamente necessario evitar as pragas, já por se opporem á caridade, já por se não dar escandalo, §. 6. pag. 117.

Não deixa de ser peccado rogar pragas,

por haver depois sentimento grande, já dellas se terem rogado, já de acontecer o mal, que nellas se desejava, §. 6. pag. 117.

Rarissimas vezes deixará de ser peccado rogar pragas em razão dellas se rogarem materialmente, §. 7. pag. 119.

Não são propriamente pragas, ou maldições o que David, e o que Job nesse ar dizião, §. 8. pag. 121.

He hum peccado gravissimo confirmar as pragas com juramento, §. 9. pag. 123.

Sem se reformarem as Confissões, que se fizerão, durante o máo habito de praguejar, não se remedêa o seu estrago, §. 10. pag. 124.

Além de cada hum cuidar na sua conversão, cuide tambem na dos que arruinou com o seu máo exemplo, §. 11. pag. 125.

Meio facil de se fazer bem huma Confissão geral, §. 12. pag. 127.

Chama-se ordinariamente desabusado a quem trata de resto quanto he de devoção, e não pouco do que he de obrigação, §. 1. pag. 129.

A nudeza das mulheres inculca sempre ad menos leviandade, §. 2. pag. 129.

Não he temeridade reputar mal procedida a que anda meia nua, §. 3. pag. 130.

Por mais universal que seja o uso das mu-

Iheres andarem meias nuas , nunca elle
deixará de ser torpe , e lascivo , §. 4.
pag. 131.

De modo nenhum as justifica poupar-se mui-
to em se andar assim , §. 5. pag. 133.

A permissão dos pais tanto não faz licito
andarem ellas , como andão , que antes
prova a sua falta de juizo , e os inculca
semelhantes a Herodes , e a Herodías ,
§. 6. pag. 134.

O silencio dos Confessores , e dos Parocos
sobre a indecencia , com que ellas tra-
jão , só prova a sua indignidade , e que
não cumprem os seus deveres , §. 7. pag.
137.

Huns taes , como que se envergonhão de
parecerem Ministros de Jesus Christo , e
Dispenseiros dos Mystérios de Deos , §.
8. pag. 137.

Andar , e permittir que se ande assim , dá
restemunho claro de falta de vergonha ,
e de falta de Religião , §. 9. pag. 139.

As que trajão á moda das prostitutas , fe-
rem , e arruinão a muitos , e a sua casa
he o caminho do inferno , §. 10. pag.
139.

Manda S. Paulo que o seu trajo seja de-
cente , e o seu adorno modesto , e cas-
to , §. 11. pag. 141.

Nunca poderá reputar-se disciplinar a prohi-

- bição do que he incentivo da luxúria, e fomenta a sensualidade, §. 12. pag. 142.
- S. Clemente Alexandrino manda, que ellas procedão sempre honestamente, §. 13. pag. 143.
- Mostra S. Cypriano, que o seu deshonesto, e escandaloso trajo as crimina, §. 14. pag. 144.
- S. Chrysostomo ensina, que humas taes se communicão, e ajuntão com o diabo, e reprehende amargamente as que assim entrão nos Sagrados Templos, §. 15. 16. pag. 144, e 145.
- S. Carlos Borromeu exclue-as da Sagrada Communhão, §. 17. pag. 146.
- Tertulliano mostra, que nellas não ha Deos, §. 18. pag. 148.
- Muitos Concilios mandão, que se lhes dif-fira, ou negue a absolvição Sacramental, e se privem da Eucharistia, §. 19. 20. 21. 24. pag. 149, 150, 151, 154.
- E até quer hum delles com alguns Santos Padres, que para isto baste o trazerem ellas os braços nus até os cotovelos, §. 22. 23. pag. 152, e 153.
- O mesmo determinou hum Arcebispo, que fizessem os Confessores da sua Diocese ás que andassem com o peito nú, §. 25. pag. 155.
- He lamentavel a permissão das mulheres

se fingirem mais formosas, e tem pessimas consequencias esse fingimento, §. 26. 27. pag. 156, e 157.

Muitos Santos Padres, e muitos Concilios as arguem de peccarem mortalmente, §. 29. 30. 31. 32. 33. 35. 36. 37. pag. 158, 160, 161, 162, 164, 165.

E por isso prohibio hum Bispo, que os Confessores da sua Diocese as absolvessem, §. 38. pag. 166.

Prohibe S. Paulo, que ellas vão á Igreja com a cabeça nua, e mostra porque devem cubrir-se, §. 39. 40. 41. 43. pag. 167, e seguintes.

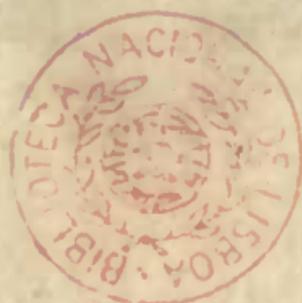
Isso mesmo lhes tornárão a prohibir o Papa S. Lino, e alguns Concilios, §. 39. pag. 167.

Assim como por Igreja se entende ahi todo o lugar, em que se póde satisfazer ao preceito de ouvir Missa, assim tambem por mulher se entende ainda a mais qualificada, que possa haver, §. 52. 53. pag. 179, e 180.

Sejão quem forem aquelles, por cuja causa S. Paulo manda, que as mulheres se cubram nas Igrejas, muitos Santos Padres affirmão, que a Jesus Christo Sacramentado assistem sempre os Anjos, §. 45. 46. 47. 48. pag. 174, 175, e 176.

Ainda que lhes não determina o genero de

cobertura, deve com tudo ser decente, qual não he o chapéo, §. 54. pag. 182. De ser licita a nudeza da cara se não segue, que seja licita a de qualquer outra parte do corpo, que não seja igualmente preciso trazer-se nua, §. 55. pag. 183.



... de ...
 ... de ...



E R R A T A S.

<i>Pag. Lin.</i>	<i>Erros</i>	<i>Emendas</i>
4 13	occasiou	occasionou
11 13	do proximos	do proximo
36 1	enre	entre
43 1	quando	quando
49 3	razão	razão
ibid.	§. 14.	§. 15.
56 7	læc	hæc
81 4	<i>desprezdrão.</i>	<i>desprezárão?</i>
90 3	inconuenientes	inconuenientes
91 24	conduceute	conducente
96 28	rociocinios	raciocinios
99 8	imputaerm	imputarem
103 22	ptoporção	proporção
104 13	satifação	satisfação
108 26	remetter	remittir
109 9	doenre	doente
120 18	que pecca	que se pecca
130 19	suas mulheres	sua mulher
142 25	intrinsecamete	intrinsecamente
148 26	não não	não
149 21	privar	privar da Euca- ristia
151 2	1688	1668
153 6	<i>Encharisticum</i>	<i>Eucharisticum</i>
178 20	<i>fæmminæ</i>	<i>fæmine</i>
183 22	âquelles	âquellas

ERRATA 2.

Page	Line	Original	Correction
103	1	adversus	adversus
103	2	adversus	adversus
103	3	adversus	adversus
103	4	adversus	adversus
103	5	adversus	adversus
103	6	adversus	adversus
103	7	adversus	adversus
103	8	adversus	adversus
103	9	adversus	adversus
103	10	adversus	adversus
103	11	adversus	adversus
103	12	adversus	adversus
103	13	adversus	adversus
103	14	adversus	adversus
103	15	adversus	adversus
103	16	adversus	adversus
103	17	adversus	adversus
103	18	adversus	adversus
103	19	adversus	adversus
103	20	adversus	adversus
103	21	adversus	adversus
103	22	adversus	adversus
103	23	adversus	adversus
103	24	adversus	adversus
103	25	adversus	adversus
103	26	adversus	adversus
103	27	adversus	adversus
103	28	adversus	adversus
103	29	adversus	adversus
103	30	adversus	adversus
103	31	adversus	adversus
103	32	adversus	adversus
103	33	adversus	adversus
103	34	adversus	adversus
103	35	adversus	adversus
103	36	adversus	adversus
103	37	adversus	adversus
103	38	adversus	adversus
103	39	adversus	adversus
103	40	adversus	adversus
103	41	adversus	adversus
103	42	adversus	adversus
103	43	adversus	adversus
103	44	adversus	adversus
103	45	adversus	adversus
103	46	adversus	adversus
103	47	adversus	adversus
103	48	adversus	adversus
103	49	adversus	adversus
103	50	adversus	adversus

LETRAS APOSTOLICAS
EM FÓRMA DE BREVE,

Pelas quaes se declarão excommungados, como de facto novamente se excommungão, os authores, executores, e favorecedores da usurpação do dominio de Roma, e dos mais Estados pertencentes á Santa Sé.

PIO PAPA VII.

Para perpetua memoria.

1. **Q**Uando naquelle memoravel dia dois de Fevereiro as Tropas Francezas, depois de terem invadido as outras mais fertes Provincias do Dominio Pontificio, entráráo tambem em Roma com impeto repentino, e hostil, de nenhum modo Nos podémos persuadir que taes attentados se houvessem de attribuir áquellas razões politicas, ou militares, que os invasores pe-

*

tendião, e exaggeravão ao Povo, isto he, de elles mesmos se defenderem nesta Cidade, e expellirem os seus inimigos dos Paizes sujeitos á Igreja Romana; ou de que quizessem vingar-se da Nossa firmeza, e constancia em recusar algumas pertençaes, que o Governo Francez Nos tinha requerido. Immediatamente vimos que este attentado tinha huma mira muito mais desviada, do que huma providencia temporaria, ou militar, ou de huma simples demonstração de ira contra Nós. Conhecemos que se avivavão, tomavão fogo, e de novo sahião dos escondrijos as impias, e fraudulentissimas maquinações daquelles homens, que (Colloss. 2. 8.) enganados, ou enganando com huma *Filosofia*, e *vã sal-lacia* (2. Petr. 21.) *querião introduzir novas seitas de perdição* (maquinações, tornamos a dizer, que parecia terem acalmado, e se não estavão destruidas, pelo menos achavão-se desviadas) e com estas tentão já de muito tempo a ruina da nossa Santissima Religião. Conhecemos que na Nossa humilde Pessoa se accommettia, sitiava, e perseguia esta Santa Sede do Beatissimo Principe dos Apostolos, com o que, se por algum modo se podesse conseguir a sua queda, necessariamente viria a abalar-se desde os alicerces, e a Igreja Catho-

lica, edificada pelo seu Divino Author sobre esta Sede, como sobre huma solidissima pedra, totalmente se arruinaria.

2. Julgámos Nós, e esperámos em outro tempo, que o Governo Francez instruido pela experiencia dos males, em que se achava involta aquella poderosissima Nação por ter soltado as rédeas á impiedade, e ao Scisma, e que convencido do seu unanime parecer da maior parte dos Cidadãos, se persuadissem finalmente que interessava muito, e muito a sua segurança, e a felicidade pública, se de animo sincero restituísse ao seu antigo estado o exercicio livre da Religião Catholica, e tomasse sobre si a sua singular protecção. Animados Nós desta opinião, e esperança, pois que a pezar de não o merecermos, fazemos as vezes daquelle, que he *Deos da paz*, apenas presentimos abrir-se algum caminho para reparar os desastres da Igreja na França, todo o mundo he nossa testemunha com quanta promptidão demos principio a tratados de paz, e de quanto Nos custasse, e á mesma Igreja levar finalmente taes tratados áquelle termo, que fosse licito conseguir. Mas, oh Deos immortal! Aonde foi todavia terminar aquella Nossa esperança! Que fructo se tirou de tanta condescendencia, e liberalidade nossa? Logo

a primeira promulgação da paz estabelecida Nos constrangeo a lamentar-nos com o Profeta : *Eis-aqui na paz a minha amargura mais amarga* : a qual amargura certamente não dissimulámos á Igreja, e aos mesmos Nossos Irmãos Cardeaes da Santa Igreja Romana na falla feita aos mesmos em Consistorio no dia 24 de Maio do anno de 1802, significando-lhes que naquella promulgação se tinham acrescentado á convenção feita por Nós alguns artigos, que Nos erão desconhecidos, que logo reprovámos. Por quanto nestes artigos não só se tira inteiramente ao exercicio da Religião Catholica nos pontos mais graves, e interessantes aquella liberdade, que se tinha sustentado, pactuado, e solememente prometido desde o mesmo principio da convenção, como base, e fundamento della, mas tambem em alguns daquelles artigos proxivamente acrescentados se combate a mesma doutrina do Evangelho.

3. O mesmo foi com pouca differença o exito da convenção, que fizemos com o Governo da Republica Italiana, havendo-se interpretado aquelles mesmos artigos de huma maneira absolutamente arbitraria, e perversa, com summa, e patente fraude, a pezar de termos procurado com toda a diligencia acautelhar todas as interpretações

arbitrarias, e perversas, que se podessem dar a esta convenção.

4. Violados deste modo, e desfigurados aquellos pactos de huma, e outra convenção, que na verdade se tinham estabelecido a favor da Igreja, e sujeito o poder espiritual ao arbitrio do leigo, tão longe esteve de que aquellas convenções produzissem efeitos saudaveis, como Nos tinhamos proposto, que antes pelo contrario Nos magoamos de que todos os dias mais se augmentem; e mais largamente se dilatam os desastres, e os damnos da Igreja de Jesus Christo.

5. Nem neste lugar enumeraremos taes damnos, e desastres recordando-Nos de cada hum de per si, porque a todos são notorios, e se chorão pelas lagrimas de todos os bons; e assás forão por Nós expostos nas duas fallas Consistoriaes, huma que recitámos no dia 16 de Março, e a outra no dia 11 de Junho do mesmo anno de 1808; as quaes temos providenciado, que em conjuntura opportuna se hajão de publicar segundo Nos permittirém as angustias, em que estamos. Por estas conhecerão todos, e toda a posteridade verá qual tenha sido o nosso sentimento sobre tantos, e tão grandes attentados do Governo Francez nas cousas, que respeitão á Igreja; co-

nhecerão quanto soffrimento, e paciencia se requer para guardar silencio por tão longo tempo, pois que tendo-Nos proposto o amor da paz, e concebido huma grande esperanza de que por huma vez se remediassem, e pozesse termo a tantos males, differiamos de dia em dia levantar em público a Nossa voz Apostolica. Verão quaes tenham sido os nossos trabalhos, e cuidados, e quão incessantes tenham sido sempre os nossos esforços já em tratados, já em supplicas, já em deprecações, e já em gemidos, para que se curassem as feridas feitas á Igreja, e se obstasse ás que de novo se intentasse fazer-lhe. Mas debalde se esgotarão todos os trabalhos da nossa humildade, moderação, e mansidão, com que até agora temos procurado defender os direitos, e os interesses da Igreja perante aquelle, que se conjurára com os impios para a destruir inteiramente; que lhe affectára amizade para mais facilmente trahilla; e que tinha fingido protegella para a opprimir com mais segurança.

6. Muitas cousas por muitas vezes, e por longo tempo Nos foi imperiosamente mandado que esperassemos, especialmente quando desejou, e requereo a nossa jornada á França. Desde então se começarão a illudir os nossos requerimentos, e supplicas

com astutos subterfugios, e cavilações, e respostas dadas, ou para prolongar o negocio, ou para nos enganar. Finalmente desprezadas aquellas súplicas, á medida que se avisinhava o tempo de pôr em execução as maquinações contra esta Santa Sede, e contra a Igreja de Jesus Christo; se foi tambem principiando a tentar-Nos, e a vexar-Nos com requerimentos sempre novos, e sempre ou exorbitantes, ou dólolos, e de tal natureza, que bastantemente, e mais do que devia ser, se patenteava, que hum destes dois fins igualmente funestos, e prejudiciaes á Santa Sede se tinham em mira, ou que assentindo Nós com aquelles, vergonhosamente trahissemos o Nosso Ministerio, ou se os rejeitassemos, disto tirarse motivo para declarar huma guerra aberta.

7. E pois que Nós não podemos assentir a taes petições, por não o permittir a nossa consciencia, eis-aqui como disto se tomou logo motivo para expedir hostilmente tropas a esta Sagrada Cidade; eis-aqui porque se tomou o Forte de Santo Angelo; eis-aqui porque se guarnecerão as estradas, e praças; eis-aqui porque o nosso mesmo Palacio Quirinal, que habitamos, de hum modo ameaçador foi cercado de grande multidão de Tropa de infantaria, e car

vallaria, e de peças de artilharia. Nós porém confortados por Deos, no qual tudo podemos, e sustentados dos deveres da nossa consciencia, nada nos abalámos, e muito menos mudámos de resolução, com este repentino terror, e apparatus guerreiro. Com igualdade de animo, e socego, como convinha, celebrámos as sagradas ceremonias, e os Divinos Mysterios ajustados á solemnidade daquelle Santissimo Dia, e nem por temor, ou por esquecimento, ou por descuido omittimos cousa alguma do que requeria o nosso dever neste lance de adversidade.

8. Nós Nos recordavamos com Santo Ambrosio (*de Basilic. traden. n. 17.*) de que Naboth, varão Santo, senhor, e possuidor da sua vinha, sendo notificado para daila ao Rei, que queria, cortadas as vides, plantar nella vis hortaliças, respondêra: *Longe de mim, que eu entregue a herança dos meus antepassados.* Por esta razão muito menos julgámos ser-Nos licito entregar huma tão antiga, e sagrada herança (isto he, o dominio temporal desta Santa Sede, não sem evidente disposição da Divina Providencia, possuida por huma tão longa serie de seculos pelos Pontifices Romanos, nossos Antecessores) ou pelo silencio consentir que alguém se apossasse da primeira

Cidade do Mundo Catholico, para que perturbando, e destruindo a sua Santissima forma de governo, que Jesus Christo deixou á sua Santa Igreja, e ordenada pelos Sagrados Canones escriptos pelo Espirito Santo, em lugar desta lhe substituisse hum codigo não só contrario, e repugnante aos Sagrados Canones, mas até aos preceitos Evangelicos, e introduzisse, como costuma, huma tal nova ordem de cousas, que clarissimamente tende a associar, e confundir todas as seitas, e superstições com a Igreja Catholica.

9. E se *Naboth defendeo as suas vides até com o proprio sangue*, (S. Ambr. *ibid*) porque não poderemos Nós, seja qual for o resultado, defender os direitos, e as possessões da Santa Igreja Romana, a cuja conservação estamos obrigados com solemne juramento? Ou porque não poderemos revindicar a liberdade da Sede Apostolica tão conjuncta com a liberdade, e com as vantagens da Igreja Universal?

10. E quão grande seja na realidade a congruencia, e necessidade deste Principado Temporal para assegurar á Suprema Cabeça da Igreja o livre exercicio daquelle Principado Espiritual, que lhe foi concedido por Deos em todo o mundo, isto mesmo, que de presente acontece (ainda quando

não houvessem outros argumentos) certamente o demonstra com sobeja clareza. Pela qual razão , ainda que Nós nunca nos deleitámos nem com as honras , nem com as rendas , nem com o dominio deste Supremo Principado temporal , cuja cubiça he grandemente contraria á nossa indole , e áquelle Instituto Santissimo , que abraçamos desde a primeira idade , e que sempre temos amado com a predilecção , com tudo conhecemos que a pezar de Nos acharmos collocados no meio de tantas angustias desde o mesmo dia 2 de Fevereiro de 1808 , he dever do nosso officio fazer huma solemne protestaçaõ , mediante o nosso Cardeal Secretario d'Estado , pela qual sejam patentes as causas das tribulações , que soffremos , e se declare que he Nossa vontade que permaneçaõ inteiros , e intactos os direitos da Santa Sé.

II. Vendo entretanto os invasores que nada aproveitavão com ameaças , resolvêrão-se a tomar outro systema para conosco. Prepararão-se com hum certo genero de perseguição , sim lento , mas molestissimo , e muito cruel , para pouco a pouco irem debilitando a nossa constancia , porque tinham visto que não poderão abatella com hum inesperado terror. Por tanto desde o dia 2 de Fevereiro apenas passou por Nós ,

retidos debaixo de custodia neste nosso Palácio, hum só dia, que não fosse assignalado por alguma nova injúria a esta Santa Sé, ou por alguma nova vexação feita ao nosso animo. Todos os soldados, de que Nos serviamos para conservar a ordem, e a disciplina civil, Nos forão tirados, e os misturarão com as Tropas Francezas. As mesmas guardas do nosso corpo, varões nobres, e os mais escolhidos, forão presos no Castello de Santo Angelo, aonde os tiverão muitos dias, e depois os esparlhárão por differentes lugares, e separárão huns dos outros. Posrárão-se guardas ás portas, e aos lugares mais frequentados de Roma. Os lugares, aonde se distribuião as cartas, e todas as Typografias, especialmente as da nossa Camara Apostolica, e da Congregação de *Propaganda Fide* forão sujeitas á violencia, e ao arbitrio militar, tirando-Nos por consequencia a liberdade de imprimir, e publicar o que fosse da nossa vontade. Os Regulamentos da Administração da Justiça pública forão perturbados, e impedidos. Os subditos forão sollicitados com fraudes, enganos, e com todas as sortes de artificios iníquos, para levantarem tropas chamadas de soldados cidadãos. Os rebellados contra o legitimo Principe, e todos os mais desaforados, e

facinorosos dos mesmos subditos forão premiados com hum laço Francez, ou Italiano de tres cores de seda, e lá, e com este, como protegidos de hum escudo, vagarão impunemente por aqui, e por alli, ora em esquadrões, ora sós, commettendo toda a sorte de iniquidade contra os Ministros da Igreja, contra o Governo, contra todos os bons, e isto ou por ordem que tivessem, ou porque lho consentião. As Ephemerides, ou como vulgarmente se diz, folhas periodicas (a pezar das nossas reclamações) principiárão a dar-se ao preço, e forão espalhadas pelo povo, e até pelas Nações Estrangeiras, atulhadas de injurias, dicterios, e calumnias dirigidas contra o Poder, e Dignidade Pontificia. Algumas declarações nossas de summa importancia, assignadas ou pela nossa mesma mão, ou pelo Nosso primeiro Ministro, e por Nossa ordem affixadas nos lugares do costume, forão arrancadas, rasgadas, e pizadas aos pés por vilissimos esbirros com indignação, e gemidos de todos os bons. Mancebos incautos, e outros cidadãos forão convidados, atrahidos, e associados a conventiculos suspeitosos severissimamente prohibidos por Leis Civis, e Ecclesiasticas, até debaixo da pena de excomunhão, pelos nossos Antecessores Clemen-

te XII., e Benedicto XIV. Muitos Ministros, e Officiaes Nossos assim de Roma, como das Provincias, varões integerrimos, e fidelissimos, forão vexados, encarcerados, e desterrados. Os papeis, e escriptos de todo o genero, que se achavão nas Secretarias dos Magistrados Pontificios, forão violentamente explorados, e sem que se exceptuasse o Gabinete do Nosso Primeiro Ministro. Os Nossos tres Primeiros Ministros, Secretarios d'Estado, que fomos obrigados a substituir hum ao outro, do Nosso mesmo Palacio forão arrebatados. Finalmente a maior parte dos Cardeaes, isto he, dos Collateraes, e Nossos Coadjuutores, Nos forão tirados do Nosso lado, e seio com violencia militar, e os desterrarão. Todos estes attentados, e outros muitos, que os invasores descarada, e sacrilegamente perpetrarão contra todo o Direito Humano, e Divino, são geralmente sabidos, e não he mister que de novo os tornemos a referir, e numerar. Nem Nós de cada hum delles temos deixadó de Nos queixar amargamente, e com toda a fortaleza, para que, sendo este o dever do Nosso Officio, não pareça que da Nossa parte ha alguma dissimulação, ou consentimento.

12. Deste modo despojados Nós de quasi

todos os ornamentos da dignidade, e dos esteios da authoridade, e privados de todos os meios necessarios para cumprir as obrigações do Nosso Officio, e mais que tudo do cuidado de todas as Igrejas, e finalmente vexados, atormentados, opprimidos com todos os generos de injurias, incommodos, e terrores, e quotidianamente mais impedidos do exercicio de ambos os Nossos Poderes, depois de huma singular, e manifesta providencia de Deos Optimo Maximo pela fortaleza, com que Nos tem acudido, só devemos á prudencia de alguns Ministros, que ainda Nos restão, á fidelidade dos Nossos Subditos, e finalmente á piedade dos Fieis, tornamos a dizer, só a estes devemos o termos até agora huma certa sombra, e apparencia dos dois poderes.

13. Mas se em Roma, e nas Provincias confinantes o Nosso Poder temporal se tinha redozido a huma vã, e quimerica apparencia, nas florecentissimas Provincias de Urbino, Marca, e Camerino, de todo Nos foi extorquido presentemente. Porém assim como a esta inanimada, e sacrilega usurpação de tantos Estados da Igreja não deixámos de oppôr huma solémne protestação, assim tambem procurámos precaver aquelles Nossos charissimos Subditos, man-

dando sobre isto huma Instrucção aos Nossos veneraveis Irmãos Bispos daquellas Provincias.

14. Quanto pois não tardou o mesmo Governo ! Quanto se não apressou elle a comprovar por factos , e a testemunhar aquillo mesmo ; que Nós naquella Instrucção predissemos que se devia esperar de tal Governo ? Usurpação , e saque do Patrimonio de Jesus Christo , extincção das Casas Religiosas , expulsão violenta das Sagradas Virgens dos seus Claustros , desacato ás Igrejas , franqueza total á libertinagem , desprezo da disciplina Ecclesiastica , promulgação de hum Codigo , e de outras Leis oppostas não só aos Sagrados Canones , mas tambem aos Preceitos do Evangelho , e ao Direito Divino , oppressão , e vexação continua do Clero , sujeição do Sagrado Poder dos Bispos ao Poder Leigo , violencia feita de muitas maneiras ás suas consciencias , e finalmente expulsão dos mesmos Bispos das proprias Cadeiras , e desterro , e outros nefandos , e sacrilegos attentados deste genero contra a liberdade , immuniidade , e doutrina da Igreja igualmente logo commettido naquellas Nossas Provincias , assim como pouco antes em todos os outros lugares , que tinham cahido debaixo do poder daquelle Governo ; estes , estes

são aquelles primorosos penhores; estes os illustres monumentos daquelle maravilhoso empenho pela Religião Catholica, que ainda mesmo agora não cessa de exaltar, e de prometter.

15. Nós porém já de muito tempo cheios de tantas amarguras causadas por aquelles mesmos, de quem menos as deviamos esperar, e por todos os modos atormentados, não tanto nos affligimos pelas Nossas presentes desgraças, quanto pelas futuras dos nossos perseguidores. *Por quanto se o Senhor está por hum pouco irado connosco para nos corrigir, segunda vez se reconciliará com os seus servos. (Machab. 2. cap. 7. v. 31.) Mas aquelle, que se fez o Inventor das maldades contra a Igreja, como poderá escapar da mão de Deos? (Ibid.) Certamente não perdoará Deos a pessoa alguma, nem respeitará a grandeza de cada hum, porque Elle formou tanto o pequeno, como o grande, porém ao mais forte está imminente hum castigo mais forte. (Sup. cap. 6.)* E praza a Deos que Nós com qualquer perda Nossa, e ainda mesmo da propria vida, pudessemos apartar a perdição eterna, e procurar a salvação dos Nossos perseguidores, que sempre amámos, e ainda agora não cessamos de amar de todo o coração! Praza a Deos que Nos fosse per-

mitido não nos afastarmos jámais daquelle espirito de mansidão, (1. Corinth. cap. 4. v. 213.) de que a natureza Nos dotou, e a vontade pôz em prática, e abster-Nos tambem para o futuro, como até agora temos feito, de usar daquelle vara, que na pessoa de S. Pedro Nos foi dada pelo Principe dos Apostolos para corrigir, e castigar as ovelhas desgarradas, e contumazes, e para exemplo, e terror saudavel dos ou-ros, quando Nos foi commettido o cuidado de toda a Igreja do Senhor!

16. Mas já não tem lugar usar de mais brandura. A que alvo se dirijão tantos attentados, o que pertendão, aonde hajão de ir finalmente parar, se de algum modo se lhes não arrostar promptamente, a ninguem já se poderá occultar, senão áquelle, que por sua vontade estiver cego. Pelo contrario todos vêm evidentemente que não resta mais esperança alguma de se poder com admoestações, e conselhos, ou com supplicas, e instancias applicar a favor da Igreja os Authores de taes attentados. Ha muito tempo que todos estes meios são baldados, porque nem os admitem, nem lhes dão ouvidos, e só respondem accumulando injúrias sobre injúrias. E certamente não se pôde conseguir que, ou como filhos a sua Mãe, obedeção á Igreja, ou como discipulos

escutem a sua Mestra , porque nada mais maquinao , nada mais executao , em nenhuma outra cousa se esforcao , senao em sujeitalla a si , como escrava a seu senhor , e arruinalla de todo depois de a ter sujeitado.

17. E que nos resta pois presentemente á vista de tanta contumacia , e tão nefandas pertencões , se não quizermos ser taxados de negligentes , e inertes , e talvez tambem de termos vergonhosamente desamparado a causa de Deos , que mais Nos resta , tornamos a dizer ; posposto todo o respeito terreno , desprezada toda a prudencia carnal , do que pôr em execução aquelle preceito Evangelico : *Se pois não escutar a Igreja , reputa-o como hum Ethnico , e Publicano.* (Matth. 18.) Entendão estes por huma vez que elles mesmos estão igualmente sujeitos pelas Leis de Jesus Christo ao Nosso Throno , e Imperio , porque Nós tambem somos Soberanos , e a Nossa Soberania além disto he muito mais nobre , excepto porém se he justo que o espirito ceda á carne , e as cousas celestes ás terrenas. (S. Greg. Naz. Orat. 17. ad Maur.) E se tantos Summos Pontifices afamados pela sua sabedoria , e santidade recorrêrão nos tempos passados a estes extremos , porque assim o requeria a causa da Igre-

ja, contra Reis, e Principes, e algumas vezes só por causa de hum, ou outro de taes delictos; recearemos Nós por ventura seguir finalmente o seu exemplo depois de tantos delictos, tão nefandos, tão atrozes, tão sacrilegos, tão conhecidos em toda a parte, e tão manifestos a todos? Por ventura não devemos Nós recear com maior razão, que justa, e devidamente sejamos accusados mais pelo termos feito demasiadamente tarde, do que com imprudencia, e precipitação, e com especialidade quando por este ultimo gravissimo attentado contra a Nossa Soberania temporal somos advertidos de que se Nos tolherá a liberdade de satisfazer a este tão grave, como necessario, dever do Nosso Ministerio?

18. Por tanto com authoridade de Deos Omnipotente, e dos Santos Apostolos São Pedro, e S. Paulo, e Nossa, Declaramos, que todos aquelles, que depois da invasão desta Sagrada Cidade, e do Dominio Ecclesiastico, e do desacato ao Patrimonio de S. Pedro, Principe dos Apostolos, commettido pelas Tropas Francezas (de que magoadamente Nos queixámos nas duas sobre ditas Fallas Consistoriaes, e em muitas protestaões, e reclamaões publicadas por Nossa ordem nesta Cidade, e nos Dominios da Igreja) contra a immuni-
 * * 2

elesiastica, contra os Direitos Temporaes da Igreja, e desta Santa Sé; os que ainda meramente commetterão alguma parte de taes desacatos, e os que os ordenarão, favorecêrão, aconselharão, ou forão seus partidistas, e todos os outros, que sollicitarão a execução dos sobreditos desacatos, ou de seu alvedrio os executarão: Declaramos (tornamos a dizer) que incorrêrão em Excommunhão Maior, e outras censuras, e penas Ecclesiasticas fulminadas pelos Sagrados Canones, Constituições Apostolicas, e Decretos dos Concilios Geraes, especialmente do Tridentino; e se he necessario, segunda vez os excommungamos, e anathematizamos; e Declaramos mais, que todos os sobreditos incorrêrão logo nas penas da perda de todos, e quaesquer privilegios, graças, e indultos, que de qualquer maneira lhes fossem concedidos por Nós, ou pelos Pontifices Romanos Nossos Antecessores; e reservamos só para Nós, ou para o Pontifice Romano, que a esse tempo existir, a faculdade de os poder absolver, e livrar das censuras incorridas, excepto em artigo de morte, mas com reincidencia nas mesmas censuras logo, que estiverem livres de tal perigo. E outro sim os declaramos inhabeis, e incapazes de alcançarem o beneficio da absolvição, em quan-

tõ não retractarem, revogarem, cassarem, e abolirem todos os damnos, que de qualquer maneira tiverem causado os seus attentados; e em quanto não restituirem tudo ao seu antigo estado plena, e effectivamente, e não derem a devida, e condigna satisfação á Igreja, e a Nós, e á esta Santa Sé de tudo, o que antecedentemente dissemos. Por este motivo pelo theor das presentes Letras Ordenamos, e igualmente declaramos, que todos os já indicados, ainda que dignos de huma especialissima menção, e os seus successores nos seus officios, em nenhum tempo poderão por qualquer pretexto livrar-se, e isentar-se dellés proprios retractarem, revogarem, cassarem, e abolirem todos os attentados acima referidos, e de darem real, e effectivamente a devida, e condigna satisfação á Igreja, e a Nós, e á dita Santa Sé; mas sempre serão obrigados a estes actos para poderem conseguir o beneficio da absolvição.

19. Entretanto porém que somos constangidos a desembainhar a espada da severidade Ecclesiastica; não Nos esquecemos de que somos na terra (posto que o não merecemos) o Vigario daquelle, que, ainda quando lança mão da sua justiça, não se esquece da sua misericordia. Pela qual razão Mandamos em virtude de Santa obe-

diencia, primeiro que tudo aos nossos Sudditos, e depois a todos os Povos da Christandade, que ninguem por occasião, ou pretexto destas nossas Letras se presume authorizado para fazer damno, injuria, prejuizo, ou detrimento algum aos bens, direitos, prerogativas, e muito menos ás pessoas daquelles, contra os quaes são dirigidas estas Letras. Por quanto Nós, punindo-os mesmo com aquelle gehero de penas, que Deos constituiu no Nosso poder, e vingando tantas, e tão graves injurias feitas a Deos, e á sua Santa Igreja, temos isto especialmente em vista, que *se converção, e juntamente connosco se contristem aquelles, que ora Nos contristão*, (S. Aug. in Psalm. 54. v. 1.) *se por ventura lhes der arrependimento para conhecerem a verdade.* (2. ad Tim. cap. 2. v. 25.

20. Por tanto levantando as Nossas mãos ao Ceo com a humildade do Nosso coração, em quanto segunda vez Entregamos, e encommendamos a Deos a justissima causa, que defendemos, pois que mais he sua, do que Nossa, e em quanto de novo protestamos estarmos promptos com auxilio da sua graça para beber até ás fezes em defeza da sua Igreja aquelle calix, que Elle primeiro se dignou beber por amor da mesma, lhe supplicamos, e deprecamos pelas

entranhas da sua Misericordia ; que não despreze , nem regeite as orações , e súplicas , que de dia , e de noite lhe fazemos pelo seu arrependimento. Para Nós certamente não poderá raiar dia mais alegre , nem mais aprazível do que aquelle , em que Nos fosse concedido vêr aquelles Nossos filhos , de que ora Nos vem tantos motivos de tribulação , e dor , recolher-se ao Nosso gremio paternal , e voltar apressados ao Aprisco.

21. Decretando que as presentes Letras , e todo o seu contheudo , ainda quando os sobreditos , e quaesquer outros , que tenham interesse nos attentados acima referidos , ou de qualquer maneira o pertendão ter , qualquer que seja o seu estado , graduação , ordem , preeminencia , e dignidade , ou de qualquer modo dignos de especifica , e individual menção , e declaração , não tivessem consentido nelles , e ainda quando não fossem chamados , citados , e duvidos , e as causas , porque tenham emanado as presentes Letras , não fossem sufficientemente verificadas , e justificadas , ou por qualquer outra causa , cõr , pretexto , e principio , jámais em tempo algum possão ser taxadas de vicio , de subrepcão , ou obrepcão , ou nullidade , ou da Nossa intenção , ou do consenso dos interessados ; ou por outro

qualquer defeito se possam impugnar, annullar, retracar, controverter, ou reduzir a termos de Direito; ou intentar, e impetrar contra ellas qualquer remedio de abertura de boca, restituição inteira, ou qualquer outro de Direito, de facto, ou de graça, ou ainda quando se impetrem algum destes remedios, ou mesmo se conceda, ou emane de motu, sciencia, e pleno poder, nenhum de taes meios possa servir, nem aproveitar aos sobreditos em juizo, ou fóra delle, pelo contrario estas presentes Letras deverão permanecer sempre firmes, válidas, e efficazes, e sortir os seus plenarios, e inteiros effeitos, e inviolavel, e fixamente as deverão observar aquelles a quem pertence, ou pelo tempo adiante possa pertencer a sua observancia, e assim, e não de outra maneira se deverão julgar, e definir por quaesquer Juizes Ordinarios, e Delegados, e mesmo tambem pelos Auditores das Causas do Palacio Apostolico, e pelos Cardeaes da Santa Igreja Romana, posto que sejam Legados de Latere, e Nuncios da Santa Sé, e por quaesquer outros que gozem, ou hajão de gozar de preeminencia, e poder, pois que a todos estes, e a qualquer delles em particular lhes tolhamos a faculdade, e authoridade de as julgar, e interpretar diversamente; declaramos

do nullo , e sem effeito tudo o que qual-
quer contra isto possa attentar com qual-
quer authoridade ou por sciencia , ou por
ignorancia.

22. Não obstante o sobredito , e até on-
de fôr necessario , a Nossa regra , e da
Chancellaria Apostolica de *Jure quæsito non
tollendo* , e outras Constituições , e Orde-
nações Apostolicas , e outras quaesquer cor-
roboradas com juramento , confirmação A-
postolica , ou por qualquer outro genero de
firmeza , estatutos , e costumes , usos , e es-
tilos ainda immemoriaes : não obstante tam-
bem Privilegios , Indultos , e Letras Apos-
tolicas , e outras pessoas de qualquer con-
dição , ainda conspicuas por qualquer Di-
gnidade Ecclesiastica , ou Mundana , e qua-
lificados de qualquer maneira , e que des-
tes se devesse fazer especial menção debai-
xo de qualquer theor , e fórma de pala-
vras , e com quaesquer derogatorias de
derogatorias , e com outras mais efficazes ,
e efficacissimas , extraordinarias , e irritan-
tes clausulas , e outros Decretos ainda de
motu , sciencia , e plenario poder , e con-
sistorialmente , ou de qualquer outra ma-
neira concedidos , e muitas vezes repeti-
dos , e renovados : a todos , e a cada hum
dos referidos Decretos , Indultos , etc. , ain-
da que destes se devesse fazer especifica ,

expressa, e individual menção palavra por palavra, e não por clausulas geraes, para effeito do que temos estabelecido nestas Letras, por esta vez sómente especial, e expressamente os derogamos, e queremos que sejam derogados, assim como tudo o que for contrario a esta Nossa disposição; permanecendo porém todos no seu vigor, excepto no presente caso.

23. Não se podendo pois publicar estas Nossas presentes Letras indifferentemente em qualquér lugar, e com especialidade nos lugares, em que mais necessario se fazia, como a todos he notorio, queremos que estas, e os seus exemplares se affixem ás portas da Igreja Lateranense, e da Basilica do Principe dos Apostolos, e da Chancellaria Apostolica, e da Curia Geral no Monte Citatorio, e na Praça do Campo de Flora desta Cidade, como he costume, e que assim affixadas, e publicadas obriguem a todos, e a cada hum delles, a quem são dirigidas, como se qualquér delles fosse nomeado pelo seu nome, e pessoalmente lhe fossem intimadas.

24. Por tanto he Nossa vontade que aos transumptos, ou exemplares das mesmas Letras, e tambem aos impressos, indo sobescritos pela mão de qualquér Notario público, e sellados com o sello de alguma

pessoa authorizada por Dignidade Ecclesiastica, se lhes dê em qualquer lugar, ou Paizes aquella mesma fé, que se prestaria ao mesmo original, se fosse exhibido, e mostrado.

Dado em Roma na Igreja de Santa Maria Maior, debaixo do Anel de Pescador no dia 10 de Junho de 1809 ao decimo anno do Nosso Pontificado.

PIO PAPA VII.



2
68998

(17)

THESE THINGS BEING CONSIDERED
THEY HAVE ORDERED THAT THE
SAYED CHURCH SHOULD BE
REPAIR'D AND THE CHURCH
WARDENS SHOULD BE CHARGED
TO DO THE SAME AND TO
SEE THAT THE CHURCH
IS KEPT IN A GOOD
STATE OF REPAIR AND
TO REPORT TO THE NEXT
GENERAL ASSEMBLY OF THE
CHURCH OF SCOTLAND
THE STATE OF THE CHURCH
AND THE PROGRESS OF THE
REPAIRS.

IN WITNESS WHEREOF
THEY HAVE SIGNED THEIR
HANDS AND SEALS AT
EDINBURGH THIS 14TH DAY
OF FEBRUARY 1690.







